



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE LITERATURA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**JACKYELLE FIRMINO MENEZES**

***DEIXE-ME SER EU MESMA: UMA ANÁLISE SOBRE O PAPEL SOCIAL DAS  
MULHERES NA SHOAH EM O DIÁRIO DE ANNE FRANK***

**FORTALEZA**  
**2023**

JACKYELLE FIRMINO MENEZES

*DEIXE-ME SER EU MESMA: UMA ANÁLISE SOBRE O PAPEL SOCIAL DAS  
MULHERES NA SHOAH EM O DIÁRIO DE ANNE FRANK*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Literatura Comparada.

Orientador: Prof. Dr. Atilio Bergamini Junior.

FORTALEZA  
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

M511d Menezes, Jackyelle Firmino.

Deixe-me ser eu mesma : uma análise sobre o papel social das mulheres na Shoah em O diário de Anne Frank / Jackyelle Firmino Menezes. – 2023.  
112 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza, 2023.

Orientação: Prof. Dr. Atilio Bergamini Junior.

1. O diário de Anne Frank. 2. Papel social das mulheres. 3. Shoah. 4. Testemunho. I. Título.

CDD 400

---

JACKYELLE FIRMINO MENEZES

*DEIXE-ME SER EU MESMA: UMA ANÁLISE SOBRE O PAPEL SOCIAL DAS  
MULHERES NA SHOAH EM O DIÁRIO DE ANNE FRANK*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Literatura Comparada.

Aprovada em 29/11/2023.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.º Dr. Atilio Bergamini Junior (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof.ª Dra. Juliana Maia de Queiroz  
Universidade Federal do Pará (UFPA)

---

Prof.ª Dra. Mariana Peceguini Ruggieri  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Anne Frank.  
Você vive, Anne!

## AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Ao meu amado pela força, esperança e amor. Tu tirastes a minha dor e me guiastes à luz. Sem ti, eu nada seria. Sem ti, eu não teria conseguido realizar este trabalho tão importante para mim.

Ao meu orientador Atilio Bergamini por aceitar fazer parte dessa jornada complexa. Eu sou muito grata por ter tido um orientador tão presente, entregue, paciente, generoso e humano. Obrigada por todas as conversas, todas as orientações e, sobretudo, pelo teu olhar respeitoso acerca da minha pesquisa.

Ao meu filho, Billy, por ter sido o meu companheiro nos meus melhores e piores momentos durante esse período; pela alegria, companhia e os lambeijos. É um desafio ser a tua mãe, mas eu amo ser. Você me transborda diariamente!

A minha família por todo apoio e amor.

A todas as pessoas – amigos, colegas, conhecidos, psiquiatras, psicólogos, professores – pela ajuda e carinho.

## RESUMO

A Shoah foi arquitetada, sistematizada e perpetrada pelos nazistas com o objetivo de perseguição sistêmica, exclusão socioeconômica, expropriação, trabalho forçado e extermínio de judeus, ciganos, pessoas com deficiências, negros, poloneses, russos, comunistas, socialistas, testemunhas de Jeová e homens gays. Foi um período marcado por mudanças diversas e a escrita foi uma condutora de esperança, suporte e sobrevivência. O ato de testemunhar, através da escrita, as experiências enquanto vítimas em espaços como esconderijos, guetos, campos de concentração foi uma maneira de enfrentamento e resistência ao sistema nazista. Anne Frank, judia, vítima da desumanidade nazista, escreveu *O diário de Anne Frank* durante o período de dois anos enquanto ela e a família residiram em um esconderijo chamado por ela Anexo, em Amsterdam, na Holanda. Na obra *O diário de Anne Frank*, Anne narra e testemunha os acontecimentos de sua própria vida em que acentua a sua condição judaica e condição feminina. Com isso, temos um testemunho de uma jovem mulher judia que enfrentou as tentativas de silenciamento, apagamento e extermínio. A partir disso, esta pesquisa tem o intuito de analisar o papel social das mulheres na Shoah pela ótica de Anne Frank. Para tanto, o aporte teórico desta pesquisa concentra-se nos autores-testemunhas como Primo Levi, Charlotte Delbo, Olga Lengyel, Miep Gies, Nanette Konig, Willy Lindwer e Eva Schloss, e nos teóricos Saul Friedlander, Márcio Seligmann-Silva, Pierre Vidal-Naquet e Georges Didi-Huberman. A pesquisa também dialoga com a fortuna crítica de *O diário de Anne Frank*. Na análise proposta, refletimos sobre a percepção que Anne Frank desenvolveu em relação ao papel social das mulheres durante a Shoah. Por meio de seus escritos, Anne aborda a condição enfrentada pelas mulheres da época, submetidas às estruturas patriarcais predominantes. Além disso, ela promove a discussão sobre um novo papel social para as mulheres, apresentando uma perspectiva direcionada para essas transformações, visando a conquista da independência, reconhecimento e valorização das mulheres.

**Palavras-chave:** *O diário de Anne Frank*; papel social das mulheres; Shoah; testemunho.

## ABSTRACT

The Shoah was engineered, systematized and perpetrated by the Nazis with the aim of systemic persecution, socioeconomic exclusion, expropriation, forced labor and extermination of Jews, Gypsies, people with disabilities, black individuals, Poles, Russians, Communists, Socialists, Jehovah's Witnesses and men gays. It was a period marked by diverse changes and writing was a conductor of hope, support and survival. The act of witnessing, through writing, experiences as victims in spaces such as hideouts, ghettos, concentration camps was a way of confronting and resisting the Nazi system. Anne Frank, a Jew girl who was a victim of Nazi inhumanity, wrote *The Diary of Anne Frank* over a two-year period while she and her family resided in a hideout called the Annex in Amsterdam, Holland. In the work *The diary of Anne Frank*, Anne narrates and witnesses the events of her own life in which she emphasizes her Jewish condition and female condition. With that, we have a testimony of a young Jewish woman who faced attempts at silencing, erasing and extermination. From this, this research aims to analyze the female role of women to the Shoah from the perspective of Anne Frank. Therefore, the theoretical contribution of this research focuses on author-witnesses such as Primo Levi, Charlotte Delbo, Olga Lengyel, Miep Gies, Nanette Konig, Willy Lindwer and Eva Schloss, and on theorists Saul Friedlander, Márcio Seligmann-Silva, Pierre Vidal -Naquet and Georges Didi-Huberman. The research also dialogues with the critical fortune of *The Diary of Anne Frank*. In the proposed analysis, we reflect on the perception Anne Frank developed regarding the social role of women during the Shoah. Through her writings, Anne addresses the condition faced by women of that time, subjected to prevailing patriarchal structures. Furthermore, she fosters the discussion about a new social role for women, presenting a perspective directed toward these transformations, aiming to achieve independence, recognition, and valorization of women.

**Keywords:** *The Diary of Anne Frank*; women's role; Shoah; testimony.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Anexo Secreto .....	18
Figura 2 - Planta do Anexo Secreto .....	19
Figura 3 – Anexo Secreto .....	19
Figura 4 – A escrivaninha de Anne Frank e Sr. Dussel no Anexo Secreto .....	21
Figura 5 – Bergen-Belsen .....	23
Figura 6 – Lápide em homenagem à Anne e Margot Frank em Bergen-Belsen .....	24
Figura 7 – O diário de Anne Frank .....	25
Figura 8 – O diário de Anne Frank .....	25
Figura 9 - <i>Het Achterhuis</i> .....	30
Figura 10 - Artigo da Sis Heyster na revista <i>Libelle</i> .....	98

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2. ANNE FRANK: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-BIOGRÁFICA</b> .....	14
<b>2.1 Anne Frank</b> .....	14
<b>2.2 <i>O diário de Anne Frank</i></b> .....	24
<b>2.3 Shoah: perspectivas históricas e literárias</b> .....	32
<b>2.4 O testemunho de Anne Frank.</b> .....	47
<b>3. MULHERES: PANORAMA GERAL</b> .....	55
<b>3.1 O papel social das mulheres arianas</b> .....	57
<b>3.2 O papel social das mulheres judias</b> .....	62
<b>3.3 Anne Frank: experiência concentracionária</b> .....	68
<b>4. O UNIVERSO FEMININO DE ANNE FRANK</b> .....	83
<b>4.1 A ótica de Anne Frank sobre o papel social das mulheres na Shoah</b> .....	84
<b>4.2 Anne Frank: a descoberta de si</b> .....	91
<b>5. UMA CARTA AO MODO DE CONCLUSÃO</b> .....	99
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	105

## 1. INTRODUÇÃO

As formas de degradação da vida humana podem ser extremamente diversas e abrangem diversos aspectos, incluindo o físico, o psicológico, o emocional e o espiritual. Isso se torna ainda mais sombrio quando se trata de uma degradação total, como a que ocorreu durante o regime nazista. O nazismo se empenhou em despir as vítimas de sua identidade, crenças e humanidade de todas as maneiras possíveis. Isso envolveu a imposição de situações de opressão, exclusão, perseguição e, em última instância, o extermínio de grupos inteiros de pessoas. Judeus, ciganos, pessoas com deficiências, negros, poloneses, russos, comunistas, socialistas, testemunhas de Jeová e homens gays foram alvos do nazismo, que tentou apagar sua existência e identidade.

Em esconderijos, guetos, campos de concentração, campos de trabalho forçado e locais de extermínio, as vítimas foram submetidas a uma luta constante pela sobrevivência. À medida que enfrentavam as circunstâncias brutais, suas psiques, rotinas e suas vidas como um todo eram gradativamente dominadas por uma complexa mistura de emoções, incluindo medo, desespero, tristeza e raiva.

Esses locais de opressão e sofrimento se tornaram cenários de horror, onde a dignidade humana foi sistematicamente negada. A resiliência e a força das vítimas que enfrentaram essas condições adversas são um testemunho da extraordinária capacidade do espírito humano de perseverar em meio à adversidade. É fundamental lembrar e honrar as vítimas dessas atrocidades e garantir que tais horrores nunca se repitam.

Em *Eu sobrevivi ao Holocausto*, a sobrevivente e amiga de Anne Frank, Nanette König tece um questionamento acerca da existência da Shoah: “Quando o mundo se lembra dos acontecimentos do Holocausto, se pergunta: como pudemos deixar isso acontecer? Como o ser humano pôde ser capaz de tamanha brutalidade, de tamanho desamor?” (KONIG, 2015, p. 7). Esta indagação nos conduz a uma reflexão sobre a natureza devastadora da crueldade e desumanidade que ocorreram durante a Shoah. É uma lembrança dolorosa de como a humanidade pode falhar e se envolver em atos de brutalidade. A história da Shoah serve como um lembrete constante da importância de lembrar, estudar e discutir esses eventos sombrios para evitar que genocídios e atrocidades semelhantes ocorram novamente. A educação sobre a Shoah desempenha um papel crucial na prevenção de futuras tragédias, promovendo a empatia, a tolerância e a compreensão entre as pessoas. É nossa responsabilidade como sociedade não apenas lembrar as vítimas desse genocídio, mas também lutar por um mundo onde a

intolerância, o preconceito e a violência sejam coisas do passado. Devemos trabalhar para garantir que a história da Shoah não seja esquecida e que lições valiosas sejam extraídas desse capítulo da história, para que genocídios não tenham lugar em nosso futuro.

Acreditamos ser essencial estabelecer uma definição clara e uma explicação para o termo que será empregado nesta dissertação. Alguns termos, tais como Holocausto, Shoah, Churban, Solução Final e Auschwitz, são comumente utilizados para fazer referência ao genocídio perpetrado pelos nazistas.

O termo Holocausto é, sem dúvidas, o termo mais reconhecido e utilizado para descrever o extermínio de milhões de pessoas durante a Segunda Guerra Mundial. Pode ser encontrado em produções cinematográficas, televisivas, literárias ou em trabalhos acadêmicos. Embora não se saiba ao certo se foi o escritor, poeta e teólogo Elie Wiesel, vencedor do Prêmio Nobel da Paz em 1986, o primeiro a cunhá-lo, é inegável que ele desempenhou um papel fundamental em popularizar esse termo. No entanto, é importante observar que este termo também tem sido objeto de discussão e controvérsia devido às conotações religiosas que sugere, uma vez que historicamente se referia a sacrifícios religiosos. Esta palavra, apesar de sua consagração pela historiografia, carrega uma conotação de sacrifício e imolação, o que pode ser desconfortável para algumas comunidades, como a judaica e cristã (NARCIZO, 2012, p. 29).

Neste trabalho, adotaremos o termo Shoah, que foi oficialmente escolhido pelo Estado de Israel em 12 de abril de 1951, durante o Dia Nacional da Lembrança (ROUDINESCO, 2010, p. 138). A palavra "Shoah" [שואה], do hebraico que significa "calamidade" ou "catástrofe," é o termo que designa a perseguição e o assassinato dos judeus na Europa durante o domínio do Terceiro Reich.

No que tange ao enfrentamento das mulheres judias contra a Shoah, podemos nos debruçar acerca do papel delas na sociedade. O sofrimento enfrentado pelas mulheres judias durante a Shoah é uma narrativa de extrema dor e resiliência. Elas foram submetidas a uma combinação de violências, tanto físicas quanto morais, que as marcariam para sempre.

Na visão distorcida do nazismo, as mulheres judias eram estigmatizadas como "impuras" e como propagadoras de uma raça "degenerada". A degradação sistemática das mulheres sob o nazismo incluía torturas físicas, como estupro, aborto forçado, experimentos médicos desumanos, fome e trabalho escravo, bem como o ataque à sua identidade pessoal, pelo corte de cabelo, tatuagens com números de identificação e, em última instância, a morte nas câmaras de gás.

Além disso, as mulheres enfrentaram violência moral em sua forma mais cruel. Elas eram ameaçadas de morte, insultadas e separadas de seus entes queridos, o que causava

profundo sofrimento emocional e psicológico. A brutalidade da Shoah afetou a dignidade, a integridade e a humanidade das mulheres judias.

Contudo, a resiliência dessas mulheres, que sobreviveram a condições tão desumanas, e a coragem de testemunhar suas histórias durante e após a Shoah exemplificam sua força e determinação. Suas experiências devem nos lembrar da necessidade de prevenir e resistir a qualquer forma de discriminação e intolerância, para que tais horrores nunca mais ocorram.

Diante de um cenário marcado por sofrimentos, muitas escritas de si surgiram com o intento de uma busca de fuga da realidade, refúgio, consolo, esperança e de resistência, entre elas, o testemunho de Anne Frank. Anne Frank, mulher, judia, vítima do sistema nazista, testemunha e autora de *O diário de Anne Frank, corpus* deste trabalho. Aos treze anos, devido a sua condição judaica, Anne Frank foi forçada a viver em um esconderijo, que denominou de Anexo Secreto, com a sua família e quatro moradores durante o período de dois anos. Durante o período de clandestinidade e enclausuramento, que compreende os dias de 6 de julho de 1942 a 4 de agosto de 1944, Anne Frank deu início ao seu processo de escrita. Ao se deparar com uma realidade constituída de privação de direitos, de perseguições, de violências e assassinatos, a autora encontrou refúgio e esperança na escrita. O ato de confessar as suas angústias, pensamentos e perspectivas para a amiga imaginária Kitty ofereceu a ela uma noção de segurança, um grito de liberdade e de resistência no que concerne a sua condição judaica e feminina.

Hoje em dia, Anne Frank e o seu diário são conhecidos mundialmente. O testemunho dela tem sido lido, discutido e sentido por inúmeras pessoas. Eu fui uma delas. Anne foi uma menina judia à frente de seu tempo, que se questionou sobre sua própria humanidade, sua condição de vítima e seu potencial como agente de transformação no mundo. Ela era uma jovem corajosa e resiliente, cujo coração era repleto de esperança e amor. Anne enfrentou algumas das circunstâncias mais terríveis que o mundo já viu, mas manteve sua determinação e desejo de viver. Apesar de tudo o que ela suportou, Anne Frank continua viva em nossos corações e suas lições perduram. Ela nos ensinou, como mulheres e seres humanos, que podemos ter voz, lutar por um mundo melhor e acreditar em dias mais promissores. O legado de Anne Frank nos inspira a não esquecer o passado e a trabalhar em direção a um futuro mais inclusivo, tolerante e justo. Suas palavras e sua história continuam a ressoar, motivando-nos a ser agentes de mudança e a defender a igualdade, a compaixão e a paz em todo o mundo.

Propomo-nos nesta dissertação a analisar o papel social das mulheres na Shoah pela ótica de Anne Frank. Trataremos de discussões pertinentes à questão de gênero evidenciada naquela época, papéis sociais das mulheres e a própria condição feminina da autora.

A fim de atingir o propósito desta pesquisa, compomos o primeiro capítulo em três seções em que a primeira seção apresenta uma contextualização biográfica e história acerca de Anne Frank e d'*O diário de Anne Frank* para conhecermos e compreendermos o mundo dela. A segunda seção é composta por um panorama histórico-social sobre a Shoah, em que dividimos em duas partes, a primeira sendo a perspectiva da autora sobre a Shoah, e a segunda é formada pela perspectiva de outros autores-testemunhas que sobreviveram e escreveram sobre. A terceira seção é sobre o testemunho de Anne Frank, isto é, a importância da escrita e de seu testemunho para ela.

No segundo capítulo, nosso objetivo é fornecer um panorama histórico e social dos papéis desempenhados pelas mulheres arianas e judias no regime nazista, juntamente com uma análise da experiência de Anne Frank em campos de exclusão. Neste contexto, apresentaremos uma visão geral dos papéis desempenhados pelas mulheres durante a Shoah, destacando suas diferentes experiências e desafios. Além disso, optamos por incluir a experiência concentracionária de Anne Frank neste capítulo, a fim de aprofundar nossa compreensão de como uma jovem mulher judia viveu em espaços de exclusão, oferecendo uma perspectiva sobre as dificuldades e adversidades enfrentadas por mulheres durante esse período.

No terceiro capítulo, nossa intenção é realizar uma análise e discussão do ponto de vista de Anne Frank sobre o papel das mulheres durante a Shoah, bem como explorar sua jornada de autodescoberta. Colocaremos em destaque a narrativa de Anne para demonstrar como esses processos se desenrolaram, abordando tanto a perspectiva dela sobre as mulheres no contexto da Shoah quanto sua própria jornada de autodescoberta, com ênfase em aspectos sociais, psicológicos e biológicos.

É necessário salientar que *O diário de Anne Frank* tem diferentes versões. Duas delas foram feitas pela própria Anne. A primeira é conhecida como a *versão A*, escrita no período entre 12 de junho de 1942 a 29 de março de 1944; a segunda, *versão B*, escrita por Anne no período entre 20 de junho de 1942 a 29 de março de 1944, depois de ela ouvir pela rádio o discurso do ministro da educação holandês, Gerrit Bolkestein, que, exilado em Londres em razão da invasão do exército nazismo, indicava que as testemunhas mantivessem anotações a respeito do seu dia-a-dia, para documentar o que estava acontecendo. Ao escutar a notícia, Anne pensou que teria a oportunidade de publicar o seu diário e se tornar uma escritora famosa. Otto Frank enviaria para Bolkestein, em 1947, um exemplar dos diários de Anne, que possivelmente o leu, indicando em carta a Otto o longo caminho que ainda era preciso trilhar para elaborar o que havia acontecido.

A terceira versão é a *versão C*, intitulada *Het Achterhuis*, ou *O Anexo*, a qual teve alterações feitas por Otto Frank, pai de Anne, sendo então editada por ele. Nesta *versão C*, a que foi inicialmente publicada, em 1947, Otto não considerou apropriado publicar passagens sobre a sexualidade de Anne, a relação com a mãe, bem como os comentários agressivos que Anne escrevia sobre os outros residentes do Anexo. Nas versões *B* e *C*, os pseudônimos usados por Anne para designar os habitantes do Anexo permaneceram para a preservação e segurança das pessoas envolvidas (cf. FRANK, 2019; SANTOS, 2012). Em 1991, na Suíça, por encargo da Anne Frank Fonds, a pesquisadora Mirjam Pressler compilou uma versão mais extensa, a *versão D*, mais abrangente que a *versão C*, visto que passagens omitidas por Otto Frank na *versão C* foram incluídas (cf. FRANK, 2019, p. 608).

Neste trabalho utilizamos a *versão D*, pois consideramos que teríamos informações mais aprofundadas e que seriam imprescindíveis para a realização desta pesquisa.

## 2. ANNE FRANK: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-BIOGRÁFICA

### 2.1 Anne Frank

O presente capítulo inicia-se por um prisma biográfico, que é uma das maneiras de criar fundamentos de compreensão para a interpretação dos diários, a partir dos quais se busca compreender a história e memórias, marcadas pela barbárie, de Anne Frank. Para elucidar a história de Anne Frank, partimos das notas de Miep Gies, responsável por ajudar os membros do Anexo ou Esconderijo, conforme veremos a seguir, e por ter escondido, protegido e preservado os escritos de Anne, parte dos quais, posteriormente, se tornaria um diário e seria publicada, tendo repercussão mundial.

Anne era espontânea e, por vezes, ainda infantil, mas gradualmente despertava nela uma nova maturidade e um recato típicos da mocidade, com trejeitos de coquete. Ela se refugiou no esconderijo como menina, mas voltaria a ser livre como mulher. Eu tinha uma afinidade especial com Anne, que passava uma fase tão importante da vida e enfrentando aqueles tempos assustadores. Havia tantas coisas bonitas para uma jovem de 14 anos que estava apenas começando a descobrir a própria beleza. E, infelizmente, coisas bonitas eram o que mais estava em falta. Creio que, algumas vezes, Anne se sentia bonita e, em outras, se sentia feia (GIES, 2017, p. 129-130).

Antes de aprofundar a história de Anne Frank, escolhemos este trecho para mostrar a personalidade e identidade dela desde a perspectiva de uma pessoa que a amava. Gies nos mostra a transição pela qual Frank estava passando, da infância para a adolescência; as palavras “nova maturidade”, “fase”, “menina”, “mulher”, “descobrir” referem-se ao período em que Anne tentava entender a própria identidade, as próprias opiniões, transformações, sentimentos e descobertas. Ainda neste excerto, há um tom de lamento por parte de Gies, uma vez que Anne possuía planos de vida, familiares amorosos, amigos, estudava em uma escola boa e tudo isso foi violentamente interrompido. Além disso, essa passagem provoca uma interpretação e compreensão sobre Anne, que vai além dos seus escritos, visto que temos um relato de uma mulher, Gies, que resistiu a um sistema dominado por homens que possuía o objetivo de assassinar pessoas e, ainda assim, lutou para que Anne e a sua família sobrevivessem.

Menina, alemã, judia e refugiada, “Anne Frank apesar da pouca idade, se mostrava uma mulher cheia de força interior e com bastante coragem, a quem os quase dois anos de cárcere



forçado não havia minado a rebeldia e a esperança” (BATISTA e SILVA, 2020, p. 235). Para tornar tangível a história e memória de Anne Frank, acompanhemos o que ela própria escreveu no seu diário:

Meu pai, o pai mais adorável que conheço, só se casou com minha mãe quando tinha 36 anos, e ela, 25. Minha irmã Margot nasceu em Frankfurt am Main, na Alemanha, em 1926. Eu nasci em 12 de junho de 1929. Morei em Frankfurt até completar 4 anos. Como éramos judeus, meu pai emigrou para a Holanda em 1933, quando se tornou diretor-administrativo da Dutch Opetka Company, que fabrica produtos para fazer geleia. Minha mãe, Edith Hollander Frank, juntou-se a ele na Holanda em setembro, enquanto Margot e eu fomos mandadas a Aachen, para ficarmos com nossa avó. Margot foi para a Holanda em dezembro, e eu, em fevereiro, quando me puseram sobre a mesa como presente de aniversário para Margot. Entrei imediatamente na pré-escola Montessori. Fiquei lá até os 6 anos, quando comecei a primeira série. Na sexta série, minha professora era a Sra. Kuperus, a diretora. No fim do ano, nós duas choramos quando dissemos um adeus de partir o coração, porque me aceitaram no Liceu Israelita, que Margot também frequentava (FRANK, 2019, p. 26-27).

A autora ao escrever “como éramos judeus” alude para a condição judaica na Europa nazista. Há referências a espaços diversos, como Frankfurt, Holanda, Aachen, escola Montessori, Liceu Israelita, fábrica, que acentuam a condição judaica na época. Ao serem perseguidos, judeus enfrentaram proibições, exclusões, massacres, deportações e assassinatos, e, para uma tentativa de sobrevivência, a emigração foi uma opção para Otto, pai de Anne Frank. As marcações temporais, como idades, anos, meses, séries escolares indicam uma transição dos anos iniciais de Anne até a partir de janeiro de 1933 quando a sua vida começaria a mudar completamente, em razão da nomeação de Adolph Hitler como chanceler alemão, como veremos a seguir.

Partindo do próprio relato da autora, Annelies Marie Frank, comumente conhecida por Anne Frank ou, para os mais íntimos, apenas Anne, nasceu no dia 12 de junho de 1929 às 7h30min em uma maternidade em Frankfurt (MÜLLER, 1998). Seus pais eram Edith Hollander Frank e Otto Heinrich Frank e ela tinha uma irmã, Margot Betti Frank. Após o nascimento de Margot, a família Frank morou na rua Marbachweg, número 307, em Frankfurt am Main, na Alemanha, para evitar intromissões da família na educação dela. “Otto tinha anunciado que queria que as suas filhas crescessem livres, o que significa que ele desejava viver num ambiente liberal, isento de limites sociais” (PRESSLER *in* FRANK, 2019, p. 572). Em 1931, a situação financeira da Alemanha piorou e, por causa disso, eles foram obrigados a viver de aluguel em uma casa menor e mais barata no bairro dos poetas em Ganghoferstrabe. Em maio de 1933, a

família decidiu se mudar mais uma vez para a casa da mãe de Otto, Alice, na Mertonstrasse, visto que Otto e Edith já tinham morado na casa dela após a lua de mel.

“Em 30 de janeiro em 1933, o presidente Hindenburg nomeou Adolf Hitler chanceler do Reich. Em 1º de abril de 1933, teve início o grande boicote nacional-socialista de instituições judaicas, lojas, consultórios médicos, escritórios de advogados, etc.” (PRESSLER *in* FRANK, 2019, p. 573). Anne Frank refere-se ao momento que as vidas dos judeus começaram a tomar proporções preocupantes, em razão de atos de terror que começaram a acontecer e pelas medidas antijudaicas de exclusão sistemática que evidenciavam a onipresença da ideologia nazista dentro do sistema (FRIEDLANDER, 2012, p. 41). Analisada por Saul Friedlander, historiador, filho de pais assassinados em Auschwitz, e autor de *A Alemanha nazista e os judeus*, estudo de grande presença no campo de discussão do genocídio perpetrado pelos nazistas contra os judeus, a onipresença da ideologia nazista baseava-se em um “antisemitismo redentor”. Em resumo, trata-se da ideia de que ao aniquilar os judeus, todos os problemas da Alemanha seriam resolvidos.

As medidas antijudaicas visavam atingir todas as esferas da vida judaica, pois as “suas liberdades tinham sido roubadas, uma a uma; seu trabalho, sua mobilidade. Muito tempo livre e muita indolência forçada eram um fardo enorme para carregar. Tempo demais para refletir, tempo demais para pensamentos e medos angustiantes” (GIES, 2017, p. 73). Com isso, alguns judeus – citamos alguns porque, apesar dos ataques e medidas, a grande maioria, aproximadamente 525 mil judeus alemães, não possuíam sentimento manifesto de pânico ou mesmo de urgência (FRIEDLANDER, 2012, p. 44) – ao observar a situação, reagiram e decidiram deixar a Alemanha e emigrar para outros países que não haviam ainda sido ocupados pelas tropas nazistas alemães, ocorrendo, então, o êxodo de judeus durante os primeiros meses de 1933. Por causa disso, a família Frank decidiu emigrar para Amsterdã, na Holanda, cidade escolhida pelos seguintes motivos: o primeiro era a permanência neutra do país durante a Primeira Guerra Mundial, e, assim, o pensamento era de que era seguro estar lá; o segundo e principal motivo era que o cunhado de Otto cuidou de tudo financeiramente para que a família Frank pudesse se sustentar (PRESSLER *in* FRANK, 2019, p. 556).

Com isso, as oportunidades de crescimento financeiro e de liberdade se tornaram decisivas para Otto. Ele decidiu emigrar sozinho para fundar a empresa Opekta que comercializava pectina e especiarias enquanto Edith e as filhas permaneceram na casa de Hollander, mãe de Edith, em Aachen – uma cidade alemã localizada na fronteira com a Bélgica e a Holanda – conforme relato pela própria Anne no trecho analisado anteriormente. Mais tarde, Edith e Margot juntaram-se a ele. Anne, ainda muito pequena, ficou com a sua avó materna em

Aachen e, assim, foi a última a emigrar em fevereiro de 1934. Em 1934, a família estava reunida para iniciar sua jornada em Amsterdã. “Em 26 de março de 1935, [Anne] foi registrada na Escola Montessori, uma escola com ênfase na individualidade dos alunos. Foi nesta altura que Anne começou a escrever as primeiras histórias” (SCHNABEL, 2003).

Em 10 maio de 1940, o exército alemão invadiu a Holanda e as restrições referentes aos direitos econômicos e sociais dos judeus se iniciaram. Anne teve que estudar em uma outra escola, denominada Liceu Judaico uma vez que, de acordo com as limitações impostas, as crianças judias não podiam frequentar as mesmas escolas que as crianças não-judias (PRESSLER *in* FRANK, 2019, p. 574).

Em 1942, diante de todas as medidas nazistas contra os judeus, Otto planejou se esconder com a família e decidiu contar o seu plano para Miep Gies: “Miep – ele começou – preciso confessar um segredo... Edith, Margot, Anne e eu estamos planejando nos refugiar... nos esconder. Nós vamos juntos com Van Daan, a esposa e o filho dele” (GIES, 2017, p. 72). Gies revela em seu livro que o Sr. Koophius, funcionário da empresa, teve a ideia do esconderijo e os dois – Otto e ele – foram os primeiros a desenvolver o plano. Após isso, conversaram com a família Van Daan para se juntar a eles (GIES, 2017, p. 101). Ao longo dos meses, os Frank foram organizando a mudança e haviam concordado que iriam para o esconderijo no dia 16 de julho (FRANK, 2019, p. 43).

Apesar da propagação de ódio aos judeus, das proibições e dos ataques executados pelos nacionais-socialistas contra a população judaica, a vida da família Frank estava ainda em condições favoráveis, planejadas e sem muitas interrupções até que “no domingo, 5 de julho de 1942, um policial bate à porta com uma convocação para Margot Frank. Ela teria que se apresentar às autoridades e seria enviada para trabalhar na Alemanha nazista” (cf. Casa Anne Frank). Por causa da convocação de Margot, em 6 de julho de 1942, a família decidiu antecipar a sua entrada para a clandestinidade. A partir desse momento, eles iniciaram a experiência de estar em um esconderijo, nomeado por Anne Frank em holandês, sua língua materna, de “Het Achterhuis”; em tradução literal para o português, Anexo Secreto, ligado ao prédio em que Otto possuía a sua empresa no Prinsengracht, número 263.

Além dos Frank, a família van Pels (que Anne recriou no diário como a família van Daan) e, mais tarde, Fritz Pfeffer (que Anne chamava no diário Albert Dussel) se juntaram a eles. As famílias permaneceram juntas e escondidas por dois anos e um mês sendo abastecidas e protegidas pelos funcionários e ajudantes Miep e Jan Gies, Johannes Kleiman, Victor Kugler e Bep Voskuijl (FRANK, 2019, p. 574).

O esconderijo possuía uma estrutura de três andares, em que dois andares eram

associados à empresa de Otto, enquanto o terceiro era o Anexo propriamente dito. Anne descreveu assim a sua moradia:

Logo na frente fica uma escada íngreme. À esquerda há um corredor estreito indo até um cômodo que serve de sala de estar e quarto para a família Frank. Ao lado fica um cômodo menor, o quarto e local de estudo das duas moças da família. À direita da escada fica um lavatório sem janela, com uma pia. A porta do canto dá na toailete e a outra no nosso quarto, meu e de Margot. Se você subir e abrir a porta no alto da escada, terá a surpresa de ver um cômodo tão grande, claro e espaçoso numa casa antiga junto ao canal como esta. No cômodo tem um fogão e uma pia. Aqui será a cozinha e o quarto do Sr. e Sra. van Daan, bem como uma sala de estar, de jantar e de estudos de uso comum. E, então, à semelhança da parte baixa do prédio, há o sótão (FRANK, 2019, p. 46).

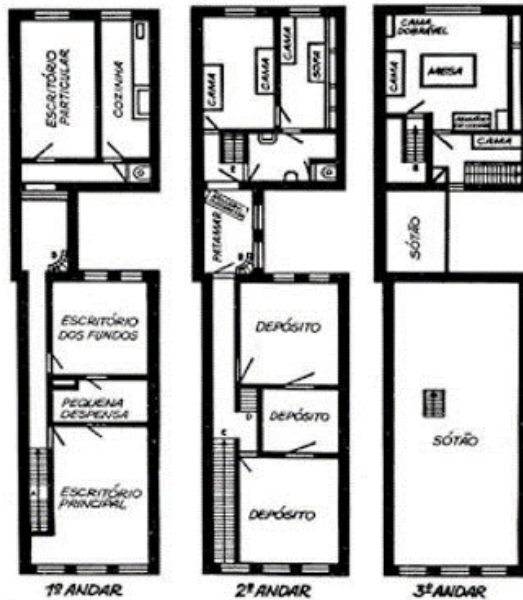
Além das descrições que Anne Frank fez em seu diário, temos a oportunidade de conhecer o Anexo Secreto por meio de imagens que nos permitem preservar o local onde ela e os demais moradores passaram dois anos de suas vidas. Nas três figuras a seguir, apresentamos diferentes perspectivas do Anexo Secreto, incluindo a vista externa, a planta e os espaços internos. Essas imagens desempenham um papel fundamental ao nos transportar para o ambiente que Anne chamou de lar por um período, permitindo-nos concretizar sua experiência de uma maneira mais tangível.

Figura 1 – Anexo Secreto



Fonte: Collection: MAI/ Amsterdam/ photographer: Carel Blazer

Figura 2 – Planta do Anexo Secreto



Fonte: Collection: Anne Frank Stichting, Amsterdam / design: Studio05

Figura 3 – Anexo Secreto



Fonte: Photocollection: Anne Frank Stichting, Amsterdam.

Na descrição de Anne acerca do Anexo, evidenciam-se lugares de estudo no planejamento do espaço, o que era importante para os integrantes do esconderijo, pois Anne comenta que “as

peças por aí não sabem o significado dos livros para quem está recluso. Ler, estudar e ouvir são as nossas únicas distrações” (FRANK, 2019, p. 100). Dando importância aos estudos das filhas, “o Sr. Frank supervisionava o aprendizado das crianças no esconderijo. Esperava-se rigor nos estudos; o Sr. Frank corrigia os exercícios” (GIES, 2017, p. 101).

Na entrada de 13 de julho de 1943 do diário, Anne lutou com o Sr. Dussel por seu espaço para estudar e escrever. Ela não aceitou a condição dada por ele, visto que houve uma tentativa de invalidar os estudos dela. Quando ocorre o diálogo entre eles, ele diz: “– [E]u também tenho de trabalhar. Se eu não conseguir trabalhar na parte da tarde, perco o meu prazo. Esse seu estudo de mitologia não é sério. Que tipo de trabalho é esse? Ler e tricotar também não são trabalho. Sou eu quem usa a escrivinha e vou continuar usando” (FRANK, 2019, p. 100). Diante dessa fala, podemos refletir sobre a dominação masculina, que iremos aprofundar melhor em outros capítulos, a qual toca o papel da mulher na sociedade patriarcal. Pierre Bourdieu afirma que a dominação masculina encontra reunidas todas as condições de seu pleno exercício. A prioridade universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, que são baseadas em uma divisão sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e social e que confere aos homens a melhor parte (BORDIEU, 2002, p. 21).

Quando o Sr. Dussel questiona “que tipo de trabalho é esse?” e nega que “ler e tricotar também não são trabalho” entende-se que, naquela época, as estruturas produtivas das mulheres se destinavam às esferas privadas, como tarefas domésticas e ao seio da família que configuram o modelo tradicional da condição feminina” (BORDIEU, 2002, p. 54), isto é, às mulheres foram negadas as esferas públicas, as quais eram dominadas por homens. A frase que encerra o diálogo “sou eu quem usa a escrivinha e vou continuar usando” indica a dominação masculina e o silenciamento impostos às mulheres.

A tentativa de dominar e silenciar Anne não foi eficaz, e, com isso, o Sr. Dussel utilizou uma outra maneira de “vencer” a luta. Desta vez, usou a comparação entre duas mulheres, Anne Frank e Margot, com o intuito de a inferiorizar: “Você é o tipo de pessoa que está sempre procurando briga. Se fosse a sua irmã Margot, quem tem mais motivos para querer usar a escrivinha, quem tivesse vindo com esse pedido, nem passaria pela cabeça recusar, já você...” (FRANK, 2019, p. 101). Nesse caso, Anne é comparada a Margot e é inferiorizada, pois ele, de modo oculto, ao usar a ideia de que Margot tinha “mais motivos” para estudar, sugere que Margot possui prioridade no uso da escrivinha, devido ser considerada mais estudiosa que Anne. A ideia de Margot ser inteligente, dedicada e comportada é acentuada em algumas passagens do diário, como esta: “a Margot não precisa aprender mais nada – ela é a

personificação da bondade, da afabilidade e da inteligência; eu, no entanto, carrego o excedente da cota da marotagem dela” (FRANK, 2019, p. 49).

Figura 4 - A escrivaninha de Anne Frank e Sr. Dussel no Anexo Secreto



Fonte: Photocollection: Anne Frank Stichting, Amsterdam / photo: Allard Bovenberg

Acerca da escrita, Gies conta que “Anne continuava a fazer mistério sobre o que escrevia, e sempre escondia os papéis da velha maleta de couro do pai, que era guardada na segurança do quarto dele” e que “os Frank prezavam o respeito pela privacidade alheia, inclusive das crianças, e havia tão pouca privacidade no esconderijo, Anne era sempre levada a sério e respeitada. Ninguém ousava tocar nos papéis dela ou ler as suas palavras sem permissão” (2017, p. 118).

Em junho de 1942, ao completar 13 anos, Anne ganhou um diário de presente de aniversário e começou a tecer os seus testemunhos acerca do seu cotidiano no Anexo; a relatar a sua vivência como clandestina e enclausurada durante dois anos; a documentar os horrores da Segunda Guerra Mundial e da Shoah.

Anne menciona em seu diário que “há muito tempo você sabe que o meu maior desejo é ser jornalista, e mais tarde uma escritora famosa. De qualquer modo, depois da guerra, eu gostaria de publicar um livro chamado *O Anexo Secreto*” (FRANK, 2019, 357). Portanto, o seu desejo de ser escritora famosa se concretizou e o seu diário pessoal tornou-se *O diário de Anne Frank*, lido, discutido e estudado em todo o mundo.

Anne Frank, enquanto escritora, não escreveu apenas *O diário de Anne Frank* – ainda que seja a sua obra mais conhecida –, escreveu o *Livro de contos* e *Contos e acontecimentos do*

*Anexo* que retratam os seus dias de escola, o cotidiano no Anexo Secreto e contos de fadas criados por ela, totalizando 34 narrativas. Também estão entre suas produções *O Livro das Belas Frases*, em que ela copiava frases e passagens de livros que lia no esconderijo e *A vida de Cady*, romance não concluído (FRANK, 2019, p. 281; cf. também Casa Anne Frank).

Mas o trabalho de Anne com a escrita foi violentamente interrompido. Em um cenário de momentos conflituosos em que os sentimentos e emoções oscilavam entre medo, ansiedade, alegria e esperança, as famílias Frank, van Pels e Fritz Pfeffer foram traídas e descobertas. Depois de uma denúncia, no dia 4 de agosto de 1944, às 10h30min – ou, de acordo com outras fontes, como a própria Gies, um pouco mais tarde, entre 11h e 12h –, Karl Josef Siberbauer – um oficial da Tropa de Proteção da Schutzstaffelu (Esquadrão de Proteção, mais conhecido como SS, que possuía a função de proteger os líderes nazistas) – e policiais holandeses arrombaram o Anexo Secreto e prenderam os ocupantes e dois ajudantes, Johannes Kleiman e Victor Kugler. De acordo com informações de Willy Lindwer, pesquisador da Shoah que fez um alentado documentário, depois transformado em livro, a respeito dos últimos sete meses da vida de Anne Frank, a princípio, os habitantes do Anexo foram levados em um caminhão para o quartel de Sicherheitsdienst (Serviço de Segurança Alemã, conhecido como SD) na rua Euterpestraat (2015, p. 14), local em que os detidos eram interrogados.

No dia seguinte, “a família Frank foi transferida para Huis van Bewaring, um presídio em Weteringschans. Em 8 de agosto, eles foram transportados da principal estação de trem de Amsterdã para o campo de concentração de Westerbork” (LINDWER, 2015, p. 14). Sendo o campo de Westerbork um campo de trânsito, a família Frank não permaneceu lá: foi levada para o campo de extermínio de Auschwitz-Birkenau no dia 3 de setembro de 1944. Ao chegar em Auschwitz-Birkenau após uma viagem desumana, a família foi separada. Assim, Anne, Margot e Edith foram levadas ao galpão 29, no campo das mulheres. Havia uma divisão espacial determinada por gênero, a qual alguns campos e/ou instalações eram destinados às mulheres.

Ravensbruck, inaugurado em maio de 1939, foi o único campo de concentração nazista construído para mulheres. Já em 1942, o complexo de Auschwitz-Birkenau destinado para as mulheres foi construído. E em 1944, a extensão feminina foi construída em Bergen-Belsen. Apesar de serem áreas exclusivas para mulheres, as autoridades nazistas acreditavam que deviam ser administradas pelos mesmos moldes dos campos para homens, o que significava que as guardas deveriam responder ao comandante da SS. Com isso, as mulheres que exerciam a função de guarda não detinham qualquer posição oficial, em que não só estavam subordinadas aos homens, como não possuíam distintivos nem posto, e eram meras “auxiliares” da SS (HELM, 2019, p. 15-33; ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO).



Anne e Margot permaneceram por quase dois meses em Auschwitz-Birkenau, no chamado Kratzblock, ou “galpões de sarna”. Edith não queria deixar as filhas e ficou com elas até as duas serem enviadas para Bergen-Belsen, provavelmente no dia 28 de outubro de 1944. Em 6 de janeiro de 1945, Edith Frank morreu, vítima do sofrimento e da exaustão, em Auschwitz-Birkenau (LINDWER, 2015, p.16).

O campo Bergen-Belsen foi fundado em 1940, localizado ao sul das cidades Bergen e Belsen, a 17 quilômetros ao norte de Celle, na Alemanha. Em sua composição inicial, havia três campos principais: o de prisioneiros de guerra, de residência e de prisioneiros comuns. Bergen-Belsen havia servido, até 1943, como um campo exclusivo para prisioneiros de guerra; nele, ficavam detidos presos judeus, prisioneiros políticos, ciganos, criminosos, Testemunhas de Jeová e homossexuais. Perto do fim da guerra, com a chegada das forças aliadas que avançavam na Alemanha, Bergen-Belsen se tornou um campo para coleta de milhares de prisioneiros judeus evacuados dos campos mais próximos. Por causa disso, no início de 1945, as péssimas condições sanitárias, como falta de alimentos, água, superlotação causaram um surto de doenças, como o tifo, tuberculose e a disenteria (ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO). Entre milhares de judeus contaminados, estavam Anne e Margot, que morreram de tifo com poucos dias de diferença em meados de março de 1945. Provavelmente elas foram enterradas em covas coletivas. Semanas antes, em janeiro de 1945, Otto Frank, que permaneceu no complexo de Auschwitz, fora libertado pelos soldados russos (FRIEDLANDER, 2012, p. 718).

Figura 5 – Bergen-Belsen



Fonte: George Rodger The LIFE Picture Collection/Shutterstock

Figura 6 – Lápide em homenagem à Anne e Margot Frank em Bergen-Belsen



Fonte: Getty Imagens

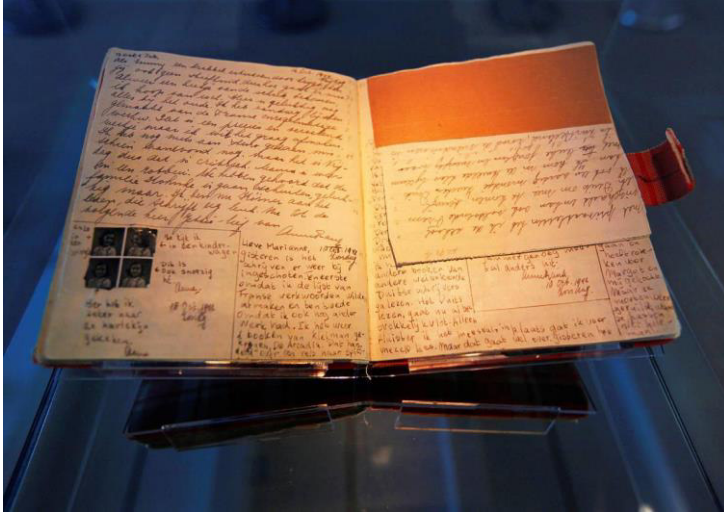
## 2.2 O diário de Anne Frank

Quando Anne Frank, em seu aniversário de 13 anos, em 12 de junho de 1942, ganhou um diário, iniciou também a escrita nele. Embora a escrita no diário tenha iniciado neste momento, é certo que “Anne já escrevia muito em folhas soltas, mas a partir daquele momento passou a ter um caderno onde reunia os seus textos e histórias” (SANTOS, 2012, p. 23). Inicialmente, nas primeiras semanas depois de receber o presente, Anne escrevia em seu diário no apartamento dos pais em Merwedeplein, desse modo, a narrativa que chegou até nós teve início antes de a família entrar na clandestinidade e se esconder (PRESSLER *in* FRANK, 2019, p. 13). As primeiras entradas relatam a vida escolar de Anne, dão uma fisionomia de seus colegas de escola e narram a repentina partida, em meio à chuva, para o Anexo.

O diário, um objeto confeccionado por materiais têxteis, madeira, papel, tinta, lápis, metal e cola; com tamanho de 173 por 147 milímetros; com a tonalidade de cores vermelho, branco e marrom (cf. Casa Anne Frank) foi muito desejado por ela: “É melhor começar do momento em que eu ganhei você de presente, ou seja, quando o vi sobre a mesa posta para comemorar o meu aniversário. Me dirigi à sala pra desembulhar os presentes; mas meus olhos

encontraram *você*, talvez o mais maravilhoso de todos os presentes”. (FRANK, 2019, p. 17-18).

Figura 7 - O diário de Anne Frank



Fonte: Anne Frank House in Amsterdam - Cris Toala Olivares/Reuters.

Figura 8 - O diário de Anne Frank



Fonte: Photo collection: Anne Frank Stichting, Amsterdam.

O diário tornou-se um objeto e até mesmo um instrumento muito desejado por Anne, pois, fechada no esconderijo, ela sentiu a necessidade de ter uma companhia para que pudesse exprimir os sentimentos, as emoções e registrar as vivências. “[A]té agora você tem sido um grande apoio para mim, como também tem sido Kitty, para quem tenho escrito com regularidade. Esse modo de manter um diário é bem melhor, e agora mal posso esperar os

momentos de escrever em você. Ah, estou tão feliz por ter você comigo!” (FRANK, 2019, p.19).

O desejo de ter uma companhia revelou a existência de Kitty, que se tornou uma melhor amiga que Anne não podia ter no período. Kitty, portanto, era uma personagem fictícia para quem Anne endereçava as suas cartas e teve a sua primeira aparição no diário em 22 de setembro de 1942. Essa data consta na versão A de *O diário de Anne Frank: a edição crítica revisada* (Nova York, NY: Doubleday, 2003) encontrada no Instituto Holandês para Documentação de Guerra, onde Otto Frank, pai de Anne Frank, antes de falecer, autorizou manter os diários dela. Em *Anne Frank: obra reunida*, edição autorizada por Anne Frank Fonds, pela Record, 2019, Kitty aparece na data de 20 de junho de 1942.

Salienta-se que, originalmente, Kitty era protagonista do livro *Joop ter Heul*, escrito por Cissy van Marxveldt, muito popular durante a infância de Anne. Apesar de Kitty ser a personagem principal das entradas do diário, Anne, na versão A do diário – mais adiante, ainda neste capítulo, discutiremos as diferentes versões escritas por Anne –, no período de 12 de junho de 1942 a 5 de dezembro de 1942, endereçava as cartas para três tipos de personagens: as personagens reais, como a sua amiga do Liceu Judaico, Jacqueline van Maarsen; as personagens dos livros de van Marxveldt: Kitty, Pop, Phien, Conny e Lou; e para personagens criadas por ela: Marjan, Jettje e Emmy (cf. Casa Anne Frank). Ao longo da realização da escrita, a autora compôs personagens femininas que a ajudaram no período, enquanto amigas, isto é, mulheres. Mais adiante, discutiremos acerca da presença feminina na narrativa de Anne. Além disso, por vezes, ela se referia apenas ao diário. Quando ela escreve que “espero poder contar tudo a você, como nunca pude contar a ninguém, e espero que você seja uma grande fonte de conforto e ajuda” (FRANK, 2019, p. 19) compreende-se que a ânsia por um refúgio e uma companhia eram as intenções de Anne no início de seu diário.

Fiquei alguns dias sem escrever porque queria, antes de tudo, pensar sobre meu diário. Ter um diário é uma experiência realmente estranha pra uma pessoa como eu. Não somente porque nunca escrevi nada antes, mas também porque acho que mais tarde ninguém se interessará, nem mesmo eu, pelos pensamentos de uma garota de 13 anos. Bom, não faz mal. Tenho vontade de escrever e uma necessidade ainda maior de desabafar tudo o que está preso em meu peito. “O papel tem mais paciência do que as pessoas.” Pensei nesse ditado num daqueles dias em que me sentia meio deprimida e estava em casa, sentada, com o queixo apoiado nas mãos, chateada e inquieta, pensando se deveria ficar ou sair. No fim, eu fiquei onde estava, matutando. É, o papel *tem* mais paciência, e como não estou planejando deixar ninguém mais ler este caderno de capa dura que costumamos chamar de diário, a menos que algum dia encontre um verdadeiro amigo, isso provavelmente não vai fazer a menor diferença. Agora voltei ao ponto que me levou a escrever um diário: não tenho

um amigo. Para destacar em minha imaginação a imagem da amiga há um tempo esperada, não quero anotar neste diário fatos banais do jeito que a maioria faz; quero que o diário seja minha amiga, e vou chamar esta amiga de *Kitty* (FRANK, 2019, p.25-26).

As entradas do diário evocam um teor pessoal, detalhado e profundo, visto que são perceptíveis a vulnerabilidade e delicadeza que Anne consegue transmitir. A amizade que é criada e imaginada faz com que o leitor se aproxime mais da narrativa e que até mesmo se coloque no lugar de Kitty, além da possibilidade da crença da existência de Kitty, sendo algo além de apenas um papel ou diário: “leva seus leitores para dentro da riqueza de suas perguntas retóricas; perguntas feitas por milhões de pessoas, mas cujas respostas, quais fossem elas, estariam sempre carregadas de um alto grau de complexidade” (GONÇALVES; SANTOS, 2016, p. 142).

De acordo com Gies, Anne estava sempre em contato com o diário, sempre escrevendo no diário encapado de tecido xadrez laranja-avermelhado, que ganhou de presente em seu aniversário de 13 anos. O próprio quarto, compartilhado a partir de 16 de novembro de 1942 com o “sr. Dussel”, onde também estava a escrivainha, razão da discussão anteriormente discutida, e o quarto dos pais eram os dois lugares em que ela escrevia, isolada, pois não escrevia perto de pessoas. Anne tratava o diário de modo muito íntimo e, de acordo com Otto, o objeto era uma companhia constante para ela (GIES, 2017, p. 101).

Anne Frank escreve diálogos entre ela e Kitty em que toca o íntimo do leitor e o faz refletir sobre a capacidade de uma menina de 12 anos transmitir e narrar momentos de alegria, tristeza, terror, ansiedade, conflitos, descobertas e até mesmo denunciar e testemunhar todas as atrocidades que experienciou. Até então, o propósito de Anne era que o diário pudesse ser uma companhia, contudo, na primavera de 1944, como já comentei anteriormente, ela e a família ouviram através de uma emissora de rádio estrangeira proibida o discurso do ministro da educação holandês exilado em Londres, Gerrit Bolkestein, em que ele sugeriu a publicação, após a guerra, de diários e cartas que documentassem a ocupação alemã. Diante dessa surpresa, Anne decide que, após a guerra, escreverá um romance intitulado *Het Achterhuis* (*O anexo* ou *O anexo secreto*) e que o diário será a base do livro (FRANK, 2019, p. 13).

Naquele momento, a escrita de Anne Frank toma uma forma ainda mais intencionada e diferenciada, pois ela passou a reescrever e corrigir passagens do diário, ampliando alguns trechos e condensando outros (FRANK, 2019, p. 607). Com isso, Anne apresenta uma postura de escritora. Sua escrita ganha, a partir daqui, mais e mais momentos de autorreflexão.

A última entrada do diário foi escrita no dia 1º de agosto de 1944. Pode-se afirmar que não houve, de fato, um encerramento proposital do diário. As oito pessoas escondidas no Anexo enfrentaram diversas situações no esconderijo até o ponto de serem descobertas e presas no dia 04 de agosto de 1944, conforme detalhamos há poucas páginas. Miep Gies relata que “descendo a velha escadaria de madeira, pude ouvir os passos dos nossos amigos. Apenas pelo som de seus passos, eu sabia que estavam descendo como cachorros escorraçados” (GIES, 2017, p. 160). A partir desse momento, inicia-se uma nova fase; fase repleta de espera, angústia, caos, transição e transformação.

Então entrei no quarto do Sr. e da Sra. Frank. No chão, entre o caos de papéis e livros, meus olhos focalizaram o diário xadrez laranja-avermelhado, encapado com tecido, que Anne ganhou do pai no aniversário de 13 anos. Olhei para Elli e apontei para o diário. Obedecendo a meu gesto, ela se abaixou e pegou, colocando-o em minhas mãos. Lembrei de como Anne tinha ficado feliz ao ganhar este caderninho para escrever seus pensamentos mais íntimos. Sabia o quanto o diário era precioso para ela. Meus olhos vasculharam a bagunça à procura de mais escritos de Anne, e vi os velhos livros de contabilidade e vários outros papéis que Elli e eu tínhamos dado a ela quando acabaram as páginas do diário xadrez. Elli ainda estava muito assustada, e olhou para mim, em busca de orientação.

- Me ajude a recolher todos os escritos de Anne – falei para Elli. Logo, reunimos muitas páginas com a letra ilegível de Anne. Abri a última gaveta da minha mesa e comecei a empilhar o diário, os velhos livros de contabilidade e os papéis.

- Sim – eu disse para Elli. – Vou ficar com tudo. – Peguei os papéis que ela estava segurando e continuei a encher a gaveta. – Vou deixar tudo guardado até Anne voltar (GIES, 2017, p. 161-162).

Gies narra o momento em que ela e Elli (conhecida como Bep Voskuijl) encontraram e recolheram os escritos de Anne após a captura da família pelos nazistas. Gies relata que preferiu guardar os diários sem os ler, pois desejava entregá-los, assim que a guerra acabasse, apenas para a própria Anne, pois garante que “[n]ão. Não é certo. Mesmo que sejam escritos de uma criança, são dela e são secretos. Só vou entregar nas mãos dela, e só dela” (GIES, 2017, p. 166). Acerca desse fato, Miep Gies conta sobre um momento em que não reconheceu Anne e percebeu o seu apreço pelo diário.

- Sim, Miep, como você sabe, nós temos uma filha que escreve. Com isso, Anne se levantou. Fechou o caderno onde escrevia e, com aquela expressão ainda em seu rosto, disse, em uma voz soturna que eu também nunca tinha ouvido antes:

- Sim, eu também escrevo sobre você.

Ela continua a me encarar, e eu pensei, Preciso dizer alguma coisa; mas tudo o que consegui articular, no tom mais neutro que pude, foi:

- Isso é ótimo.

Virei-me e fui embora. Fiquei chateada com o humor sinistro de Anne. Eu sabia que cada vez mais o diário tinha se tornado a vida dela. Era como se eu tivesse interrompido um momento íntimo em uma amizade muito, muito particular. Desci as escadas de volta ao escritório me sentindo muito angustiada e fiquei pensando o dia inteiro, Não, aquela ali não era a Anne. Ela ficou muito incomodada com minha interrupção, era outra pessoa (GIES, 2017, p. 152).

Após a guerra, Gies tem a sorte de encontrar Otto Frank. Naquele momento, ele ainda acreditava que as meninas estavam vivas, por saber que o campo de Bergen-Belsen não era um campo de extermínio (GIES, 2017, p. 188-189). Uma vez recebida a notícia da morte das meninas, Gies decide entregar todos os escritos de Anne para Otto. A seguinte passagem escrita por Gies provoca sensações de tristeza, emoção e gratidão e se faz necessário inseri-la aqui para que o leitor possa compreender o quão ela foi importante para a publicação dos diários que agora estamos pesquisando. Ou seja, a existência dos diários de Anne Frank é também determinada pela inteligência de Miep Gies.

Alcansei a gaveta da minha mesa e peguei todos papeis que estavam guardados ali havia quase um ano esperando por Anne. Ninguém, nem mesmo eu, tinha tocado neles. Agora Anne jamais teria seu diário de volta. Peguei todos os papeis, colocando o diário xadrez por cima da pilha, e levei tudo para o escritório do Sr. Frank. Otto Frank estava sentado à mesa, com os olhos turvos pelo choque. Entreguei o diário e os papeis para ele.  
- Aqui está o legado que a sua filha Anne deixou pra você – falei. Pude ver que reconheceu o diário. Fora ele quem o dera de presente para Anne apenas três anos antes, em seu aniversário de 13 anos, logo antes de se esconderem. O Sr. Frank o tocou com a ponta dos dedos. Deixei tudo em suas mãos; então saí do escritório, fechando a porta em silêncio (GIES, 2017, p. 191).

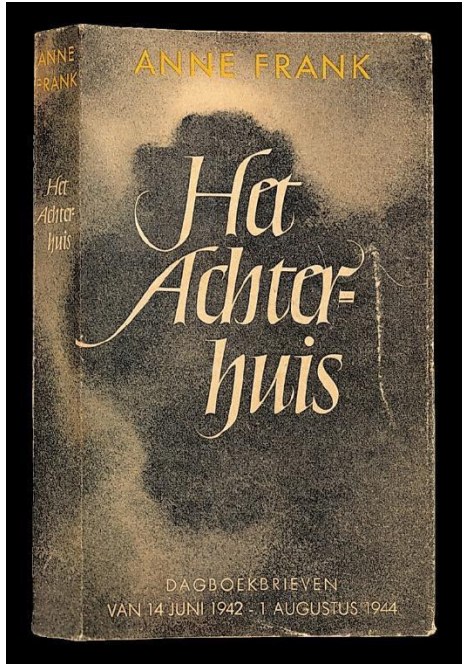
Otto, então, viúvo e sem as filhas, decidiu morar com Miep e Jan Gies em Amsterdam. Ao lidar com o luto e com, como mencionou Gies, o legado de Anne, Otto aos poucos começou a traduzir para a língua alemã trechos do diário da filha para enviar para a mãe dele que residia na Basileia (GIES, 2017, p. 195).

Apesar de ele apresentar uma certa resistência quanto à publicação do diário de Anne, em 1947 atende ao desejo da filha e “decide publicar o diário (com algumas alterações) e começa a tentar encontrar quem estivesse interessado em fazê-lo. Um manuscrito do diário de Anne é enviado pelo pai de Anne a um historiador holandês Jan Romein e à sua esposa Annie Romein-Verschoor, também historiadora” (SANTOS, 2012, p. 23). Após ler o diário de Anne, o historiador produziu um artigo sobre ele para *Het Parool*, que era um jornal holandês ligado à Resistência.



Ainda que com muita relutância de Otto Frank, em 1947, pela primeira vez, o diário de Anne foi publicado, em uma edição pequena e limitada pela Contact Publishers com o título planejado por Anne de *Het Achterhuis* (“O Anexo”), em Amsterdã, na Holanda.

Figura 9 - *Het Achterhuis*



Fonte: Anne Frank House

Acima, podemos observar a reprodução da capa da primeira edição do diário. O nome de Anne Frank, em amarelo, no topo, destacando-se. O título *Het Achterhuis*, planejado por ela, ocupa boa parte do espaço da capa. No pé da página, consta a informação de que se trata de um diário com data inicial em 14/06/1942 e final em 01/08/1944. Anne Frank ganhou o diário em 12 de junho de 1942, no entanto, o primeiro registro da escrita no diário corresponde a data de 14 de junho de 1942. O último registro corresponde à data de 01 de agosto de 1944 quando a escrita foi interrompida por causa da denúncia feita.

A recepção da primeira edição do diário não foi das melhores, visto que a sociedade estava disposta a esquecer os horrores da Shoah, o que alcançou até os sobreviventes. Alguns deles levaram anos até publicar suas memórias, o que, provavelmente, derivou de uma hesitação, uma paralisia, que tem a ver com o dilema enfrentado por todos eles, ou seja, o que se ergue entre, por um lado, o imperativo de testemunhar, de preservar a memória, ética e politicamente fundamentado, e, por outro, o veto à representação do Holocausto, estética e filosoficamente motivado. Com isso, surgiu a necessidade de esperar dezenas de anos para



conseguirem pôr no papel as memórias de suas vivências sob a opressão (KIRSCHBAUM, 2010, p. 55).

*Paisagens da memória: Autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto*, de Ruth Kluger (1992), *A escrita ou a vida* (1995), de Jorge Semprun e o romance gráfico *Heimat* (2019), de Nora Krug são exemplos de obras que foram publicadas anos depois, e em diferentes contextos: Ruth Kluger e Jorge Semprun, ambos sobreviventes, optaram por registrar e testemunhar as suas memórias mais tardiamente, em 1992 e 1963, respectivamente, enquanto Nora Krug, escritora e ilustradora, escreveu acerca do passado e a participação de sua família na Segunda Guerra Mundial, chegando a se referir a uma “Era do Esquecimento”, que teria ido até meados dos anos 1960. Independentemente dos obstáculos, o diário de Anne foi reimpresso e, conforme “a era do esquecimento” foi retrabalhada pelos relatos da Shoah que iam sendo divulgados de diversas maneiras, conquistou ainda mais leitores (GIES, 2017, p. 198). “Após a primeira edição (3.036 exemplares), a segunda edição (6.830) seguiu em dezembro de 1947 e a terceira edição (10.500 exemplares) em fevereiro de 1948” (cf. Casa Anne Frank).

Nas décadas de 1960 e 1970, *O diário de Anne Frank* sofreu diversas acusações. Sua autenticidade foi questionada pela corrente revisionista, que nega a existência das câmaras de gás e o extermínio de povos como judeus, doentes mentais, ciganos e eslavos e que possuía “técnicas evidentes: a mentira pura e simples, o falso, o apelo a uma documentação completamente fantástica” (VIDAL-NAQUET, 1988, p. 40).

De acordo com os revisionistas, a “solução final” foi apenas e simplesmente a expulsão dos judeus em direção ao Leste europeu; o número de vítimas judias do nazismo seria bem menor; a Alemanha hitlerista não seria a principal responsável pela Segunda Guerra Mundial; o maior inimigo seria a URSS de Stalin; o genocídio seria uma invenção da propaganda aliada principalmente judia e sionista; todo testemunho direto de um judeu seria uma mentira ou imaginação; todo testemunho e documento anterior à liberação seria falso, ignorado ou considerado “boato”; todo documento que nos informa sobre os métodos nazistas seria falso ou manipulado; todo testemunho nazista pós-guerra teria sido obtido sob tortura ou intimidação; o revisionismo, enfim, mobiliza todo o arsenal pseudotécnico para mostrar a impossibilidade material do extermínio maciço por gás (VIDAL-NAQUET, 1988, p. 37-45).

Em *Vérité historique ou vérité politique: Le Dossier de l'affaire Faurisson, la question des chambres à gaz* (1980), Serge Thion afirma que o *Diário de Anne Frank* é, se não, uma “fraude literária”, ao menos um documento falsificado (THION, 1980, p. 213-298). Por esses motivos, especialistas forenses verificaram os textos de várias maneiras, os materiais de redação e a caligrafia de Anne Frank, permitindo que comprovassem que o diário era autêntico

(FRANK, 2019, p. 14 e p. 598). “A investigação mais extensa foi realizada na primeira metade da década de 1980 pelo Instituto Forense da Holanda a pedido do Instituto Nacional de Documentação de Guerra. Os resultados desta pesquisa foram apresentados em um relatório de mais de 250 páginas” (cf. Casa Anne Frank).

### **2.3 Shoah: perspectivas históricas e literárias**

Até aqui apresentamos a história de Anne Frank e de seu diário, abarcando pontos essenciais na construção de Anne Frank, judia e vítima da Shoah e de Anne Frank, escritora. Nesta nova seção traremos a perspectiva de Anne acerca do contexto histórico-social em que esteve inserida, para compreender como a Shoah foi percebida por ela e como a afetou. A segunda parte será composta pelas óticas de sobreviventes da Shoah, como Primo Levi, Nanette König, Olga Lengyel, Charlotte Delbo, que testemunharam a realidade das deportações, dos campos de concentração e de extermínio. Com isso, esta segunda parte trará informações que não foram testemunhadas por Anne Frank, visto que não sobreviveu.

Importante salientar que o intuito é evidenciar a maneira como Anne e outras testemunhas da Shoah escreveram a respeito do panorama histórico e social experienciado por elas.

Terça-feira, 11 de abril de 1944.

Somos sempre lembrados de que somos judeus agrilhoados, presos num único lugar, sem direitos, mas com milhares de deveres. Nós, os judeus, não podemos fazer valer os nossos sentimentos, temos de ser corajosos e fortes, engolir sapos e não reclamar, fazer tudo o que está no nosso alcance confiar em Deus. Um dia essa guerra terrível vai ter um fim; um dia vamos voltar a ser pessoas, não apenas judeus! Quem nos faz passar por tudo isso? Quem transformou a nós, os judeus, na grande exceção entre todos os povos? Quem é o responsável por esse nosso sofrimento? Foi Deus que nos fez assim, mas será também Ele que nos elevará. Se continuarmos carregando tanto sofrimento e, ainda assim, sobrarem judeus, então deixaremos de ser vistos como um povo condenado e passaremos a ser um exemplo. Quem sabe não serão os nossos ensinamentos que pregarão o bem ao mundo e, com isso, a todos os povos, razão única e exclusiva pela qual devemos sofrer? Jamais poderemos ser apenas holandeses, ou apenas ingleses, ou apenas cidadãos de qualquer nação – em paralelo, seremos sempre judeus, seremos obrigados a continuar sendo judeus, o que, no fundo, é também o que queremos. Sejamos corajosos! Tomemos consciência da nossa missão e não reclamemos, de algum lugar virá ajuda, Deus jamais abandonou o nosso povo; ao longo dos séculos sempre houve judeus; na passagem de todos os séculos, nós, os judeus, sempre tivemos de sofrer, mas, na passagem dos séculos nós também nos fortalecemos. Os fracos cairão, ao passo que os fortes permanecerão, sem jamais ser derrotados (FRANK, 2019, p. 219).

Conforme visto nas passagens anteriores sobre a biografia de Anne Frank e de seu diário, Anne era judia e, por causa disso, foi vítima da Shoah. A Shoah – palavra hebraica que significa, como apresentamos na introdução deste trabalho, destruição, ruína, catástrofe, cujo termo identifica o massacre nazista (FINGUERMAN, 2008, p. 8) – foi um genocídio comandado pelos nazistas que teve como intenção a perseguição sistêmica, exclusão socioeconômica, expropriação, trabalho forçado e extermínio dos judeus na Europa. Anne Frank vivenciou estes processos de modo secreto e clandestino.

Zygmunt Bauman aponta que apesar de ter sido um evento-limite compreendido apenas como judaico, “o Holocausto não foi simplesmente um problema judeu nem fato da história judaica apenas” (BAUMAN, 1998, p. 3), mas acometeu também outros grupos estigmatizados como Testemunhas de Jeová, homossexuais, ciganos, deficientes físicos e mentais, poloneses, russos, socialistas e comunistas. De acordo com Friedlander, “sem dúvida, a história dos judeus durante o Holocausto não pode ser a história do Holocausto; sem ela, contudo, a história geral desses acontecimentos não pode ser escrita” (2012, p. 25). Pierre Vidal-Naquet aponta que o assassinato em massa deve ser recolocado no conjunto da política hitlerista, ainda só se deve comparar o que é comparável: o genocídio dos judeus só é comparável ao dos ciganos e, de forma relativa, ao de uma fração das populações soviéticas e polonesas (VIDAL-NAQUET, 1988, p. 33).

Em *O diário de Anne Frank*, na entrada de 20 de junho de 1942, pela primeira vez, a autora faz menção acerca de sua condição judaica. Ao escrever “como éramos judeus pelas quatro linhagens (ou seja, ‘puros-sangues’), em 1933, o papai se mudou para a Holanda e se tornou diretor da filial holandesa da Opetka Mij, uma empresa de confecção de geleias” (2019, p. 22), Frank alude para a ideologia nazista a respeito do conceito de raça. De acordo com esta visão, a única coisa que importava era o sangue, e o sangue judeu era suficientemente impuro para fazer dele um inimigo do germanismo (LEVI, 2016, p. 103). O sangue era importante, pois, no pensamento racial nazista, a comunidade nacional alemã extraía força da pureza de seu sangue e de seu enraizamento no sagrado solo germânico. Tal pureza racial era condição de uma criação cultural superior e da construção de um Estado poderoso, o fiador da vitória na luta pela sobrevivência e domínio de raças (FRIENDLANDER, 2012, p. 66).

Philippe Lacoue-Labarthe e Jean-Luc Nancy, no livro *O mito nazista*, apontam para um “mito” que fazia parte do centro do nazismo, cujo conteúdo principal era de teor racista. Este mito era utilizado como um potente dispositivo de criar um “corpo” de uma pátria unida com base principal em uma “identificação mítica”: “o mito, como obra de arte que o explora, é um instrumento de identificação. Ele é mesmo o *instrumento mimético* por excelência”. O

mimetismo exige tipos específicos (modelos) que devem garantir a construção da identidade e é na construção desses tipos que se estabelece também a figura do “outro” a qual deve ser excluída. Referindo-se aos judeus, forjou-se uma “antifigura”, um “antitipo”, a negatividade mesma do “corpo ariano perfeito” que servia de modelo identificatório dentro do mito nazista (LACOUÉ-LABARTHE; NANCY, 2002; LACOUÉ-LABARTHE, 2000; SELIGMANN-SILVA, 2003).

Além da questão racial presente nos ideais alemães, as correntes antisemitas se intensificaram diante da derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial, do surgimento do *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* (NSDAP, Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães) e da nomeação de Adolf Hitler como chanceler na Alemanha nazista em janeiro de 1933, e do que viria a ser chamado pelos próprios nazistas de Terceiro Reich. Os judeus se tornaram, ainda mais, bodes expiatórios e medidas antijudaicas, como a “identificação, segregação, expropriação, concentração e emigração ou expulsão” foram impostas pelos nazistas (FRIEDLANDER, 2012, p. 62).

A ideologia nazista chegou ao poder na Alemanha por meio de um discurso e atitudes radicais desde o início. Ao tomar posições no Estado, tratou de desconstruí-lo para apagar as diferenças e dominar as pessoas. Como afirma Primo Levi, a “pressão que um moderno Estado totalitário pode exercer sobre o indivíduo é tremenda. Suas armas são substancialmente três: a propaganda direta ou dissimulada pela educação, pela instrução, pela cultura popular; o impedimento oposto ao pluralismo das informações; o terror” (2016, p. 22).

Adolf Hitler possuía objetivos de reavivar a Alemanha e de a defender do crescimento “cancerígeno” da democracia. Para isso, afirmou que tomaria medidas para a “proteção dos alemães” e ficou desde logo suspensa a liberdade de expressão (SANTOS, 2012, p. 11). Desta forma, recuperaria os valores tradicionais alemães e nórdicos e moldaria uma comunidade de cunho racial que seria alinhada aos ideais nazistas. Este processo eliminaria a influência judaica, uma vez considerada estrangeira e degenerada (cf. Enciclopédia do Holocausto).

A principal razão da ascensão do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães era a terrível situação econômica da Alemanha. A sociedade alemã viveu uma crise econômica que acometeu seis milhões de desempregados no início de 1933, e ainda havia a incerteza política (REES, 2020, p. 68). “Os nazistas emergiram nas circunstâncias da década de 20, após perderem a Guerra Mundial, com o povo alemão oprimido e humilhado e cambaleando para uma crise econômica e política para outra” (REES, 2020, p. 71). Diante disso, o nacional-socialismo precisou de um adversário cuja própria existência podia integrar os grupos antagonistas no seio dessa sociedade. Esse inimigo não devia ser fraco demais. Se fosse fraco

demais, seria impossível apresentá-lo como inimigo supremo ao povo. Também não devia ser forte demais, pois os nazistas teriam de comprometer-se numa luta difícil contra um inimigo poderoso. Portanto, judeus prestaram-se magnificamente para esse papel. Consequentemente, essa ideologia e essas práticas antissemitas acarretaram o extermínio dos judeus, meio de atingir um objetivo último, ou seja, a destruição das instituições, das crenças e dos grupos ainda livres (NEUMAN, p. 513).

O crescimento cancerígeno mencionado aponta para os judeus alemães, pois “o judeu estava onipresente a torrente de publicações, discursos, ordens e proibições que permeavam a vida cotidiana na Alemanha” (FRIEDLANDER, 2012, p. 53). As vidas deles tomaram proporções traumatizantes, visto que

aqueles cuja civilização – cuja respiração – era completamente definida pela *yiddishkeit*, aqueles cujas relações vitais, todas, dependiam do domínio ídiche, esses, após o desaparecimento de sua cultura, não podem modificar nem deslocar sua fidelidade fundamental ao que não existe mais e que só pode existir numa lembrança obcecante e aterrorizada (VIDAL-NAQUET, 1988, p. 64).

A partir da ascensão de Hitler ao poder desencadeou muitas violências antijudaicas: o boicote nazista contra os estabelecimentos comerciais judaicos; a “desjudaização” da cultura alemã; a propaganda nazista antissemita; as leis; as proibições e exclusões; deportações e extermínios. O ideal dos nazistas para os judeus era a expulsão, isto é, as proibições e exclusões; a concentração em espaços específicos, que se deu de diversas formas, inclusive pela falsa notícia de que havia trabalho para os judeus em um campo de trabalho, onde se depararam com situações desumanas; o assassinato, já que os prisioneiros eram enviados para campos de extermínios e mortos em câmaras de gás (ARENDDT, 1999, p. 51), assim como fuzilamentos, enforcamentos, fome, e doenças diversas, entre outros métodos de aniquilação.

Ainda na entrada de 20 de junho de 1942 do diário, Anne Frank descreve e explica ao leitor a situação dos judeus perante às mudanças ocorridas e como isso afetou a sua vida e as vidas dos familiares dela. Ela descreve o período em que as mudanças foram iniciadas, em período paralelo ao início de sua infância, as quais se deram de modo a ainda possibilitar a emigração de judeus alemães para outros países. Anne também cita acontecimentos surgidos a partir de 1940 e, por fim, como ela menciona, o martírio dos judeus.

A nossa vida transcorria com o devido temor, já que os nossos parentes que haviam ficado na Alemanha foram poupados pelas leis de Hitler. Após os *pogroms* de 1938, fugiram da Alemanha dois tios, irmãos de minha mãe, e chegaram são e salvos à América do Norte; a minha vó, já idosa, veio ficar

conosco. Tinha na época 73 anos. Após maio de 1940, os bons tempos começaram a degradingolar: primeiro a guerra, depois a capitulação, a invasão dos alemães e o início do martírio para nós, os judeus. Era uma lei restritiva aos judeus atrás da outra, e as nossas asas foram cortadas. Os judeus tinham de ter costurada na roupa a estrela de Davi; os judeus tinham as bicicletas confiscadas; os judeus não podiam mais pegar o bonde; os judeus não podiam mais dirigir carros, nem se fossem os seus próprios; os judeus só podiam fazer compras entre as três e cinco da tarde; os judeus só podiam frequentar cabeleireiros judeus; os judeus não podiam mais ficar na rua entre as oito da noite e as seis da manhã; os judeus mais frequentar cinemas, teatros ou qualquer outro espaço de entretenimento; os judeus não podiam mais frequentar piscinas, o que também valia para espaços desportivos, como quadras de ténis e riques de hóquei; os judeus não podiam mais remar; os judeus não podiam mais praticar nenhum tipo de esporte em público; os judeus não podiam mais ficar após as oito da noite nem nos seus próprios jardins, nem no dos seus conhecidos; os judeus não podiam entrar na casa de cristãos; os judeus eram obrigados a frequentar escolas judaicas entre tantas outras leis do gênero. A nossa *vidinha* de sempre transcorria com proibições aqui e ali (FRANK, 2019, p. 22-23, grifo nosso).

A autora cria uma periodização dos acontecimentos da Shoah ao registrar as transformações acontecidas, em que acentua e mostra como as leis começam a afetar a sua “vidinha” e de seu povo. Na tradução para o português, a palavra *vidinha*, que é um substantivo utilizado em um grau diminutivo, transmite um sentido afetivo, depreciativo e atenuado. O sentido afetivo é relacionado à ideia de vida no geral composta por relações e laços familiares. O sentido depreciativo representa o descontentamento de uma vida limitada e oprimida. O sentido atenuado caracteriza uma redução, insignificância e isso pode ser entendido pela inferiorização em que judeus foram submetidos, uma vez que foram excluídos de seus direitos. Com isso, a “vidinha” é retratada em um aspecto de irrelevância, pois, diante de tantas ações contra eles a noção de uma vida sem valor, sem importância manifesta-se. Recorremos a outras traduções para verificarmos como a palavra “vidinha” aparece e constatamos que na tradução em língua holandesa, encontramos a palavra “leventje”; em língua inglesa, “life”; em língua espanhola, “nuestros días”; em língua alemã, “leben”. Ou seja, a vida cotidiana dos judeus, a *vidinha* ainda foi possível para a família Frank, apesar das proibições e ameaças.

O martírio dos judeus começou por meio das leis citadas por Anne que se referem às leis antissemitas de 1933 que apontavam para a exclusão dos judeus de todas as áreas importantes: a Lei do Serviço Público; a lei dos médicos; a exclusão de advogados judeus do exercício do direito; leis relativas às escolas, universidades, imprensa, profissões culturais; a lei da propriedade rural (FRIEDLANDER, 2012, p. 66). Nesse período, especialmente judeus foram proibidos de exercer diversas atividades uma vez que “[a]s Leis de Nuremberg privavam os judeus de seus direitos políticos, mas não de seus direitos civis; eles não eram mais cidadãos,

mas continuavam membros do Estado alemão” (ARENDDT, 1999, p. 51). Com isso, foram excluídos do serviço público, do entretenimento, das indústrias, do transporte público, de instituições, de praticamente tudo, pois “os judeus não eram cidadãos completos, não podiam ocupar cargos públicos, não podiam aparecer na imprensa, e todos que tivessem obtido a cidadania alemã depois de 2 de agosto de 1914 deviam ser desnaturalizados” (ARENDDT, 1999, p. 55). Além disso, “os judeus foram obrigados a entregar seus rádios para a polícia. Tiveram que consertar às suas custas e entregá-los. Perder essa conexão com o mundo exterior era inimaginável: o rádio era a fonte de todas as notícias e esperanças” (GIES, 2017, p.59). De acordo com o decreto publicado na Alemanha em 15 de maio de 1942 judeus foram proibidos de ter animais domésticos, cachorros, gatos e pássaros. Sem dúvida, era para impedi-los de usar pombos-correios (CHOURAQUI, 1980, p. 169; VIDAL-NAQUET, 1988, p. 67).

Apesar das proibições, contudo, as comunidades judaicas se organizavam para obter informações o mais confiáveis, em meio a contexto tão opressor. Nos diários de Anne, é possível perceber que as famílias abrigadas no Anexo eram informadas por meio de um rádio clandestino e também por meio dos ajudantes externos, acerca da guerra e da situação dos judeus. Miep Gies menciona: “Anne estava consciente do que acontecia no mundo e muito indignada com as injustiças contra o povo judeu” (2017, p. 56).

Quanto ao rádio, ainda que proibido pelos nazistas, foi um objeto que a ajudou as famílias do Anexo a saber sobre o desenrolar dos fatos, como já foi possível perceber pelo episódio apresentado anteriormente em torno da fala do ministro da educação holandês. A possibilidade daquela escuta, exigiu muita preparação e solidariedade comunitária: “Vamos ter que entregar o nosso rádio. O Sr. Kleiman tem em casa um aparelho ilegal minúsculo que vai substituir o nosso grande da Philips. É uma pena que tenhamos que nos desfazer desse rádio de gabinete, mas uma casa que abriga clandestinos não deve chamar atenção das autoridades se puder evitá-la” (FRANK, 2019, p. 98).

Além disso, possuir um rádio se ligava a sentimentos de esperança e coragem, como Anne conta: “Todos estão tentando arranjar um aparelho velho para entregar em vez da sua ‘fonte de manutenção da coragem’. Eu juro que é verdade, quando as notícias lá de fora só vão de mal a pior, a voz miraculosa do rádio nos ajuda a não perder a coragem e dizermos a nós mesmos” (FRANK, 2019, p. 98). Também se associava a sentimentos de pavor, como na entrada de 1º de abril de 1942 em que Anne implora para que o pai não escute rádio, atividade que poderia ser percebida pelos vizinhos e denunciada. Ao longo do diário, Anne Frank mostra a dimensão do rádio em sua vida e reflete a respeito das proibições de ter um rádio, que, se efetivadas, tornariam a vida dela ainda pior.

Tratando-se de meios de comunicação, o rádio tornou-se um instrumento importante para a população, visto que era uma fonte de transmissão de informações e notícias. Em tempos de guerra, geralmente os governos restringem e censuram o acesso do público às informações com o intuito de impedir que dados importantes sejam revelados tanto para inimigos quanto para a sociedade (ENCICLOPEDIA DO HOLOCAUSTO).

Vale ressaltar aqui o modo como Anne Frank pensa o aparelho de rádio, visto que ele era uma “fonte de manutenção da coragem”, como mencionado, e, ao mesmo tempo, de pavor. Devido à importância e necessidade do rádio, muitos judeus optaram por ter aparelhos clandestinos em seus lares. Os moradores do Anexo decidiram escutar a rádio disponível na parte debaixo da casa. Nas primeiras entradas do diário, eles ainda conseguem descer até lá, cheios de medo, e arrancar algumas notícias à opressão nazista. Anne está com tanto pavor que é levada pela mãe de volta para o Anexo. Pouco a pouco, as possibilidades de escutar a rádio se tornam mais rarefeitas, já que o barulho do rádio aumentava a possibilidade de os habitantes do Anexo serem descobertos. Em meados de 1943, os rádios de toda a Holanda seriam requisitados pelos nazistas. As ajudantes decidiram doar um grande rádio que tinha pertencido a Otto, mas mantiveram um pequeno aparelho de rádio, que foi, até o final, uma das principais fontes de informação da família.

No que concerne ao uso do rádio e à sua importância, Primo Levi relatou sobre a presença de rádios clandestinos em Auschwitz e a importância do rádio para os prisioneiros: “Soubemos no dia seguinte que, por um aparelho de rádio deles, clandestino, tinham ouvido a notícia do desembarque aliado na Normandia, e foi um grande dia também pra nós: a liberdade parecia ao alcance da mão” (LEVI, 2016, p. 83). Nesta passagem, evidencia-se os sentimentos de esperança e liberdade promovidos pela notícia recebida por eles e também o rádio como uma forma de resistência contra a opressão.

Ainda em 1933, além de todas as exclusões e proibições, eles deviam usar um símbolo na roupa como meio de identificação e perseguição, portanto, deviam usar a estrela de Davi da cor amarela e, assim, eram identificados como não arianos. Também deviam portar um cartão com um J de judeu. “Os judeus podiam ser parados a qualquer momento para que se apresentassem este cartão, onde quer que estivessem: nas ruas, no ônibus ou no bonde. Caso algum judeu esquecesse seu cartão em casa, os nazistas o prenderiam imediatamente” (SCHLOSS, 2013, p. 68).

Ainda que estas medidas tornassem as vidas dos judeus difíceis, parte dos judeus da Europa apresentou dificuldade em avaliar a gravidade das ameaças que se defrontavam. Mesmo com todas as perseguições e indignidades iniciadas a partir de janeiro de 1933, durante os cinco



primeiros anos do regime do Hitler, um terço dos judeus alemães emigrou. O *pogrom* de 1938, chamado Noite dos Cristais, um evento marcado pela violência racial liderada por nazistas, ocorrido entre 9 e 10 de novembro de 1938, em que cerca de 30 mil prisões de judeus, centenas de mortos, estupros e humilhações contra mulheres, milhares de lojas, residências, sinagogas, cemitérios judaicos foram quebradas, queimadas e saqueadas, evidenciou com mais nitidez que os nazistas passaram a adotar políticas mais radicais na Alemanha com o intuito de forçar judeus a deixar o país. A partir daí, judeus despertaram para um futuro pior e tentaram, de maneira desesperada, fugir (FRIEDLANDER, 2012; Enciclopédia do Holocausto).

O massacre judaico, denominado pelos nazistas como “Solução Final”, foi planejado e realizado por etapas. Primeiramente, com as perseguições, proibições, exclusões e expulsões. Depois, a partir de 1939, com as invasões aos países europeus, as implementações de guetos como forma de encarceramento, de campos de concentração e extermínio; especialmente os de extermínio situavam-se em lugares afastados da população; eram localizações geralmente inóspitas. “Os nazistas não queriam deixar rastros que pudessem acabar com os seus planos” (KONIG, 2015, p. 47).

Goebbels, o ministro da propaganda da Alemanha Nazista, escreveu em seu diário que “eles não são mais seres humanos, são animais. Assim não se trata de uma tarefa humanitária, mas cirúrgica. É preciso extirpá-los, de forma radical. Caso contrário, a Europa vai perecer da doença judaica” (GOEBBELS, 1943). Em seu tratamento com as pessoas, a SS tinha como objetivo, além da aniquilação física, a degradação do indivíduo, o sequestro de tudo o que lhe pertencia e lhe tornava um indivíduo – realmente estilhaçá-lo, destruir seu respeito próprio, transformá-lo em um trapo (LINDWER, 2015, p. 150). “O trabalho não pago, isto é, escravista, era um dos três objetivos do sistema concentracionário: os outros dois eram a eliminação dos adversários políticos e o extermínio das chamadas raças inferiores” (LEVI, 2016, p. 98).

Na entrada do diário de 08 de julho de 1942, Anne relata sobre a convocação da SS para a sua irmã, Margot Frank: “levei o maior susto, uma convocação, todo mundo sabe o que isso significa, vi assomarem diante de mim campos de concentração e celas solitárias. A Margot tem 16 anos; quer dizer então que eles querem despachar jovens tão novas como ela?” (FRANK, 2019, p. 32).

O tom desolador presente no relato de Anne Frank sugere que, embora ela estivesse ciente das deportações e dos campos, suas informações detalhadas sobre as ações dos nazistas contra os judeus eram limitadas. Outro aspecto da análise é a condição de Margot Frank como mulher judia, o que agravaria ainda mais a situação, visto que as mulheres judias enfrentaram estigmatização, perseguição, tortura, aprisionamento e aniquilação, tanto na sociedade nazista

como nos campos de concentração.

Devido aos impactos causados pela guerra muitas nações repensaram a ideia de que as guerras eram territórios exclusivamente masculinos e mulheres serviram às forças armadas. A participação delas, contudo, não aconteceu nos mesmos termos que a participação dos homens, e ainda são estes que imperam nas narrativas oficiais sobre a guerra (MENEGOTTO, 2018, p. 116-117). Em relação a Shoah, mulheres de todas as faixas etárias foram deportadas para campos e realizaram trabalhos forçados, além de enfrentar violências físicas e mentais, o que ocasionou diversos problemas físicos e psicológicos, que serão abordados no próximo capítulo desta dissertação.

Em 09 de outubro de 1942, Anne volta a escrever sobre deportações e, dessa vez, traz mais detalhes, o que demonstra que ela já estava ciente acerca do seu próprio destino.

Os nossos muitos conhecidos judeus estão sendo capturados em massa. A Gestapo trata essas pessoas de forma nem um pouco delicada; elas são levadas em vagões de transporte de gado em Westerbork, o grande campo de judeus em Drenthe. As pessoas não recebem praticamente nada para comer, imagine então o que beber. Só tem água uma hora por dia, e há apenas uma latrina e uma pia para alguns milhares de pessoas. Dormem todos uns sobre os outros, homens e mulheres, sendo que estas, assim como as crianças, costumam ter a cabeça raspada. As pessoas são todas marcadas pela cabeça raspada, e muitos, pelo seu aspecto judeu (FRANK, 2019, p. 58).

Nessa passagem, Anne menciona a realidade de muitos judeus na época: a deportação. Em condições e cenários desumanos muitos judeus foram torturados e assassinados. Primo Levi afirma que as primeiras notícias sobre os campos de extermínios nazistas começaram a aparecer em 1942. Apesar de serem notícias vagas, eram convergentes entre si, visto que davam a ver um massacre de proporções tão amplas, de uma crueldade tão extrema, de motivações tão intrincadas, que a sociedade tendia a rejeitá-las em razão do próprio absurdo (LEVI, 2016, p. 7).

Quando começaram a surgir as informações sobre o genocídio, o que aconteceu bastante cedo, depararam-se com obstáculos gigantescos. Na torrente de informações que provinha dos territórios ocupados, havia o verdadeiro, o menos verdadeiro e o falso. Não se colocava em dúvida o sentido do que estava acontecendo, mas era sempre possível hesitar entre essa ou aquela versão dos acontecimentos. No caso do campo de Auschwitz, por exemplo, só em abril de 1944 pôde ser estabelecida, a partir das evasões, uma descrição de primeira mão que se revelou notavelmente exata, dos processos de extermínio. Esses “protocolos de Auschwitz” só viriam a público pelo War Refugee Board americano em novembro de 1944. A deportação e o massacre dos Judeus húngaros a partir de maio de 1944 foram acontecimentos anunciados pela imprensa neutra e aliada praticamente no dia em que começaram (GILBERT, 1981; BRAHAM, 1981).

De acordo com Levi, como as informações eram divergentes, a população tendia a rejeitá-las e aceitar as intervenções feitas pelos nazistas, como a domesticação das massas pela indústria midiática, como o rádio, cinema, etc, orquestrada por Goebbels, as reformas sanitárias da luta nazista contra o câncer e até o próprio antissemitismo, coração teológico-político do nazismo, mas também instrumento de desestruturação dos valores normativos do Ocidente cristianizado (PROCTOR, 2001), isto é, todos os feitos desumanos que os nazistas estavam executando eram aceitos e apoiados por parte da população alemã, em virtude de um pano de fundo de crescimento econômico (KONIG, 2015, p. 71).

Nanette Konig, sobrevivente e autora do livro *Eu sobrevivi ao Holocausto* (2015), defende que quando se fala sobre Holocausto e Nazismo, o primeiro nome associado é o de Adolf Hitler, o líder de tudo. Porém, de acordo com Konig, ele não teria conseguido fazer tudo sozinho, pois milhões de pessoas cegas e doutrinadas pelas ideias do Führer – ideias que muitas vezes já tinham sementes próprias também – foram necessárias para que todo o horror acontecesse.

A análise feita por Hannah Arendt converge com as demais: “as pessoas não se importavam com o rumo dos acontecimentos e não se incomodavam com a presença de assassinos à solta no país, uma vez que nenhuma delas iria cometer assassinato por sua própria vontade” (ARENDR, 1999, p. 27).

Também Friedlander aponta que as perseguições e os extermínios nazistas foram perpetrados por gente comum que vivia e atuava na sociedade moderna não muito diferente da nossa, uma sociedade que os produziu, assim como os métodos e os instrumentos para implementação de suas ações; as metas dessas ações, entretanto, foram formuladas por um regime, uma ideologia e uma cultura política que eram tudo menos comuns (FRIEDLANDER, 2012, p. 33).

Levi menciona que é impossível conseguir estabelecer com precisão quantos, no aparelho nazista, tinham conhecimento das atrocidades que estavam sendo perpetradas. O silêncio sobre a verdade dos Lager representa uma das culpas coletivas mais significativas do povo alemão e é a manifestação mais evidente da vileza a que o terror de Hitler o havia submetido (LEVI, 2016, p. 10).

Olga Lengyel, sobrevivente e autora da obra *Os fornos de Hitler*, escreve a respeito da seguinte maneira: “[a]té 1943, chegavam-nos notícias aterradoras das atrocidades acometidas nos campos de concentração na Alemanha. Mas, como muitos dos que hoje leem a respeito, não conseguíamos acreditar em histórias tão horríveis” (2018, p. 13).

Parece curioso para a geração de hoje que não se soubesse ao certo o que estava acontecendo na época. Todavia, deve ser lembrado que os tempos eram outros, a comunicação funcionava de outros modos. Os campos de concentração, especialmente os de extermínio, situavam-se em lugares afastados da população; eram localizações geralmente inóspitas.. Os nazistas não queriam deixar rastros que pudessem acabar com os seus planos (KONIG, 2015, p. 47).

Seligmann-Silva afirma que essa “rejeição das notícias diante de seu ‘absurdo’ fora prevista pelos próprios perpetradores do genocídio. Estes estavam preocupados em apagar os rastros dos seus atos, mas sabiam que podiam contar com a incredulidade do público diante de barbaridades daquela escala” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 51). Diversos sobreviventes afirmam em suas memórias que sabiam que o trabalho nos campos significava a morte. Embora fossem escassas, as informações sobre os campos eram específicas o suficiente para que se soubesse o que acontecia em cada um. Otto Frank, como vimos, sabia, por exemplo, que Bergen-Belsen não era um campo de extermínio. Diante disso, sobreviventes apontam que Auschwitz, Treblinka ou Madjdanek já carregavam uma fama horrível (LINDWER, 2015, p. 63).

Em *Os afogados e sobreviventes*, Levi comenta sobre a fala de um SS recordada por Simon Wiesenthal:

Seja qual for o fim desta guerra, a guerra contra vocês nós ganhamos; ninguém restará para dar testemunho, mas, mesmo que alguém escape, o mundo não lhe dará crédito [...]. Ainda que fiquem algumas provas e sobreviva alguém, as pessoas dirão que os fatos narrados são tão monstruosos que não merecem confiança; dirão que são exageros e propaganda aliada e acreditarão em nós que negaremos tudo, e não em vocês. Nós é que ditaremos a história dos *Lager* [campos de concentração] (LEVI, 2016, p. 7).

Levi menciona que “os inimigos da Alemanha e, por isso, indignos de viver; no caso mais favorável, podiam ser obrigados a trabalhar até a exaustão” (LEVI, 2016, p. 42). “E nós somos os escravos dos escravos, que todos podem comandar, e o nosso nome é o número que levamos, tatuado no braço e costurado no peito” (LEVI, 1988, p. 104). O sistema concentracionário nazista tinha o objetivo de romper a capacidade de resistência dos adversários e, para isso, os guardas distribuía desde os primeiros dias chutes e socos, muitas vezes no rosto; ordens gritadas, repletas de cólera, em alemão, desconhecido por muitos, confundiam os que chegavam; o desnudamento, a raspagem dos cabelos, as novas vestimentas de farrapos era o conjunto de práticas inflingidas aos que chegavam (LEVI, 2016, p. 29).

O regime nazista criou os campos não para fazer homens e mulheres trabalharem, mas para lá exterminá-los. O trabalho nos campos de concentração *também* tinha uma função de esgotamento e controle. O trabalho concentracionário, em regime de escravidão, tinha também a característica de ser mão-de-obra. É evidente que nos lugares de extermínio puro e simples – Chelmno, Sobibor, Belzec, Treblinka –, o único trabalho disponível era a manutenção da máquina de matar e as recuperações efetuadas nas vítimas.

Maidanek e principalmente Auschwitz, enormes centros industriais, foram a prova de que o extermínio podia caminhar lado a lado com a exploração do trabalho forçado. A eliminação imediata dos fracos, velhos, mulheres e crianças só deixava subsistir a força de trabalho (VIDAL-NAQUET, 1988, p. 168). Pierre Vidal-Naquet também assinala que as câmaras de gás não existem por si próprias, existem como termo de um processo de seleção que, à entrada ou dentro do campo, separava, sumariamente, homens de mulheres, julgados pelos médicos da SS aptos para o trabalho, dos outros. Esse processo de seleção é conhecido pelos documentos administrativos dos nazistas e pelos testemunhos dos deportados, que, inclusive, inúmeros testemunhos eram praticamente idênticos (VIDAL-NAQUET, 1988, p. 70).

A deportação para campos de concentração e extermínio se deu através dos trens de gado, com escassez de comida e água. Inúmeras pessoas morreram dentro dos vagões lotados em que os prisioneiros lidavam com o calor, com a falta de ar, de comida, de água e com cheiro de morte. Lengyel descreveu a sua experiência: “O vagão de gado se tornara um abatedouro. Cada vez mais preces pelos mortos eram ouvidas na atmosfera sufocante. Os SS, polícia do Estado, não nos permitiam enterrá-los ou removê-los. Éramos obrigados a conviver com os nossos cadáveres” (LENGYEL, 2018, p. 20). Havia “os mortos, os doentes contagiosos, os que padeciam de enfermidades orgânicas, os sedentos, os famintos e os loucos deveriam viajar juntos naquela geena de madeira” (LENGYEL, 2018, p. 20).

Entre os testemunhos das vítimas e de sobreviventes, como os de Primo Levi, Jorge Semprun e Charlotte Delbo, o trem aparece no início das narrativas, como uma espécie de *topos* da narrativa testemunhal. Também em Anne Frank encontramos um registro sobre trem, como discutido anteriormente, em que ela menciona “elas são levadas em vagões de transporte de gado em Westerbork, o grande campo de judeus em Drenthe” (FRANK, 2019, p. 58). Atentemos para as informações trazidas pela autora ao se referir ao campo Westerbork, sendo então, o único citado por ela. Westerbork, considerado um campo de trânsito, seria o primeiro destino de Anne Frank e dos habitantes do Anexo Secreto.

Charlotte Delbo, militante comunista, membro da Resistência, sobrevivente das atrocidades nazistas e autora do livro *Auschwitz e depois*, escreveu o poema “Rua da chegada,

rua da partida”:

Há gente que chega. Com os olhos, os que chegam buscam na multidão dos que esperam aqueles que os esperam. Beijam-nos e dizem que estão cansados da viagem.  
 Há gente que parte. Os que partem despedem-se dos que não vão partir e beijam as crianças.  
 Há uma rua para os que chegam e uma rua para que os que partem.  
 Há um café que se chama “Na chegada” e um café que se chama “Na partida”  
 Mas existe uma estação em que os que chegam são justamente os que partem  
 uma estação em que os que chegam nunca chegaram, em que os que partiram nunca voltaram.  
 É a maior estação do mundo.  
 É a essa estação que eles chegam, que eles vêm de qualquer lugar.  
 Chegam depois de dias e depois de noites  
 atravessando países inteiros  
 chegam com os filhos mesmo os pequenos que não deveriam estar na viagem.  
 Trouxeram os filhos porque ninguém se separa dos filhos para aquela viagem.  
 Os que tinham trouxeram ouro porque acreditavam que o ouro pudesse ser útil.  
 Todos trouxeram o que tinham de mais precioso pois não deve deixar o que é precioso quando se parte para longe.  
 Todos trouxeram a sua vida, era principalmente a vida que precisavam trazer consigo.  
 e quando chegam  
 acreditam ter chegado  
 ao inferno  
 possível. No entanto não acreditavam.  
 Não sabiam que se tomava o trem para o inferno, mas já que estão lá armam-se e sentem-se dispostos a enfrentá-lo  
 com os filhos as mulheres os velhos pais com a lembranças de família e os documentos.  
 Eles não sabem que àquela estação não se chega.  
 A estação não é uma estação. É o fim de uma linha. Eles se olham e são acometidos pela desolação ao redor (DELBO, 2021, p. 15-16).

A partir do poema de Delbo identificamos na primeira estrofe o uso de denotação para abordar a corriqueira jornada dos passageiros de um trem: chegadas e partidas. Entre emoções e um combo de sentimentos, a estação é retratada por um cenário de dualidade, onde felicidade e tristeza se mesclam. Há também uma descrição acerca de uma estação. A conjunção adversativa *mas* indica uma transição de ideia, a uma oposição, pois a estação referida inicialmente transforma-se em uma estação em que os passageiros não sabem os seus destinos e não imaginam que o destino é a morte. Nos versos “todos trouxeram a sua vida, era principalmente a vida que precisavam trazer consigo” e “é o fim de uma linha” remetem ao que estava por vir: a chegada aos campos, o trabalho escravo, as violências físicas e psicológicas e

as aniquilações. O fim de um verso pode ser interpretado como um fim de uma vida, ou vidas, no caso, as vidas de milhares de judeus. A linha da página acaba junto com a linha do trem.

Na chegada aos campos, ocorria uma seleção a qual a SS escolhia, como mencionado por Primo Levi, os “hábeis e inábeis”, ou seja, algumas mulheres, crianças, idosos e deficientes eram exterminados por serem julgados incapazes de exercer o trabalho escravo que era proposto, assim, “todos nós, homens válidos, fomos reunidos em grupo. O que aconteceu com os demais, mulheres, crianças e velhos, nunca pudemos descobrir, nem na época, nem depois. Foram, simplesmente, tragados pela noite” (LEVI, 1988, p. 22). Levi acrescenta que, com o tempo, os nazistas abriam “simultaneamente as portas dos dois lados dos vagões, sem aviso nenhum, nem instruções, aos recém-chegados. Entravam no campo os que, casualmente, tinham descido por um lado ‘certo’; os do outro lado iam para a câmara de gás” (LEVI, 1988, p. 22). Como visto, os nazistas estavam desesperados para se livrar dos judeus de qualquer modo. Não importava o modo, só importava a execução em que os prisioneiros eram “enterrados” como bichos e tratados como tal também.

Após a seleção, eram tatuados, pois a tatuagem era um outro meio de identificação. Então, não eram tratados pelo nome, e, sim, pelo número, e essa numeração significava “as etapas da destruição do judaísmo europeu. Aos velhos do Campo, o número revela tudo: a época da entrada no Campo, o comboio com o qual se chegou e, conseqüentemente, a nacionalidade” (LEVI, 1988, p. 34). Insígnias triangulares na roupa, acima da altura do coração, eram outro meio de identificação. As insígnias variavam de acordo com a nacionalidade e a categoria do prisioneiro, os sabotadores e prostitutas usavam um triângulo negro; os criminosos comuns usam o triângulo verde; os homossexuais usavam o triângulo rosa; os Testemunhas de Jeová usavam o triângulo roxo; os judeus usavam o triângulo amarelo e as roupas eram marcadas com listra vermelha nas costas (LENGYEL, 2018, p. 124).

O caso particular dos judeus era o mais trágico. Mesmo admitindo que conseguissem superar a barreira do arame farpado e a cerca eletrificada, evitar as patrulhas, a vigilância das sentinelas armadas de metralhadoras nas torres de guarda, os cães adestrados na caça ao homem, para onde poderiam dirigir-se? A quem pedir refúgio? Estavam fora do mundo, homens e mulheres de vento. Não tinham mais pátria nem uma casa, desapropriada em favor dos cidadãos a título pleno. (LEVI, 2016, p. 125)

A ideia de um sistema concentracionário alcançava o imaginário de Anne Frank e as informações obtidas revelavam a existência dos campos: “O que pensar da situação dos judeus vivendo nas paragens longínquas e bárbaras para onde são enviados? Supomos que a maior parte deles seja assassinada. A rádio inglesa fala que estão sendo mortos por gás, talvez seja o

método mais rápido de matança. A Miep narra esses relatos de arrepiar de maneira tão comovente que ela própria fica transtornada” (FRANK, 2019, p. 59). A partir dos relatos, a percepção, que Miep Gies compunha a partir de notícias de rádio, era repassada aos habitantes do Anexo. Anne enfatiza a “suposição” e não a certeza de que a maior parte dos enviados às paragens longínquas e bárbaras – ela contrapõe estas paragens à Holanda – são mortos rapidamente por gás. O desespero e os arrepios relatados por Anne são até hoje um desafio para a nossa compreensão... O trecho ganha ainda mais força quando sabemos que Anne, sua família e milhões de pessoas passaram pelas condições que estamos descrevendo aqui: a viagem de trem, a separação ao chegar, os chutes e socos, as ordens desconexas, o trabalho forçado. E mais:

O regime alimentar de todos os campos compreendia um litro de sopa por dia [...]. O cotidiano do *Lager* – campo de concentração - estava coalhado de inúmeros desnudamentos vexatórios: devido ao controle de piolhos, às buscas nas roupas, à lavagem matinal, à visita das sarnas; e além disso, devido às seleções periódicas, nas quais uma comissão decidia ainda quem estava apto para o trabalho, e quem, ao contrário, estava fadado à eliminação (LEVI, 2016, p. 91-92).

As longas horas de espera na chamada-contagem, *Zahlappell*, que consistia na contagem de todos os prisioneiros do campo, então, se levava em consideração prisioneiros transferidos para enfermaria, outros campos e até os mortos. Essa chamada-contagem, realizada em ar livre, diariamente, durava o tempo que fosse necessário, e para os prisioneiros era uma tortura, uma vez que eram exigidos ainda sob chuva, neve, frio, cansaço do trabalho extenuante, fome e a frustração (LEVI, 2016, p. 93-94). “As músicas são poucas, talvez uma dúzia, cada dia as mesmas, de manhã e à noite: marchas e canções populares caras a todo alemão. Elas estão gravadas em nossas mentes: serão a última coisa do Campo a ser esquecida: são a voz do Campo, a expressão sensorial de sua geométrica loucura, da determinação dos outros em nos aniquilar” (LEVI, 1988, p. 70).

A violência contra o corpo humano, tornando-o um objeto, foi um método nazista desempenhado pelos médicos nazistas, em que não se tratava de restos humanos, mas de matéria bruta, indiferente, boa no melhor dos casos para alguns empregos industriais, até mesmo as cinzas dos fornos crematórios foram utilizadas para vários fins (LEVI, 2016, p. 100-101). Além da inanição, a fome crônica, sede, doenças, torturas, mortes, frustrações e traumas causados por todo o regime nazista.



## 2.4 O testemunho de Anne Frank

Nas primeiras seções abordamos a história de Anne Frank e de seus diários e o panorama histórico-social em que ela viveu. Lidamos também com a “vidinha” cotidiana no Anexo, os meios de obter informações e o modo como a própria Anne conseguia pensar, entre a esperança e o desespero, o que estava acontecendo. Nesta seção temos o objetivo de discutir a literatura de testemunho como fator importante para a construção da memória e história das vítimas/sobreviventes/testemunhas da Shoah. Além disso, pretendemos evidenciar a importância do testemunho de Anne Frank; também pensamos que é uma oportunidade de provocar inquietações, discussões e conscientização acerca do nazismo.

Saul Friedlander discorre que “o nosso conhecimento acerca dos eventos em si aumentou, mas não a nossa compreensão sobre eles. Hoje em dia não possuímos perspectiva mais clara, nenhuma compreensão mais profunda do que imediatamente após a guerra” (FRIEDLANDER, 1992). A problemática apontada por Friedlander indica para uma diminuição da nossa compreensão acerca dos eventos históricos, o que pode ser relacionada ao tempo.

A sobrevivente Nanette Konig relata que “o tempo escorre entre os nossos dedos. O Holocausto se distancia cada vez mais, mas, ainda assim, temos que sempre fazê-lo presente.” (KONIG, 2015, p. 8). Diante desses fatos, vale ressaltar que o fim da Shoah ocorreu há mais de 70 anos; atualmente, há poucos sobreviventes vivos, do que resulta que os testemunhos das vítimas e sobreviventes possuem um teor de maior importância e significância para que a nossa compreensão seja resgatada e jamais esquecida. Com isso, o testemunho de Anne Frank torna-se um valioso instrumento para construirmos modos de compreender a Shoah.

Li o diário inteiro sem parar. Desde a primeira palavra, ouvi a voz de Anne voltar para conversar comigo de onde quer que ela estivesse. Perdi a noção do tempo. A voz dela ressoava para fora do livro, tão cheia de vida, humores, curiosidade, sentimentos. Ela não estava mais morta e destruída. Ela tinha revivido em minha mente. Quando terminei de ler a última palavra não senti a dor que esperava. Estava satisfeita por enfim ter lido. Senti algo preenchendo o vazio em meu coração. Dentre tantas perdas irreparáveis, pelo menos a voz de Anne jamais se perderia. Minha jovem amiga tinha deixado um legado memorável para o mundo (GIES, 2017, p. 200).

Miep Gies, em *Recordando Anne Frank* (2017), narra o momento que leu o diário de Anne. A partir deste trecho elucidamos a importância do testemunho, sobretudo, a importância

de um testemunho de uma mulher, visto que, historicamente, as mulheres foram destituídas de direitos fundamentais para a cidadania, entre eles o testemunho (SARMENTO-PANTOJA, 2019, p. 7).

Segundo Seligmann-Silva (2003), o conceito de testemunho compreende a experiência vivida por um indivíduo no sentido jurídico, histórico e no sentido de “sobrevivência” a um evento-limite (SELIGMANN, 2003, p. 8). O testemunho é constituído por uma possibilidade de apresentar relatos que denotam uma carga traumática, um contato com o inenarrável; ele trata de questões sociais e de narrativas de minorias, de sobreviventes de genocídios, repressões e violações dos direitos humanos.

As obras da literatura de testemunho se constituem a partir de relatos de sobreviventes, em que podemos denominar de autores-testemunha, ou testemunhas-limites, que vivenciaram algum evento-limite. Wilberth Salgueiro cita algumas características presentes em narrativas testemunhais, como o registro em primeira pessoa, um compromisso com a “sinceridade” do relato, desejo de justiça, a vontade de resistência, abalo da hegemonia do valor estético sobre o valor ético, a apresentação de um evento coletivo, presença do trauma, rancor e ressentimento, vínculo estreito com a história, sentimento de vergonha pelas humilhações e pela animalização sofridas, sentimento de culpa por ter sobrevivido e impossibilidade radical de reapresentação do vivido/sofrido (SALGUEIRO, 2012, p. 292-293).

A condição do sobrevivente, o enfrentamento dos traumas e a retomada de uma vida “normal”, a possibilidade de narrar e a recusa de ouvir, e a questão da estética, ou seja, a representatividade da opressão levada ao seu limite foram motivos que levaram alguns sobreviventes a escrever e publicar os seus testemunhos (KIRSCHBAUM, 2010, p. 55).

Os autores Primo Levi, Paul Celan, Victor Klemperer, Aharon Appelfeld, Jorge Semprun, Jean Améry, Adam Czerniakow, Calel Perechodnik, Robert Antelme, Georges Perec, Charlotte Delbo, Ruth Klüger, Maurice Blanchot, Jean Cayrol, David Rousset, Art Spiegelman, entre outros, fazem parte do cânone testemunhal da Shoah (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 4). Notemos que o cânone trazido por Márcio Seligmann-Silva aponta para uma seleção formada, em sua maioria, por figuras masculinas, uma vez que constam nele apenas os nomes de duas mulheres: Ruth Klüger e Charlotte Delbo. Há também a exclusão de Anne Frank, ainda que o diário dela seja um dos mais relevantes testemunhos, por sua circulação ampla, em vários idiomas, ao longo de quase oito décadas. Considerados estes critérios, não há dúvidas de que se trata de um clássico nesta categoria de cânone testemunhal da Shoah.

Diante desta invisibilização de mulheres como testemunhas da Shoah, nosso estudo procura salientar a importância dessas vozes, essenciais se queremos alcançar uma compreensão das permanências do passado fascista no presente. De acordo com Friedlander, as vozes das testemunhas revelam o que era conhecido, o que *podia* ser conhecido; eram suas as únicas vozes que transmitiam tanto a clareza perceptiva quanto a total cegueira de seres humanos confrontados com uma realidade inteiramente nova e absolutamente horripilante (FRIENDLANDER, 2012, p. 29).

Na passagem de Gies citada anteriormente, “dentre tantas perdas irreparáveis, pelo menos a voz de Anne jamais se perderia”, a noção de perda ainda que mínima ganhou um novo sentido, dado que a voz de Anne era tida como viva e, desta vez, não teria chance de ser destruída, sendo, portanto, um potente eco de todos aqueles de sua geração que sofreram e pereceram. Além disso, era a voz de uma mulher judia, que resistiu às formas de silenciamento e de apagamento de seu povo, de sua voz, de sua escrita, de sua vida (ZAPRUDER, 2001, p. 3). Assim, o relato de Anne sobre a sua própria condição de aprisionamento e a sua natureza punitiva deu voz ao medo, solidão, insegurança, saudade, inquietação, desejo, curioso e dor de todos aqueles que foram oprimidos como ela (ZAPRUDER, 2001, p. 3).

Voltando ao trecho de Gies que estamos comentando, na passagem “[m]inha jovem amiga tinha deixado um legado memorável para o mundo”, podemos entender que, primeiramente, a autora se refere à voz de Anne, isto é, à Anne como pessoa, sob uma perspectiva além de vítima da Shoah e escritora. Nas palavras “jovem amiga”, há a alusão à idade de Anne, pois, ela era adolescente na época. Também podemos perceber um olhar de admiração por Anne Frank ter sido forte e corajosa na Shoah, mesmo sendo tão jovem. Isso também se relaciona a uma perspectiva de exaltação por Anne, apesar de todo o sofrimento, ter escrito e testemunhado as problemáticas de sua condição judaica, as fragilidades, vulnerabilidades, dores e esperanças. Gies também deixa ver o fascínio por uma jovem mulher produzir um legado memorável para o mundo, isto é, uma mulher em posição de visibilidade, de voz ativa e de protagonismo. Contudo, o trecho traz também um tom de melancolia devido à jovem amiga ter sido assassinada por causa de sua condição judaica.

Por meio de seu testemunho, “por meio da escrita”, Anne “capturou partes de si mesma e, por meio da leitura, poderíamos conhecer a menina e ela poderia “viver/existir” (ZAPRUDER, 2001, p. 3). Os diários de Anne Frank são construídos pelo prisma da vida da autora, visto que, pelas próprias condições do gênero textual em que se expressa, narrou os acontecimentos cotidianos, expôs os pensamentos, desejos e sonhos, registrou os horrores da Shoah, o que transmite ao leitor uma ideia de proximidade com a autora resultando em uma

compreensão maior da história dela.

Diante de uma escrita evocativa, regada de emoções, sonhos, ideais, Gies conta que ao ler “a voz dela [Anne] ressoava para fora do livro, tão cheia de vida, humores, curiosidade, sentimentos”. Ao ler Anne experienciamos e mergulhamos no mundo dela, um mundo cheio de lutas, coragem e esperança em que, abstratamente, tentamos superar a aniquilação que era o destino dela. Seligmann-Silva, ainda que não comente a obra de Anne Frank, reflete sobre o gênero do diário, que produziria “páginas que se embaralham com a vida de seu autor-protagonista. Nele somos tocados pelo ar que este personagem respirava. Tendemos e ver nele um testemunho, ou seja, um índice, metonímia, e não uma metáfora” (SELIGMANN-SILVA, 2010, p. 180).

Além disso, o diário possui uma respiração, um ritmo, que expressa e aponta para a situação anímica e corpórea de seu autor” (SELIGMANN-SILVA, 2010, p. 180). Desse modo, “o sobrevivente, aquele que passou por um ‘evento’ e viu a morte de perto, desperta uma modalidade de recepção nos seus leitores que mobiliza a empatia na mesma medida em que desarma a incredulidade” (SELIGMANN, 2003, p. 376). É necessário explicar que o termo sobrevivente não é atribuído apenas às vítimas que sobreviveram a Shoah, isto é, que não foram assassinadas, porém também às vítimas que testemunharam, pois, “aquele que testemunha *sobreviveu* – de modo incompreensível – à morte: ele como a que a penetrou” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 50).

A problemática trazida por Seligmann-Silva articulada à sobrevivência das vítimas assassinadas abarca uma perspectiva associada à sobrevivência da história e do testemunho de um povo que apesar das inúmeras formas de aniquilação sobreviveu. Entretanto, pode haver certa romantização nesta perspectiva, dado que as vítimas não puderam, por assim dizer, testemunhar o testemunho.

A este respeito, Primo Levi produziu uma diferenciação que pode ser interessante: para ele, há testemunhas autênticas e testemunhas inautênticas. A testemunha autêntica é aquela que esteve em estado de degradação, irreversivelmente exausta, extenuada, próxima à morte, portanto, que foi até o fim da experiência do campo. Enquanto a testemunha inautêntica, categoria na qual o próprio Levi se pensa, não teria experienciado “por completo” a experiência do campo (LEVI, 2016, 66-79).

É ainda no trecho de Gies que encontramos bons termos para nossa reflexão: “[Anne] não estava mais morta e destruída. Ela tinha revivido em minha mente. Quando terminei de ler a última palavra não senti a dor que esperava”. A rememoração e o consolo vindos dos escritos de Anne para Gies são compreendidos nesta passagem, pois a leitura dos escritos de Anne

provocou em sua amiga um reavivamento das memórias relacionadas à própria Anne Frank. Assim, as noções de dor, de morte e destruição cravados na mente de Miep Gies passam a ter um significado que vai além do sofrimento e perda. O testemunho se liga aqui à possibilidade de sobrevivência de uma voz, como veremos mais adiante, a partir das ideias de Didi-Huberman.

Em relação a isso, Augusto Sarmiento-Pantoja argumenta que a “narração testemunhal é sem dúvida uma alternativa de sobrevivência para quem viveu uma experiência limite, seja ligada à guerra ou aos conflitos políticos, étnicos ou de posse da terra” (SARMENTO-PANTOJA, 2019, p. 6). Podemos compreender que o testemunho de Anne Frank foi uma alternativa de sobrevivência tanto para ela resistir ao sistema nazista; que foi também uma alternativa de sobrevivência à memória dela, pois, ainda que tenha sido assassinada, o seu testemunho sobreviveu. Como afirma Didi-Huberman: o “testemunho já não é sequer uma ‘questão de vida ou de morte’ para a própria testemunha: é simplesmente uma questão de morte para a testemunha e de eventual sobrevivência para o seu testemunho” (DIDI-HUBERMANN, 2012, p. 139).

No início de seu diário, na entrada de 20 de junho de 1942, Anne Frank questionou se os seus escritos seriam interessantes e relevantes para quem os lesse.

Para alguém como eu é muito estranho escrever um diário. Não só porque jamais escrevi, mas também porque me parece, que mais para frente, nem eu e nem ninguém vai se interessar pelos desabafos de uma ginásial de 13 anos. Mas que seja, isso não importa, eu quero escrever e, mais que isso, abrir meu coração e deixar saírem os assuntos mais variados. “O papel é mais paciente que o homem”; esse ditado me ocorreu num dia em que estava levemente melancólica, sentada com o queixo apoiado nas mãos, entediada de puro desânimo, sem saber se saía ou ficava em casa. Acabei ficando na mesma posição, com a cabeça dando voltas. Sim, de fato, o papel é paciente, e, já que não tenho a menor intenção de mostrar a quem quer que seja o caderno de capa dura sobre o qual consta a grandiosa palavra “diário”, a não ser que em algum momento que conheça um amigo ou uma amiga que mereça o título de “o” amigo ou “a” amiga, o mais provável é que nunca caia nas mãos de nenhum interessado. Chego assim ao que me levou a começar a escrever um diário: a falta de uma amiga (FRANK, 2019, p. 21).

Anne Frank inicia a sua narrativa remetendo a si mesma, ao dizer “alguém como eu”. Aqui, há camadas que precisam ser discutidas: o eu de Anne lidando com algo novo como ter um diário; o eu de Anne questionando as suas relações interpessoais como as suas amizades e desejando ter uma amizade verdadeira; o eu de Anne negando a importância de sua história e suas memórias; o eu de Anne enquanto mulher que sofre com os silenciamentos impostos por uma sociedade patriarcal; o eu de Anne como judia que sofreu com todas as perseguições

nazistas e aniquilações.

Anne Frank pode então ser pensada como o que autores como Seligmann-Silva (2010) e Sarmiento-Pantoja (2019) classificam como testemunha *superstes*, aquela que vivenciou um evento extremo, narrando-o geralmente em primeira pessoa. O *superstes* se diferencia de outros dois tipos de testemunho trazidos pelos autores: o *testis* (testemunho de terceiros) e o *arbiter*, testemunho “ouvido” ou “escutado” (Sarmiento-Pantoja afirma que é um testemunho em segunda pessoa).

Os questionamentos e reflexões realizados por Anne apontam para a incerteza do período em que estava inserida, em que as dúvidas e medos fizeram moradia nas vidas dos judeus. As narrativas autobiográficas percorreriam, de acordo com Seligmann-Silva, tanto um duto por onde escorre a vida privada, como também as águas da vida pública. A potência dessas narrativas pode ser transformada em compreensão mesmo muitos anos depois dos fatos passados (SELIGMANN-SILVA, 2010, p. 180). Portanto, Anne, em sua obra, ora narra sobre acontecimentos do Anexo Secreto, sobre os seus anseios e reflexões, ora narra sobre os acontecimentos da guerra e da situação dos judeus.

Anne afirma que: “[o] papel é mais paciente que o homem”; esse ditado me ocorreu num dia em que estava levemente melancólica, sentada com o queixo apoiado nas mãos, entediada de puro desânimo, sem saber se saía ou ficava em casa” (FRANK, 2019, p. 21). Vale ressaltar que ela escreveu isso no primeiro semestre de 1942, o que significa que os judeus já estavam sofrendo com as perseguições nazistas, mas a família dela ainda não estava no Anexo Secreto. Desse modo, os sentimentos de melancolia, tédio, desânimo e dúvida entre sair ou ficar em casa são indícios de que as leis de Hitler já começavam a mudar drasticamente as vidas dos judeus. Diante de tantas mudanças e sentimentos aflorados, Anne anota: “eu quero escrever e, mais que isso, abrir o meu coração e deixar saírem os assuntos mais variados. Chego assim ao que me levou a começar a escrever um diário: a falta de uma amiga”.

Seligmann-Silva argumenta que a necessidade de se expressar e de testemunhar exprime a seguinte ideia:

O testemunho e o diário são dispositivos que surgem na literatura dentro deste embate entre este Eu moderno e o Mundo, sobretudo quando o mundo se apresenta como uma manifestação violenta. Testemunho e diário são as marcas ou pegadas do indivíduo na era da sua desapareição. Este indivíduo precisa se apegar a um Eu que ele está recriando e reafirmando tanto quanto lhe é permitido por um mundo que o puxa, se não para o extermínio, ao menos

para o anonimato e para a sua insignificância (SELIGMANN-SILVA, 2010, p. 182).

Na entrada de 30 de outubro de 1943, Anne torna a questionar acerca dos seus escritos e de sua amiga:

Quem além de mim vai ler estas cartas algum dia? Quem além de mim vai me consolar? Porque eu preciso de consolo com frequência. São tantas as vezes que eu não sou forte o suficiente e erro mais que acerto! É por isso que eu sempre acabo voltando ao meu diário, que é o meu ponto de partida e o meu destino, porque a Kitty é sempre paciente (FRANK, 2019, p. 126).

Constata-se que devido ao evento extremo, de privação de todos os direitos, a necessidade de narrar para uma amiga pensamentos e sentimentos era crucial para ela. A noção de testemunho que Anne traz se articula com amizade e, com isso, Kitty é retratada como uma companhia, uma amiga em que ajudou Anne a enfrentar todas as adversidades do período em que estava passando. A complexidade do diário de Anne acaba por exigir inclusive novas categorias teóricas. Kitty aparece como uma espécie de testemunha *arbiter* ficcional, que faculta o testemunho *superstes* de Anne.

Nas seções iniciais o leitor teve a oportunidade de saber que Anne, ao ouvir pelo rádio o pronunciamento do ministro Bolkestein, que dizia que diários e cartas sobre aquele período seriam coletados no fim da guerra, mudou a direção de seus escritos, uma vez que ela intencionou trabalhar seu diário para publicar um livro no futuro. Ela conta que “imagino que uns dez anos depois da guerra as pessoas vão achar curiosamente engraçado como nós, judeus, vivemos, comemos e falamos aqui. Apesar de eu contar a você muito de nós, ainda assim o que você fica sabendo é só uma pequena parcela do que é a nossa vida” (FRANK, 2019, p. 206).

Aqui, Anne refere-se ao fim da guerra e como seria a recepção dos escritos dos judeus. Ela inicia a reflexão com o verbo imaginar, apontando para a discrepância entre o que vai ser testemunhado e o que “é a nossa vida”. O pós-Shoah foi um período marcado por traumas, processos, tentativas de silenciamento, esquecimento ativo, apagamento e negação de toda catástrofe. Os métodos revisionistas e negacionistas surgiram com o intuito de minimizar e negar as existências dos genocídios, inclusive, a Shoah. Como já mostrado, *O diário de Anne Frank* também foi questionado e negado por esses métodos.

Além disso, a literatura produzida a partir da Shoah surgiu de modo lento, pois foi preciso dar tempo ao tempo, passar pelo impacto do processo de Eichmann em Jerusalém, em 1961, para que, depois de 17 anos de terminada a Segunda Guerra Mundial, os textos

representando o Holocausto começassem a proliferar. Além disso, foi necessário esse tempo, pois a construção social da memória demanda muito esforço coletivo – que envolve desde a construção de museus, passando por reformulações curriculares nas instituições de ensino, pela realização de julgamentos jurídicos, até a composição de obras artísticas, entre outros inúmeros processos – e ainda há o período da escrita e da construção social da legibilidade de testemunhos. Portanto, apesar de haver muita prosa – muitos diários foram escritos no calor da hora e chegaram até nós – e muita poesia sobre a Shoah, também foi preciso esse tempo do trabalho social de construção de memórias e testemunhos para que as narrativas se tornassem legíveis, depois do que Nora Krug denominou, como discutimos anteriormente, a “Era do Esquecimento”. Infelizmente, o articulador do conceito de memória coletiva, Maurice Halbwachs, morreu em Buchenwald, sob o olhar de Jorge Semprun, que faz um tocante testemunho do acontecido em *A escrita ou a vida*.

Outro fator importante que culminou a demora dos sobreviventes para publicar as suas memórias derivou de uma hesitação, uma paralisia, que tem a ver com o dilema enfrentado por todos eles, por um lado, o imperativo de testemunhar, de preservar a memória, ética e politicamente fundamentado, pois o pensamento depois de Auschwitz encontrou-se atravessado pelo desassossego, que oscilou entre o medo e a esperança ante o devir da espécie.

Por outro lado, antes da eclosão da guerra até a libertação, a produção de escritos em cartas e diários emergiu, pois jovens europeus documentaram as suas experiências e impressões de suas vidas. Apesar do medo, repressão, fome, desespero, de espaços lotados, da falta de privacidade, da separação da casa e de entes queridos, jovens que estavam inseridos em condições clandestinas, em esconderijos, guetos e até mesmo em campos de trânsitos escreviam em diários, ou livros encadernados de couro e tecido, papeis, cartas que recebiam como presentes de aniversários e feriados (ZAPRUDER, 2001, p. 1, tradução nossa). Anne Frank fez parte desta geração que necessitava se expressar para resistir às formas de repressão; que utilizava a escrita como uma maneira de refúgio e fuga da realidade; que enxergava raios de esperança e de sobrevivência em meio ao caos.

*Em imagens apesar de tudo* (2012), Didi-Huberman trata da discussão da produção de fotografias durante a Shoah, mas também a respeito da produção de testemunhos em geral. De acordo com Didi-Huberman, as vítimas possuíam perfeita consciência tanto em guetos como em campos de concentração a respeito dos fatos ocorridos no momento e indaga: “o que fazer, então, senão constituir arquivos susceptíveis de sobreviver – escondidos, enterrados, disseminados – para além do extermínio das próprias testemunhas?”. Evidencia-se o propósito de registrar e testemunhar para que houvesse, ao menos, a sobrevivência desses testemunhos.



Era toda a gente que escrevia, os que ficavam em evidência eram os jornalistas e escritores por certo, porém professores, trabalhadores, jovens e crianças escreviam os acontecimentos trágicos em diários por prismas de experiência vivida pessoal (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 140). A relevância da escrita para as vítimas é incontestável e a noção de resistência de que, apesar de tudo, houve a possibilidade de testemunhar, o que atinge o efeito dos poderes do impossível, que é o testemunhar de dentro da morte (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 138).

Na entrada de 05 de abril de 1944, Anne Frank escreve:

Quero perdurar, mesmo após a minha morte! E é por isso que eu dou graças a Deus por ter me dado, quando nasci, a possibilidade de me desenvolver e escrever, ou seja, expressar tudo o que existe em mim. Por meio da escrita eu me liberto, a minha tristeza desaparece, a minha coragem revive! Escrevendo, posso registrar tudo: os meus pensamentos, os meus ideais e as minhas fantasias (FRANK, 2019, p. 211)

A partir desse trecho compreendemos a importância da escrita para ela e o poder disso em sua vida, pois não se trata apenas do ato de escrever, de desabafar, ou testemunhar sobre os acontecimentos, mas também da possibilidade de se expressar e se entender como ser humano. A sobrevivente Nanette König afirma: “constatei que um dos bens mais preciosos do ser humano é a liberdade: liberdade de ir e vir, liberdade proferir suas crenças, liberdade de ser quem você é. Devemos lutar por aquela liberdade que não invade o espaço do outro e não anula o outro” (KONIG, 2015, p. 173). Por meio da escrita, a autora poderia recriar uma realidade em que a intolerância, a desumanidade e o preconceito não existiriam, que as pessoas não seriam aniquiladas por causa de suas raças, crenças, etnias e que as pessoas teriam a liberdade de ser quem quisessem ser, visto que a escrita compõe o campo das lutas e organizações coletivas que garantem, geração após geração, o mínimo de liberdade.

### **3. MULHERES: PANORAMA GERAL**

Uma história que, embora não sendo independente da história dos homens, é, apesar de tudo, uma história específica das mulheres enquanto mulheres. As mulheres permaneceram invisíveis fundamentalmente porque elas, as suas experiências, atividades e espaços não foram considerados merecedores da análise histórica (BOCK, 1989, p. 160).

Conhecemos o mundo de Anne Frank, o contexto histórico-social que esteve inserida e a importância de seu testemunho. Este segundo capítulo será destinado ao panorama histórico-social dos papéis sociais que mulheres arianas e judias desempenharam no regime nazista, e a

experiência concentracionária de Anne Frank. Refletimos sobre a necessidade de trazer discussões acerca dos papéis sociais dessas mulheres, bem como a trajetória final de Anne Frank para testemunhar a participação das mulheres judias e arianas na Shoah.

Durante um longo período, a história das mulheres no ocidente ocupou um espaço marcado pela subalternidade, silêncio, invisibilidade e exclusão, uma realidade que ainda se manifesta nos dias atuais. Esse silenciamento é uma condição historicamente imposta às mulheres, por meio da negação de educação e da limitação de papéis significativos nos espaços públicos. Esse silêncio perpetua-se por meio de diversos mecanismos e áreas, abrangendo desde as violências historicamente sofridas pelas mulheres, como estupro e violência doméstica, até a ausência de protagonismo feminino nas indústrias midiáticas.

As mulheres continuam a enfrentar a desumanização em múltiplos aspectos, que incluem a objetificação de seus corpos, sendo tratadas como meros objetos de prazer ou submissão, bem como sendo vítimas da escravidão e exploração sexual. Elas também sofrem com a persistente desigualdade social, econômica e política, e são frequentemente oprimidas tanto fisicamente quanto psicologicamente em sociedades moldadas por estruturas patriarcais. É inegável que as mulheres ainda são afetadas por um sistema de dominação masculina arraigado.

No entanto, é encorajador ver cada vez mais mulheres se unindo para reivindicar seus direitos, liderar causas femininas e buscar seu lugar em uma sociedade que, embora resista às mudanças de gênero, está testemunhando um crescente movimento em direção à igualdade e justiça.

Partindo do recorte deste capítulo, abordamos a história das mulheres judias e arianas em meio à sociedade patriarcal nazista. Enquanto as mulheres judias eram estigmatizadas e perseguidas implacavelmente pelo Estado, as mulheres arianas eram consideradas símbolos da suposta “raça pura” e, como tal, eram designadas para servir à família e à pátria. Esses eram papéis sociais distintos, embora compartilhassem uma mesma estrutura de dominação, enraizada no patriarcado e na ideologia racial. As narrativas dessas mulheres revelam faces de crueldade e horror que marcam profundamente a história desse período.

### 3.1 O papel social das mulheres arianas

A mulher alemã, que era classificada como “ariana”, desempenhou diversos papéis durante a Shoah, que incluíam ser mãe, esposa, membro ativo do Partido Nazista e, em alguns casos, perpetradora dos crimes nazistas. É importante ressaltar que generalizações devem ser evitadas, uma vez que não se pode considerar a população feminina alemã como um grupo homogêneo de perpetradoras ou de vítimas. Cerca de 40 milhões de mulheres viviam na Alemanha em 1939; um terço desse contingente, aproximadamente 13 milhões de mulheres, estava ativamente envolvido em alguma organização do Partido Nazista. Além disso, o número de mulheres afiliadas ao Partido Nazista continuou a crescer até o final da guerra (LOWER, 2014, p. 23).

Em 1934, em um comício, Hitler proclamou:

O que o homem oferece em heroísmo no campo de batalha, a mulher iguala em constante perseverança e sacrifício, com dor e sofrimento constantes. Cada criança que ela traz ao mundo é uma batalha que ela empreende pela existência de seu povo... Pois a Comunidade Nacional-Socialista do Volk foi estabelecida numa base firme, precisamente, porque milhões de mulheres se tornaram mais leais, fanáticas, companheiras combatentes (LOWER, 2014, p. 34).

O discurso de Hitler enfatizava o papel da mulher ariana no lar e no movimento nazista. A ideologia da comunidade Nacional-Socialista do Volk propagava a nociva noção de degeneração das raças, especialmente direcionada a grupos minoritários. Teorias pseudocientíficas sustentavam a crença de que esses grupos representavam ameaças à saúde e integridade dos povos superiores, colocando em risco a pureza racial e étnica.

O lugar da mulher ariana no lar era vinculado ao ideal nazista de ser a reprodutora ideal para o Terceiro Reich, contribuindo para o aumento das taxas de natalidade e, assim, garantindo a renovação e o futuro da raça. A mãe ariana era vista como um símbolo de cooperação na luta contra a suposta degeneração racial (BOCK, 1991, p. 186).

Segundo Wendy Lower, historiadora e diretora do Museu do Holocausto dos Estados Unidos, autora do livro *As Mulheres do Nazismo* – cujo título original é *Hitler's Furies: German Women in the Nazi Killing Fields* – publicado primeiramente em 2013, e logo traduzido no Brasil por Ângela Lobo, pela Editora Rocco. A obra está dividida em treze capítulos que

exploram a participação das mulheres alemãs nas regiões do leste europeu, como Ucrânia, Polônia e Bielorrússia, fornecendo uma análise de suas atividades e ações durante esse período.

No contexto do livro, as mulheres arianas eram idealizadas como heroínas cuja missão era limpar o passado vergonhoso da Alemanha (LOWER, 2014, p. 23). Seu papel era gerar alemães puros, demonstrar fidelidade aos maridos e zelar pela unidade familiar. A fim de preservar a herança racial nórdica na Alemanha, essas mulheres eram rigorosamente proibidas de estabelecer relações com estrangeiros, em particular com judeus, considerados uma raça degenerada. Além disso, era-lhes imposto o ônus de não conceber crianças com doenças genéticas, uma vez que tal situação era vista como uma ameaça à pureza racial da nação alemã. O discurso de Adolf Hitler estava centrado na representação da família como o núcleo fundamental da nação ariana. Nesse contexto, os homens eram idealizados como trabalhadores, chefes de família e heróis, enquanto as mulheres eram vistas como símbolos de fertilidade e dedicadas ao serviço à pátria e à família. O compromisso com o serviço à pátria era de extrema importância, uma vez que no Terceiro Reich, todas as mulheres eram obrigadas a trabalhar e contribuir para o esforço de guerra, seja em empregos remunerados ou não (LOWER, 2014, p. 20).

Dada a ênfase do Partido Nacional-Socialista na promoção de uma suposta raça superior, foram implementados diversos benefícios para as mães arianas. Isso incluiu a construção de creches, licença maternidade e empréstimos para casais que planejavam ter filhos. Além disso, foram estabelecidos programas para a restauração e estabilização da família. Em 1935, Heinrich Himmler criou a instituição chamada *Lebensborn*, Fonte da Vida, com a responsabilidade de construir maternidades na Alemanha e nos países ocupados. Antes de serem admitidas como possíveis mães e incentivadas a ter filhos, as mulheres eram submetidas a uma seleção rigorosa com base em suas credenciais étnicas e eugênicas, bem como as do pai da criança. O objetivo central desse programa era aumentar a taxa de natalidade, visando a contribuição para a pátria através da geração de filhos considerados racialmente puros (SOUZA, 2014, p. 43; BOCK, 1991, p. 206).

As vidas, mentalidades e corpos dessas mulheres foram subjugados pelo Estado. Elas eram forçadas a cumprir ordens, a se sacrificar em nome da missão de gerar filhos saudáveis para preservar a pureza racial e a suportar o sofrimento de viver em silêncio, relegadas apenas ao âmbito doméstico e à maternidade. Foi um processo profundamente doloroso, marcado pela exclusão da esfera pública, moldando assim o destino dessas mulheres. Apesar do apoio estatal, ou justamente em razão dele, a opressão permanecia uma constante em suas vidas, servindo como um lembrete do quão pesado era o fardo imposto pelo regime nazista.

Sob a perspectiva das esposas e amantes dos oficiais da SS, a realidade revela um quadro perturbador. Essas mulheres participaram ativamente de massacres em guetos e campos de concentração e extermínio. Elas consolavam seus parceiros quando retornavam do trabalho sujo, preparavam refeições para os homens em locais próximos a execuções em massa e deportações, e testemunhavam fuzilamentos. Casos de intimidade sexual, festas e até atos de violência contra prisioneiros eram documentados em passeios e escapadas românticas, tanto por parte de esposas quanto de amantes (LOWER, 2014, p. 20).

Wendy Lower apresenta uma afirmação significativa, destacando que “os regimes de terror se alimentam do idealismo e da energia de pessoas jovens, transformando-as em obedientes células de movimentos de massa, forças paramilitares e até perpetradoras de genocídio” (LOWER, 2014, p. 27). Essa declaração se aplica de forma notável à realidade das mulheres arianas que, muitas vezes, ocuparam posições de lealdade, subserviência e comprometimento com os ideais da ideologia nazista.

A autora observa que a referência à energia da juventude destaca a vulnerabilidade dos indivíduos em processo de formação de caráter, tornando-os suscetíveis à influência e persuasão por parte dos líderes nazistas. Para essas mulheres, “as ações violentas eram justificadas como atos de vingança contra os inimigos do Reich. Na mente delas, esses atos eram expressões de lealdade (LOWER, 2014, p. 16)

A formação dessa mentalidade era resultado da intensa doutrinação ideológica praticada na época. Essa doutrinação, que era direcionada às mulheres, era realizada através das instituições educacionais do Terceiro Reich. Hitler enfatizava que a educação apropriada deveria inflamar o senso de raça e o sentimento racial nos instintos e no intelecto, no coração e no cérebro da juventude confiada a ela (LOWER, 2014, p. 51). Portanto, os espaços educacionais desempenhavam um papel crucial na disseminação de elementos-chave, como a conversão das pessoas de ascendência germânica à causa nazista, a criação de uma hierarquia racial e o cultivo de uma elite de educadoras comprometidas com esses ideais.

Além disso, instituições nacional-socialistas desempenharam um papel fundamental na doutrinação e educação das mulheres alemãs. A Liga das Moças Alemãs (Bund Deutsche Mädel - BDM), fundada em 1930, era uma organização afiliada ao Partido Nacional-Socialista e atraía jovens com idades entre 14 e 18 anos. Este grupo participava de atividades esportivas, de lazer e recebia ensinamentos ideológicos do partido. A BDM tinha sua contraparte masculina na Juventude Hitlerista, destinada à educação dos meninos.

Outra instituição importante era a Liga Nacional-Socialista das Mulheres (Nationalsozialistische Frauenschaft, NSF), fundada em 1931 por Gertrud Scholtz-Klink, com

o objetivo de educar as mulheres alemãs para suas responsabilidades nacionais e políticas. Além disso, Scholtz-Klink liderava a Organização de Mulheres Alemãs (Deutsches Frauenwerk, DFW), que não estava filiada ao Partido Nacional-Socialista e se originou da fusão de outras entidades femininas pré-nazismo. Tanto a NSF quanto a DFW se dedicavam à formação de mulheres como donas de casa e mães. Elas organizavam cursos e palestras abordando temas como maternidade, culinária tradicional, ensino de tradições folclóricas e cuidados com a saúde familiar, com ênfase na formação política racial (SOUZA, 2014, p. 44; BOCK, 1991, p. 212).

A imagem de beleza feminina também sofreu os impactos da ideologia dominante, passando a ser aquela resultante de uma dieta saudável e da prática de atividades físicas. De acordo com os princípios propagados, as jovens arianas não deveriam recorrer a cosméticos ou realizar atividades consideradas tradicionalmente femininas, como pintar unhas, depilar sobrancelhas, usar batom, tingir os cabelos ou buscar uma extrema magreza. Essa abordagem tinha como base a crença de que a comercialização de produtos de beleza estava amplamente associada aos judeus e de que a adoção desses hábitos estéticos levaria à vulgarização da feminilidade, o que, por sua vez, poderia resultar na prostituição e, principalmente, na suposta degeneração racial (LOWER, 2014, p. 37-38).

A doutrina nazista exercia um controle abrangente sobre a vida das mulheres arianas, determinando seus papéis sociais e posições na sociedade. Concedia a elas papéis como participantes ativas. A historiadora Maria Gabriela Vasquez categoriza o envolvimento das mulheres na estrutura política do regime nazista em três grupos distintos: o grupo das mulheres informantes, cuja responsabilidade era denunciar opositores políticos e raciais; o grupo das médicas e enfermeiras, que desempenharam funções nos centros clínicos encarregados de realizar programas de eutanásia e abortos forçados; e, por fim, o grupo das guardas de campos de concentração, trabalho e extermínio (VASQUEZ, 2010, p. 254).

Dentro desse contexto de ampla mobilização, algumas mulheres se destacavam de maneira notável. Algumas secretárias desempenhavam uma dupla função, sendo tanto burocratas eficientes como participantes sádicas, algumas não apenas datilografavam as ordens de execução, mas também estavam envolvidas diretamente em massacres em guetos e testemunhavam fuzilamentos. As professoras desempenhavam um papel ativo na promoção da visão civilizatória alemã. As esposas, além de cumprir as obrigações inerentes às suas posições, também estavam envolvidas em atos de violência contra prisioneiros. Enfermeiras desempenhavam um papel ativo na extinção de mulheres consideradas degeneradas. As guardas em campos de concentração e extermínio conduziam ações violentas tanto físicas quanto morais, contribuindo para o extermínio de muitas mulheres.

Para Wendy Lower, mulheres desempenharam papéis consideráveis como zelosas administradoras, ladras, torturadoras e assassinas nos campos de concentração e extermínio. Centenas de milhares de mulheres alemãs, pelo menos meio milhão, ocuparam as regiões do Leste Europeu. Este número expressivo destaca a importância delas no sistema genocida de guerra e no governo imperial nazista.

Durante a era nazista, a Cruz Vermelha alemã treinou 640 mil mulheres, das quais cerca de 400 mil prestaram serviço na guerra. A maioria delas foi designada para áreas de retaguarda ou próximas às zonas de batalha nos territórios do Leste. Elas desempenharam funções em hospitais de campanha do Exército e da Waffen-SS, trabalhando em plataformas de trem, servindo refeições a soldados e refugiados, e atuando em centenas de acampamentos de soldados. Muitas conviveram com tropas alemãs na Ucrânia, Bielorrússia, Polônia e no Báltico. Além disso, o exército alemão treinou mais de 500 mil mulheres jovens em funções de apoio, incluindo operação de rádio, arquivamento, registro de voos e interceptação de comunicações, com 200 mil delas servindo no Leste (LOWER, 2014, p. 18-19)

Os estudos indicam a participação das mulheres no regime nazista, embora a predominância fosse masculina. De acordo com Vasquez, a historiografia sobre o tema aponta que apenas cerca de 10% das mulheres ocupavam cargos e estavam envolvidas nas práticas genocidas (VASQUEZ, 2010, p. 254). Portanto, mulheres com posições oficiais no Reich, como Gertrud Scholtz-Klink, que detinha o cargo mais elevado entre as mulheres no Partido Nazista, podiam chamar bastante atenção, mas, na prática, tinham pouco poder político de forma oficial. Em contraste, a contribuição de outras mulheres em diversas funções passou amplamente despercebida e subexplorada (LOWER, 2014, p. 20). Os estudos discutidos nesta seção ressaltam que as mulheres arianas foram vítimas das estruturas de poder majoritariamente controladas por homens. Mesmo aquelas que desempenharam papéis ativos não escaparam da influência prejudicial dessas dinâmicas.

Nos campos nazistas, as guardas femininas permaneceram subordinadas aos homens e não alcançaram cargos de alta patente. Muitas mulheres desempenhavam funções relacionadas à supervisão, patrulha, administração das cozinhas e organização dos grupos de trabalho. As Blockovas, mulheres designadas para a administração e organização dos campos, lideravam e tinham autoridade, mas também perpetraram atos de brutalidade, violência extrema, maus-tratos, torturas, assassinatos e auxiliaram os nazistas nas seleções para as câmaras de gás.

Embora a contribuição das mulheres arianas no genocídio nazista seja considerada limitada em termos numéricos, elas desempenharam um papel significativo na determinação do

destino de muitas mulheres, principalmente as judias, que foram as mais afetadas. Essas mulheres perpetradoras desafiaram a idealização da maternidade e da pureza promovida pela ideologia nazista. Lower, entretanto, enfatiza a necessidade de uma análise mais aprofundada da participação das mulheres alemãs na construção do Terceiro Reich, já que uma grande parcela delas não foi vítima e que muitas formas cotidianas da participação feminina no genocídio ainda não foram completamente esclarecidas (LOWER, 2014, p. 24).

Por meio do contexto apresentado nessa seção, compreendemos que o sistema nazista estava enraizado em uma ideologia patriarcal em que as mulheres arianas eram muitas vezes relegadas a papéis tradicionais, como esposas e mães, que se alinhavam com a visão do nazismo sobre o papel das mulheres na reprodução da “raça ariana”. Essa ideologia reforçava a opressão de gênero e estabelecia distinções entre as mulheres, dependendo de sua ascendência étnica e conformidade com as políticas nazistas.

Compreender esses papéis sociais dentro do contexto nazista é fundamental para analisar o impacto do regime no status e nas experiências das mulheres. Isso também ressalta como o nazismo explorou a identidade de gênero em sua ideologia e estrutura de poder, oprimindo as mulheres arianas de maneiras específicas, enquanto também direcionava a violência e a perseguição contra outros grupos, como os judeus.

Integrar essa discussão à dissertação é fundamental para uma compreensão mais aprofundada da estrutura social na qual Anne estava inserida. Mesmo sendo judia e enfrentando desafios específicos, essa estrutura social desempenhou um papel significativo em sua vida e na perspectiva de Anne em relação aos papéis sociais das mulheres na sociedade da época, conforme explorado no terceiro capítulo, que veremos a seguir.

### **3.2 O papel social das mulheres judias**

A partir de 1933, com a ascensão de Hitler, a perseguição aos judeus atingiu medidas mais rigorosas. As mulheres judias não foram poupadas desse terror. Pelo contrário, enfrentaram um nível de opressão ainda mais intenso, pois foram categorizadas como representantes e propagadoras de uma raça supostamente degenerada. Elas foram consideradas impuras e portadoras de sangue contaminado pela ideologia nazista, que as via como responsáveis por perpetuar a impureza racial ao dar à luz filhos judeus. Como resultado, essas mulheres enfrentaram o risco de serem submetidas a uma série de experimentos médicos projetados para interromper seu processo reprodutivo. Muitas dessas intervenções podiam ser



fatais e irreversíveis, causando traumas duradouros e desordens permanentes. A esterilização forçada e o aborto sem consentimento eram práticas comuns no plano do Estado nazista para controle populacional e higiene racial (SOUZA, 2014, p. 22).

Devido ao ideal de regeneração da suposta raça superior adotado pelos líderes nazistas, aproximadamente 250 tribunais de esterilização foram estabelecidos com a colaboração de profissionais de diversas áreas, incluindo direito, psicologia, genética, antropologia e medicina. Estes profissionais tinham a autoridade para decidir sobre o direito de reprodução das pessoas (SOUZA, 2014, p. 23). O objetivo principal era combater qualquer forma de procriação de grupos considerados indesejados. Isso resultou na imposição de procedimentos de esterilização forçada às mulheres, o que não apenas violava seus corpos, mas também causava traumas profundos, uma vez que significava a impossibilidade de gerar gerações futuras.

As mulheres judias foram forçadas a enfrentar uma série de desafios: carregar o estigma de representantes de uma raça considerada degenerada, o que as impedia de procriar; viver em uma sociedade dominada pelas ações nazistas, o que teve um impacto profundo em suas vidas; ser deportadas para locais desconhecidos; tentar sobreviver a uma viagem desumana; proteger e cuidar de seus filhos; lidar com a separação de seus filhos e maridos, o que significava ficar distantes deles; conviver com preocupações e incertezas constantes; e sobreviver às inúmeras tentativas de aniquilação.

Elas sofreram estigmatização, perseguição, tortura, aprisionamento e aniquilação tanto na sociedade nazista quanto nos campos de concentração. A chegada aos campos de concentração é um tema amplamente discutido entre os sobreviventes, pois representa a entrada na esfera da morte. Segundo Olga Lengyel, a chegada a esses campos proporcionou uma mistura de sentimentos, como alívio pelo fim da terrível jornada em vagões de gado, frequentemente chamados de abatedouros devido às muitas mortes, já que os oficiais da SS não permitiam a remoção dos corpos. E a ansiedade e o temor por possíveis tragédias também eram constantes (LENGYEL, 2018, p. 23). Infelizmente, muitas vítimas não sobreviveram à viagem para os campos de concentração devido às condições precárias nos trens de gado. Como relata Charlotte Delbo, as mulheres eram transportadas de um mundo para outro, subitamente submetidas a uma existência na beira da morte, vivendo no frio, na luz e no silêncio (DELBO, 2021, p. 49).

Outro aspecto crucial surge com o processo de seleção, no qual os oficiais da SS realizavam a divisão entre as vítimas consideradas aptas e inaptas para desempenhar funções nos campos de concentração. Essa separação entre mulheres, homens, crianças e idosos resultava na quebra dos laços afetivos dentro desses espaços, despertando uma variedade de

emoções negativas. Para as mães judias, lidar com a perda e a ausência de seus filhos era uma experiência especialmente devastadora. Na época, dentro de uma estrutura patriarcal, maternidade simbolizava um amor incondicional, com as mães dedicando-se à criação e proteção de seus filhos. Essa separação representava uma forma de tortura para as mulheres, pois, “Himmler calculara que as mulheres podiam ser torturadas de uma forma diferente dos homens; para a maior parte delas, o simples fato de os maridos serem assassinados e seus filhos serem levados embora – em geral para orfanatos nazistas – era suficientemente doloroso” (HELM, 2019, p. 41).

Wendy Holden, autora do livro *Os Bebês de Auschwitz*, publicado em 2015 pela editora Globo Livros, relata a história de três jovens: Priska, Rachel e Anka. Essas mulheres compartilharam o segredo de suas gravidezes enquanto enfrentavam as terríveis condições no campo de Auschwitz. No livro, temos acesso aos relatos das vítimas mencionadas e somos expostos à profunda complexidade do que as mulheres grávidas enfrentaram. Como Holden descreve: “Muitas mulheres enlouqueceram, pranteando, nostálgicas, a perda dos filhos, pais ou entes queridos. O desespero era contagiante, e a morte era vista como uma salvação. Outras – apáticas e destruídas – fecharam-se em si mesmas, mudas e espectrais, seguindo ordens às cegas, num estado de pavor permanente” (HOLDEN, 2015, p. 139).

Menstruação, maternidade e abusos emergem como questões relevantes nos testemunhos das sobreviventes. Elas relatam que profissionais de saúde eram coagidos a realizar procedimentos invasivos em mulheres judias, como abortos forçados, inspeções minuciosas e até mesmo intervenções para suprimir a menstruação. Há depoimentos que confirmam a presença de um pó químico na comida das mulheres, como observado por Lengyel: “é provável que o misterioso pó químico com que os alemães batizavam nossa comida fosse uma das causas da interrupção da menstruação” (LENGYEL, 2018, p. 101). Além desses procedimentos, muitas mulheres grávidas eram encaminhadas para câmaras de gás, como Lengyel relata: “assim que um bebê nascia na enfermaria, mãe e filho eram mandados para a câmara de gás” (LENGYEL, 2018, p. 117). Aquelas que conseguiam ocultar a gravidez eram aconselhadas por prisioneiras médicas a sacrificar seus próprios filhos para preservar a própria vida (HOLDEN, 2015, p. 151).

Eva Schloss, sobrevivente da Shoah e enteada de Otto Frank, compartilhou suas experiências e memórias em seu livro intitulado *Depois de Auschwitz*, publicado em 2013. Nesta obra, ela relata sua vivência em Auschwitz-Birkenau, oferecendo uma perspectiva sobre os acontecimentos do campo de concentração e o impacto que essa experiência teve em sua vida.

Seguimos pela estrada de terra, centenas de mulheres com calor, sede, cansadas, cientes de que nas fazendas e casas ao redor viviam pessoas comuns seguindo suas vidas. Olhei em volta e vi uma cerca alta de arame farpado eletrificado que se estendia até onde meus olhos alcançavam, postos de guarda tomados por soldados da SS com cães furiosos e longas filas de galpões escuros e decrepitos. Havia um fedor azedo desconhecido no ar. Logo descobrimos o que era aquele cheiro. Uma vez dentro do galpão não ventilado que servia como área de recepção, um grupo de oito mulheres Kapo chegaram para supervisionar nossa entrada. As Kapos eram prisioneiras que a SS usava para administrar os campos. A maioria delas era composta por cristãs polonesas que estavam encarceradas em Auschwitz desde o início da guerra. Algumas ainda tinham um traço de humanidade, mas muitas eram criminosas que mantinham privilégios de suas posições exercitando crueldades e barbáries. (SCHLOSS, 2013, p. 104)

No relato de Eva Schloss, encontramos uma breve descrição da chegada dela e de outras mulheres ao campo de concentração. Logo no início, as palavras “calor”, “sede”, “cansadas” e “cientes” evocam as condições precárias nos trens de gado, com a ausência de água, alimentos e superlotação. Em seguida, ela descreve o cenário, lançando uma crítica à sociedade que parecia preocupada apenas com seus próprios interesses. O cenário é composto por cercas de arame farpado, soldados com cães furiosos e galpões escuros, indicando um destino de repressão e aniquilação. O cheiro desconhecido representa de forma literal a destruição de vidas. Schloss menciona as mulheres Kapos, que desempenhavam funções administrativas para os nazistas a fim de obter privilégios. Além disso, em outros testemunhos, encontramos o conceito de Blokovas para designar essas prisioneiras que colaboravam com os nazistas. Isso destaca o fato de que mulheres também foram responsáveis por perpetrar crimes, crueldades e atrocidades nos campos de concentração e extermínio.

O testemunho de Eva Schloss desempenha um papel importante ao esclarecer a dura realidade enfrentada pelas prisioneiras de Auschwitz-Birkenau. Além disso, destaca a relevância de uma narrativa protagonizada por uma mulher judia que pode testemunhar sua própria história e compartilhar suas memórias. Como discutido no primeiro capítulo, a literatura de testemunho muitas vezes tornou-se um campo no qual escritores ganham mais reconhecimento. Narrativas como as de Schloss nos apresentam a perspectiva e os desafios enfrentados pelas mulheres judias nesse período, permitindo também uma visibilidade maior para as vítimas e autoras femininas. Uma parte da incompreensão apontada por Frielander a respeito dos eventos em torno do nazismo pode estar relacionada ao descuido no acolhimento de testemunhos como os de Anne Frank e outras mulheres nos campos de estudo que se dedicam a investigar a Shoah.

Schloss ecoa a realidade de muitas mulheres judias, pois, como diz Myrna Goldenberg, são “diferentes horrores do mesmo inferno”. Essa expressão ressalta a importância de reconhecer e respeitar as histórias individuais de mulheres, levando em consideração suas identidades, perspectivas, nacionalidades e particularidades (GOLDENBERG, 1990, p. 150).

Diante dessas semelhanças, podemos traçar paralelos entre as histórias de Anne Frank e Eva Schloss. Schloss, nascida em 1929 na Áustria no mesmo ano que Anne, provinda de uma família financeiramente estável, também foi perseguida pelos nazistas. Sua família migrou para a Holanda, onde ela conheceu Anne em Merwedplein e iniciou uma breve amizade. Ela relata que frequentava o apartamento dos Frank, onde se reuniam, bebiam limonada, e que brincava com Moortje, o gato da família. Apesar do contato próximo com Anne e a família Frank, Eva descreve sua amizade com Anne como mais uma relação de conhecidas, já que eram pessoas bastante diferentes, e Anne tinha uma amizade mais próxima com Hannah Elisabeth (SCHLOSS, 2013, p. 60)

Assim como Anne, Eva Schloss também teve que entrar na clandestinidade e viver em esconderijo. Em seu aniversário de quinze anos, 11 de março de 1944, ela e sua família foram capturadas pelos nazistas, o que marcou o início de sua jornada de deportação, semelhante à de Anne, uma vez que foram levadas em um caminhão para o quartel do Sicherheitsdienst (Serviço de Segurança Alemã, conhecido como SD). Posteriormente, foram transferidas para o presídio Huis van Bewaring e, por fim, transportadas para o campo de concentração de Westerbork. A família Schloss teve um destino diferente da família de Anne Frank; eles sobreviveram. Após a guerra, Otto Frank casou-se com Elfriede Frank em 1953 e se tornou padrasto de Eva Schloss.

Os testemunhos de Anne Frank e Eva Schloss abrangem diferentes períodos da Shoah, já que Anne relatou sua experiência durante o tempo em que esteve escondida, sem abordar sua experiência em campos de concentração. Por outro lado, Eva Schloss compartilhou suas memórias após o término da guerra, incluindo sua vivência em campos de concentração. Lidos em conjunto, ambos, *O diário de Anne Frank e Depois de Auschwitz*, apresentam importância para a compreensão da história judaica e das mulheres durante a Shoah.

Olga Lengyel e Eva Schloss disponibilizam uma visão das condições precárias enfrentadas por elas durante as deportações e nos campos de concentração. Contudo, as condições degradantes não se limitaram apenas ao transporte em trens de gado; nos campos de concentração, as mulheres judias enfrentaram um sofrimento ainda mais atroz. Torturas, humilhações, danos físicos e psicológicos, e assassinatos eram ações executadas pelos nazistas com o objetivo de extinguir suas vidas. A degradação da vida das mulheres judias ocorreu de todas as maneiras concebíveis.

Essas mulheres foram submetidas a atos de violência de várias formas. A primeira categoria estava relacionada diretamente ao corpo, envolvendo estupro, abortos forçados, experimentos científicos, despojamento, tortura, trabalho escravo, raspagem completa dos cabelos, tatuagens forçadas, exposição a riscos de epidemias e execuções. A segunda categoria dizia respeito à violência moral, afetando o lado emocional e psicológico das prisioneiras, que eram ameaçadas de morte, sujeitas a insultos e separadas de seus familiares (SOUZA, 2014, p.36).

Lengyel revela que, após ingressarem nos campos de concentração, as mulheres eram submetidas a violência contra seus corpos: “fomos então obrigadas a nos submeter a um minucioso exame à maneira nazista, oral, retal e vaginal. Tivemos que nos deitar sobre uma mesa, nuas em pelo, enquanto nos analisavam” (LENGYEL, 2018, p. 30).

Como já comentamos no primeiro capítulo deste trabalho, Ravensbruck foi construído em 1939 e é localizado a 80 quilômetros ao norte de Berlim, na Alemanha. Este campo de concentração nazista foi o único construído exclusivamente para mulheres. Embora as prisioneiras judias representassem apenas 10% do total, eram submetidas a humilhações mais intensas do que outros grupos. Estavam sujeitas a contínuos abusos, trabalhando longas horas sem descanso. Devido a essas condições adversas, muitas adoeciam e sofriam de pernas inchadas, ataques nervosos e infecções pulmonares. Além disso, eram frequentemente afligidas por bolhas e ferimentos decorrentes de espancamentos. Insultos verbais como “prostitutas judias”, “porcas, putas ou cadelas”, e “cafelas ricas judias” eram proferidos pelas guardas do campo (HELM, 2019, p. 93).

Além disso, elas também enfrentavam uma pressão psicológica para atender a um padrão de saúde e aparência específico, uma vez que eram selecionadas e inspecionadas rigorosamente. Como observado por Holden: “eles andavam de um lado para o outro olhando as mulheres a fim de selecionar as mais jovens e saudáveis. Não havia bebês, nem mães. Só mulheres capazes de trabalhar” (HOLDEN, 2015, p. 14). Tanto do ponto de vista psicológico quanto do físico, as mulheres eram profundamente afetadas. Lengyel relata que “elas haviam perdido de 50% a 60% do seu peso original e encolhido em altura. Era inacreditável, algumas delas chegavam a pesar apenas 25 ou 30 quilos” (LENGYEL, 2018, p. 100).

Essa busca constante para atender a padrões estéticos e de sobrevivência adicionava um fardo adicional à saúde mental das prisioneiras, afetando severamente sua autoestima. Como Holden observa: “como animais tosados, aquelas jovens barbarizadas já não se sentiam humanas... Você se sente mais do que nu; sente-se degradado... como uma barata, que pode ser pisada. Você não imagina como a pessoa se sente sem cabelo” (HOLDEN, 2015, p. 155). O

sistema nazista infligiu todas as formas de crueldade e desumanidade às mulheres, sujeitando-as a todos os tipos de degradação humana.

A contextualização histórico-social que apresentamos sobre o papel desempenhado pelas mulheres judias destaca o sofrimento e restrições impostas pelo poder nazista. A história das mulheres vítimas da Shoah é caracterizada por desafios complexos, marcados por dores, resistência e resiliência diante das condições adversas do período.

É inegável a importância dos testemunhos dessas mulheres judias para a sociedade. Elas enfrentaram o silenciamento, a invisibilidade, a repressão e até mesmo a morte em um período marcado por inúmeras atrocidades. *O diário de Anne Frank* e outras obras de cunho testemunhal mencionadas neste trabalho são fundamentais para que o mundo possa compreender não apenas o sofrimento dos judeus, mas também as experiências únicas das mulheres judias durante a Shoah.

Anne Frank e muitas outras mulheres judias foram submetidas a papéis que as retratavam como "mulheres degeneradas" dentro de uma estrutura patriarcal. Mesmo antes do genocídio nazista, as mulheres já enfrentavam desafios em uma sociedade patriarcal, e para as mulheres judias, esses desafios eram exacerbados devido à discriminação e perseguição específicas que enfrentavam.

A discussão sobre a posição das mulheres na sociedade, suas lutas e desafios, é relevante e atual. Muitas mulheres ainda enfrentam violências físicas e morais, bem como discriminação e desigualdade em várias partes do mundo. A história das mulheres durante a Shoah, como evidenciada pelas experiências de Anne Frank e outras mulheres judias, oferece reflexões significativas sobre a importância de reconhecer e combater essas questões. Isso destaca a necessidade contínua de lutar por igualdade de gênero, direitos das mulheres e pelo fim da violência e discriminação em todas as formas. O estudo dessas experiências do passado nos ajuda a entender e a mudar o presente e o futuro.

### **3.3 Anne Frank: experiência concentracionária**

A escrita de *O diário de Anne Frank* foi abruptamente interrompida devido à denúncia que resultou no aprisionamento de Anne Frank e dos moradores do Anexo Secreto. Apesar de todos os eventos dolorosos que se seguiram, a obra de Anne atingiu um marco notável ao ser acessada, lida, analisada e discutida por milhares de pessoas. Como resultado, uma vasta fortuna crítica se desenvolveu, proporcionando oportunidades para diversas análises e reflexões. Entretanto, é

importante observar que, apesar da extensa literatura crítica que a obra de Anne Frank gerou, ainda existe uma lacuna significativa no que diz respeito aos estudos sobre sua experiência nos campos de concentração, o que também se deve ao fato de os escritos dela terem sido interrompidos pela prisão dos moradores do Anexo e posterior envio aos campos.

Acreditamos que é fundamental e relevante tentar compreender esse período tão desolador na vida de Anne Frank. Para essa análise, nos concentraremos principalmente nos testemunhos de mulheres que compartilharam a jornada nos campos de concentração com Anne e sua família. Esses relatos estão documentados no livro *Os sete últimos meses de Anne Frank*, escrito por Willy Lindwer, sobre quem já comentamos no início desta dissertação, e publicado pela primeira vez em 1988. Em que pese ter sido escrito por um homem, o livro narra as experiências concentracionárias de seis mulheres: Hannah Elisabeth Pick-Goslar, Janny Brandes-Brilleslijper, Rachel Van Amerongen-Frankfoorder, Bloeme Evers-Emden, Lenie De Jong-van Naarden e Ronnie Goldstein-van Cleef, que compartilharam os últimos sete meses com Anne Frank em diferentes momentos. Cada capítulo é narrado a partir da perspectiva dessas mulheres, fornecendo tanto suas biografias quanto os encontros com Anne em campos de concentração em diferentes períodos.

O livro representa uma versão mais abrangente do documentário *Os Últimos Sete Meses de Anne Frank*, que foi exibido pela primeira vez na Holanda em maio de 1988. Willy Lindwer.

Dado que não dispomos do testemunho direto da própria vítima, buscaremos escutar os testemunhos de mulheres que compartilharam essa experiência com Anne Frank. Pretendemos disponibilizar esses testemunhos a fim de esclarecer o que ocorreu. Além disso, contaremos com os testemunhos publicados de pessoas como Nanette Blitz Konig, amiga de Anne; Eva Schloss, irmã de Anne; e Otto Frank, o pai, que está incorporado no livro escrito por Miep Gies.

Além disso, é necessário destacar que este capítulo se concentra nos papéis sociais desempenhados por mulheres judias e arianas no contexto do regime nazista. Nesse sentido, Anne Frank, uma jovem judia que vivenciou os horrores dos campos de concentração, também se torna uma parte essencial dessa discussão. Ademais, nesta seção, apresentaremos extensas citações de testemunhos. Isso será feito com o objetivo de permitir que os leitores compreendam com mais amplitude a experiência intensa que Anne Frank enfrentou durante seus últimos meses.

Retomemos as informações apresentadas no primeiro capítulo desta dissertação, sobre as deportações de Anne e sua família: inicialmente, Anne e sua família foram levadas em um caminhão para o quartel de Sicherheitsdienst (Serviço de Segurança Alemã, conhecido como SD) na rua Euterpestraat, na Holanda (LINDWER, 2015, p. 14), onde os detidos eram

submetidos a interrogatórios. No dia seguinte, eles foram transferidos para o presídio Huis van Bewaring. Após quatro dias nesse presídio, foram transportados para o campo de concentração de Westerbork.

No dia 3 de setembro de 1944, Anne foi levada para o campo de extermínio de Auschwitz-Birkenau. Após uma viagem desumana, a família foi separada. Anne, Margot e Edith foram instaladas no galpão 29, no campo das mulheres. Anne e Margot permaneceram por quase dois meses em Auschwitz-Birkenau, no chamado Kratzblock, ou “galpões de sarna”. Edith não queria se separar das filhas e ficou com elas até que as duas foram enviadas para Bergen-Belsen, provavelmente no dia 28 de outubro de 1944. Em 6 de janeiro de 1945, Edith Frank faleceu vítima do sofrimento e da exaustão, em Auschwitz-Birkenau (LINDWER, 2015, p.16).

No campo de Bergen-Belsen, entre milhares de judeus doentes, estavam Anne e Margot, que faleceram de tifo com poucos dias de diferença, em meados de março de 1945, e foram provavelmente sepultadas em covas coletivas. Algumas semanas antes, em janeiro de 1945, Otto Frank, que permanecera no complexo de Auschwitz, fora libertado pelos soldados russos (FRIEDLANDER, 2012, p. 718).

Os testemunhos apresentados abrangem memórias, espaços e vivências semelhantes, embora não idênticas, uma vez que, apesar de serem vítimas do mesmo sistema opressor, cada mulher possui sua própria identidade única. Portanto, esses relatos partem de suas características pessoais singulares, trazendo à tona uma parte da história de Anne Frank que ainda não foi suficientemente aprofundada.

Hannah Elisabeth Pick-Goslar, amiga de infância de Anne Frank, que aparece como Lies Goosens nos diários, também se mudou para a Holanda, especificamente para Merwedeplein, no sul de Amsterdã. Lá, as duas meninas compartilharam a infância, frequentando juntas o jardim de infância, a escola primária e o ginásio. No entanto, foram separadas devido à ida da família Frank para o Anexo Secreto. Anos depois, em fevereiro de 1945, essas amigas de infância se reencontraram no campo de Bergen-Belsen. Hannah relatou que teve três encontros com Anne durante esse período.

Mais ou menos um mês depois, no início de fevereiro, quando a neve cobria o chão, uma conhecida, uma mulher mais velha, me procurou um dia. “Sabe, há alguns holandeses lá. Conversei com a senhora Van Daan.” A mulher a conhecia de antes e me disse que Anne estava lá. Ela sabia que eu conhecia Anne. “Vá até a cerca de arame farpado e tente conversar com ela.” É claro que obedeci. À noite, fui até a cerca e comecei a chamar. E, por sorte, a senhora Van Daan estava lá outra vez. Então, pedi: “Poderia chamar Anne?” Ela respondeu: “Sim, claro, espere um minuto. Vou procurar Anne. Não posso



chamar Margot, ela está muito doente, acamada.” Anne aproximou-se da cerca de arame farpado. Não pude vê-la. A cerca e a palha nos separavam. Não havia muita luz. Talvez eu tenha visto sua sombra. Não era a mesma Anne. Ali estava uma garota cansada, abatida. Eu também provavelmente estava assim, era tão terrível. Anne começou a chorar imediatamente e então me contou: “Não tenho mais meus pais,” Lembro-me disso com a mais absoluta clareza. Era terrivelmente triste porque ela não sabia de mais nada. Pensava que seu pai havia sido logo enviado para a câmara de gás. Depois, Anne falou: “Não temos nada para comer aqui, quase nada, e estamos com frio. Não temos roupas. Emagreci muito e eles raspam a minha cabeça.” Aquilo era terrível para ela. Anne sempre teve muito orgulho dos cabelos. Talvez tivesse crescido um pouco naquele meio-tempo, mas certamente não era tão longo quanto fora antes, quando ela brincava de fazer cachos com os dedos. A situação deles era muito pior do que a nossa. “Eles não levaram nossas roupas”, falei. Aquele foi nosso primeiro encontro. Depois desses dois ou três encontros na cerca de arame farpado em Bergen-Belsen, não voltei a vê-la, pois o pessoal no campo de Anne foi transferido para outra seção. Isso aconteceu mais ou menos no final de fevereiro. Foi a última vez que vi Anne viva ou conversei com ela (LINDWER, 2015, p. 36-39).

Neste relato de Hannah Elisabeth, o campo de concentração de Bergen-Belsen, o último local onde Anne esteve, é o cenário principal. A menção à Sra. van Daan, uma das habitantes do Anexo Secreto, indica que, nesse período, Anne, Margot e a Sra. van Daan estavam juntas. Edith não foi citada, pois lamentavelmente faleceu em Auschwitz-Birkenau.

Os encontros ocorreram perto de uma cerca de arame farpado, um elemento comum em campos de concentração. A descrição do estado físico de Margot sugere que ela estava chegando ao fim de sua vida, uma vez que os encontros ocorreram em fevereiro de 1945, e as irmãs Frank infelizmente faleceram em março de 1945. Anne sofria com sarnas e tifo. A sarna é uma doença contagiosa que provoca coceira e feridas na pele, enquanto o tifo causa febre, confusão, mal-estar, cansaço, inchaço no baço, dificuldades para comer e evacuar ou então diarreia.

Hannah também compartilhou as dificuldades enfrentadas no campo de concentração, incluindo a fome, o frio, a solidão e a tristeza. Outro aspecto significativo foi a questão dos cabelos de Anne, que foi privada desses aspectos desde o início de sua jornada nos campos de concentração.

Janny Brandes-Brilleslijper foi presa devido à sua participação na resistência contra os nazistas. Seu primeiro encontro com Anne e a família Frank ocorreu na Estação Central de Amsterdã, que serviu como ponto de partida das deportações para o campo de Westerbork em 8 de agosto de 1944. Como dito em outro momento desta dissertação, o trem na estação de partida é, muitas vezes, um ponto de partida nos testemunhos sobre a Shoah. Após esse

encontro, Janny manteve contato com Anne e Margot enquanto estavam em Bergen-Belsen, até o momento de seus trágicos falecimentos em março de 1945, como mencionado anteriormente. Janny conseguiu sobreviver e, em um ato de grande compaixão, escreveu a Otto Frank para informá-lo sobre a perda de suas filhas.

Certo dia, no início de agosto [de 1944], fomos levadas para fora das celas, logo cedo. Era uma manhã calma de verão, o tempo estava bom, o sol brilhando, o orvalho da manhã e o clima frio da noite ainda presente na atmosfera da cidade. Sob guarda, deixamos a Amstelveenseweg e tomamos um bonde rumo à Estação Central. Entramos pela porta lateral e depois andamos pelos paralelepípedos até chegarmos à plataforma. Ao mesmo tempo, outro grupo de mulheres chegou. Entre elas estavam Anne Frank e sua família. Fiquei impressionada com as duas garotas usando roupas esportivas, com moletom e mochila, como se estivessem prestes a embarcar para as férias de inverno. A situação era um tanto irreal – o silêncio da manhã e todas aquelas pessoas sendo levadas ao trem. Quando chegamos a Westerbork, estávamos terrivelmente abaladas, afinal, não sabíamos por onde estávamos sendo levadas. Voltamos a nos ver outra vez na plataforma. Naquele dia, todos fomos trancados nos galpões “S” (os galpões de punição), inclusive a família Frank. Sabíamos que eles estavam ali, que haviam passado por um esconderijo. Uma pena enorme terem sido pegos no último minuto. Sei que a minha irmã, Lientje, em especial, tinha contato com a mãe das garotas, Edith Frank. Anne e Margot também estavam lá.

Vimos as garotas da família Frank apenas rapidamente em Auschwitz. Não estávamos no mesmo galpão e não as encontrávamos no trabalho. Só voltamos a vê-las no transporte para Bergen-Belsen.

Finalmente chegamos ao campo, que ficava em uma espécie de pântano com alguns arbustos ali e acolá. E nos sentamos em uma pequena colina, duas garotas abraçadas. Mas logo duas outras silhuetas acinzentadas apareceram. Soltamos os cobertores e gritamos: “Ah, vocês também estão aqui!” Eram Anne e Margot. Sempre acreditei que elas tinham vindo no mesmo transporte. Havia uma fila longa, enorme, para entrar no campo, e nos sentamos em uma pequena colina de areia, o mais próximas possível, cobertas até o nariz com os cobertores. E de repente vimos aquelas duas meninas também cobertas e pensamos: “Bem, elas passaram pelas mesmas coisas que nós.” E aí nos sentimos completamente felizes por termos sobrevivido. Naquele momento, tudo era felicidade. Só existia a felicidade do reencontro. E ficamos juntas até chegarmos às tendas.

Sei que Anne e Margot também se envolveram com as crianças e fizemos nosso melhor para ajudá-las. Não apenas Anne e Margot, mas também as outras garotas que sabíamos regularmente ofereciam um pouco de equilíbrio e um pouco de cultura às crianças.

Anne teve tifo. Anne também estava doente, mas aguentou até Margot morrer. Só então ela se entregou à doença. Como acontecia com tantas outras, assim que Anne perdeu a coragem e o autocontrole. As mulheres que estavam doentes, incluindo as irmãs Frank, ficavam nos galpões regulares, e não nos de enfermaria. Elas foram uma vez para a enfermaria, mas tirou a outra de lá, exatamente como nós fazíamos. Nossa ajuda não era suficiente, mas não podíamos fazer nada além do que já fazíamos. O trabalho como enfermeira

nos deu a oportunidade de oferecer ajuda às irmãs Frank e também a outras mulheres. Em certo momento, já nos dias finais, Anne ficou parada diante de mim, com o corpo envolto por um cobertor. Ela não tinha mais lágrimas. Ah, nós já não tínhamos lágrimas havia muito tempo... E me contou que tinha um horror tão enorme às pulgas e piolhos em suas roupas que teve que de jogá-las todas fora. Estávamos no meio do inverno e a única coisa que protegia o corpo de Anne era um cobertor fino. Reuni tudo o que consegui encontrar para entregar a ela, para que pudesse se vestir novamente. Não tínhamos muito para comer e Lientje estava doente, mas consegui oferecer a Anne um pouco do nosso pão. Coisas horríveis aconteceram. Dois dias mais tarde, fui procurar as meninas novamente. As duas estavam mortas. Primeiro, Margot tinha caído da cama no chão de pedra. Não consegui mais se levantar. Anne morreu um dia após. Na época, tínhamos perdido totalmente a noção de tempo. É possível que Anne tenha vivido um dia mais. Três dias antes de morrer de tifo, havia jogado todas as roupas fora durante uma terrível alucinação.

Naqueles dias, também fui à Cruz Vermelha para procurar listas com os nomes daqueles que tinham sobrevivido e quem não tinha. E marquei uma cruz ao lado dos nomes daqueles que eu sabia que tinham falecido. Também coloquei uma cruz ao lado dos nomes de Anne e Margot. E ali estava Otto Frank, perguntando se eu sabia o que tinha acontecido às suas duas filhas. Ele já tinha ouvido a versão da Cruz Vermelha, mas queria uma confirmação (LINDWER, 2015, p. 61-95).

O relato de Janny Brandes-Brilleslijper traz uma riqueza de detalhes que auxilia nosso entendimento em relação à experiência concentracionária de Anne Frank, pois ele relata os momentos em que Janny esteve com Anne e a família Frank. Como dito, Janny era ativa na resistência, motivo de sua prisão. Ela foi enviada para o presídio Huis van Bewaring, assim como a família Frank. O encontro deles ocorreu em uma estação de trem com destino ao campo de concentração de Westerbork. Foi enviada ao galpão S (galpão de punição), destinado aos presos que resistiram ao regime nazista, sendo ativos em movimentos de resistência, que habitaram em esconderijos, portanto, adentraram na clandestinidade. Janny cita apenas Auschwitz, no entanto, a informação correta é Auschwitz-Birkenau onde Anne e Margot permaneceram por dois meses e Edith morreu. Ela conta sobre o encontro que teve com Anne e Margot no transporte para Bergen-Belsen e descreve um momento de felicidade entre elas e o sentimento de união e solidariedade.

Rachel Van Amerongen-Frankfoorder também desempenhou um papel na resistência e foi presa por um oficial holandês da SS. Da mesma forma que Janny e a família Frank, ela também compartilhou o galpão S, onde conheceu a família Frank.

No galpão “S” também conheci a família Frank: Otto Frank, sua esposa e duas filhas. Otto me procurou com Anne e perguntou se ela poderia me ajudar. Anne era muito gentil e também perguntou se poderia me ajudar. Disse: “Posso fazer qualquer coisa. Sou muito habilidosa.” Era uma garota muito

doce, estava um pouco mais velha do que naquela foto que todos nós conhecemos, alegre e bem-disposta. Alguns dias depois, acredito que ela, a irmã e a mãe tenham ido trabalhar no departamento de baterias – afinal, quase todas as mulheres iam para lá. Acho que Otto estava ansioso por arrumar um serviço interno para a filha mais nova. Foi por esse motivo que ele me procurou com Anne e não com a esposa nem com Margot. Acho que Anne era a menina dos olhos do pai. Não voltei a encontrá-lo, ou à sua família, em Westerbork. Voltei a ver Anne e sua irmã Margot nos galpões. Seus pais não estavam lá. As irmãs Frank estavam quase irreconhecíveis depois que seus cabelos foram cortados. Estavam com os cabelos muito mais curtos do que os nossos. Não sei o motivo. E, como todas nós, estavam com frio. Elas não estavam saudáveis. A cada dia ficavam mais fracas. Mesmo assim, iam à cerca do chamado “campo livre” todos os dias, esperando conseguir alguma coisa. Eram muito determinadas. Às vezes, elas recebiam pacotes que eram jogados por cima do arame farpado. E voltavam eufóricas, muito felizes. Sentavam-se e comiam, com um prazer enorme, o que tinham conseguido. Mas dava pra perceber que estavam muito doentes. As irmãs Frank estavam muito magras, com uma aparência terrível. Tinham algumas brigas causadas pela doença, porque estava claro que haviam contraído tifo. Elas estavam com o rosto afundado, pele e osso. E sentiam muito frio. Ficavam no lugar menos desejável do galpão, na parte de baixo, perto da porta que era constantemente aberta e fechada. Era possível ouvi-las gritando o tempo todo: “fechem a porta, fechem a porta”. E suas vozes se tornavam mais fracas a cada dia. Podíamos ver as duas morrendo, assim como outras mulheres. Mas o mais triste, obviamente, era o fato de aquelas garotas serem tão jovens. E o fim chegou para elas. Não sei qual das duas faleceu antes, Anne ou Margot. De repente, não as vi mais, então supus que tivessem morrido. Na época, supus que os corpos das irmãs haviam sido colocados na frente das barracas. E aí as pilhas eram levadas embora. Um enorme buraco era cavado e os cadáveres, jogados ali, isso posso garantir. Esse deve ter sido o destino delas, pois era o que acontecia com as outras pessoas. Não tenho qualquer motivo para acreditar que o fim delas tenha sido diferente do das demais mulheres que morreram naqueles dias. (LINDWER, 2015, p. 101-130)

Na narração de Rachel Van Amerongen-Frankfoorder, podemos observar a presença de um tom mais afetivo, em que ela utiliza adjetivos para descrever o comportamento e a personalidade de Anne Frank e sua família. Ela também enfatiza a proximidade deles. Na frase proferida por Anne: “Posso fazer qualquer coisa. Sou muito habilidosa” percebemos que a Anne Frank do diário ainda estava viva, aquela Anne confiante, determinada e vaidosa. Isso pode ser entendido devido ao período, pois Anne ainda não havia sido enviada para os campos de concentração, não havia sido separada de seus pais e ainda não havia contraído doenças.

A sobrevivente compartilha informações sobre o trabalho deles no galpão que pertencia ao setor de baterias. Ela também descreve a relação especial entre Anne e seu pai. Entretanto, após esse período, Rachel só voltou a encontrar as irmãs Frank nos galpões de Bergen-Belsen. Nesse momento, a Anne Frank que conhecemos do galpão S já não existia mais, devido às adversidades e ao sofrimento que enfrentara nos campos de concentração.

Rachel narra sobre a determinação das irmãs em conseguir alimento: “[à]s vezes, elas recebiam pacotes que eram jogados por cima do arame farpado”. Hannah Elisabeth foi a responsável por fornecer comida para elas, pois, a partir do encontro delas em que Anne lamenta sobre fome, Hannah tenta ajudá-la de todas as formas. Hannah explica que a sua família recebeu um embrulho pequeno da Cruz Vermelha que continha biscoitos salgados e biscoitos doces. Então, ela reuniu pequenos embrulhos de alimentos que foram doados pela sua família e amigos e tentou jogar o pacote através da cerca de arame farpado. A determinação possuía um significado: elas combinaram de tentar se encontrar à noite, às 20h, então, as irmãs Frank sabiam exatamente o que deveriam fazer. (LINDWER, 2015, p. 38).

O relato de Rachel nos faz refletir sobre a resiliência de Anne e Margot diante das desafiadoras condições dos campos de concentração. A ação de Hannah Elisabeth ao fornecer alimento é um exemplo da solidariedade que permeava as prisioneiras e do apoio mútuo entre as mulheres. São atos de solidariedade e determinação que evidenciam a extraordinária capacidade das vítimas dos campos de concentração de manterem sua humanidade em meio a condições desumanas.

Bloeme Evers-Emden, que conheceu Anne e Margot no Liceu Judaico e compartilhou a experiência da clandestinidade por quinze meses, entre maio de 1943 e agosto de 1944, traz mais um testemunho valioso que nos ajuda a compreender os últimos momentos de vida de Anne Frank.

Em Westerbork, a primeira família que encontrei foi a família Frank, que eu conhecia do colégio. Trocamos histórias de algumas de nossas experiências no esconderijo. Depois, passamos a nos ver com regularidade. Acho que, embora eu já não me lembre com exatidão, vi Margot diante das mesas nas quais trabalhávamos com as baterias. Todas usávamos os mesmos aventais, especialmente quando trabalhávamos com as baterias... Era um trabalho imundo.

Lembro-me especialmente da última vez em que vi a família Frank. Outra seleção havia acontecido. Conversei com a senhora Frank, que estava com Margot. Anne estava em outro lugar. Ela tinha Krätze (sarna) e precisou ficar isolada. Como resultado, não pôde ir com nosso grupo. A senhora Frank, ecoada por Margot, disse: “É claro que vamos com ela”. Lembro que assenti, que compreendi. Foi a última vez em que as vi.” Antes disso, naturalmente víamos umas às outras com regularidade e eu conversava com elas. Estavam sempre juntas, mãe e filhas. Qualquer discórdia que se possa inferir com base no diário havia sido afastada pela necessidade existencial. Elas estavam sempre juntas. Era certo que uma oferecia muito apoio à outra. Qualquer reclamação que uma adolescente pudesse ter feito sobre sua mãe, naquele momento não tinha mais qualquer importância (LINDWER, 2015, p. 146-157).

O relato de Bloeme Evers-Emden, expresso através de sua própria fala, apresenta uma característica de lacunas de memória, o que é comum em qualquer testemunho, em relação aos acontecimentos. Isso resulta em um relato menos detalhado, mas igualmente relevante. Seu encontro com Anne e Margot ocorreu já em Westerbork, e ela descreve o trabalho que compartilharam no setor de baterias. Ela também menciona que Anne contraiu sarna durante sua estadia em Auschwitz-Birkenau, mas não chegou a encontrá-las em Bergen-Belsen e, portanto, não testemunhou os últimos e piores dias de Anne.

Bloeme se concentra principalmente em dois espaços: Westerbork e Auschwitz-Birkenau. Ela compartilha informações sobre a relação de Anne com sua mãe, que se desenvolveu de forma notavelmente diferente da dinâmica no Anexo Secreto, demonstrando apoio e amor mútuos.

O testemunho de Lenie De Jong-van Naarden apresenta semelhanças com o testemunho de Bloeme Evers, uma vez que ambas compartilharam experiências de clandestinidade e fizeram parte do mesmo grupo no campo de Westerbork. Como resultado, ambas tiveram a oportunidade de conhecer a família Frank durante sua permanência nesse local.

Em Westerbork, encontrei a família Frank pela primeira vez. Meu marido rapidamente fez contato com Otto Frank e os dois se deram muito bem. Os dois tinham longas conversas e nós mantínhamos um bom relacionamento com a senhora Frank, que eu sempre chamava de “senhora Frank.” Nunca a chamei pelo primeiro nome; era uma mulher muito especial. Eu tinha menos dificuldade em dizer “Otto.” Ela se preocupava muito com as filhas. Era uma relação muito próxima – a mãe e suas filhas. Logo depois, fomos transportados. Eu naturalmente conversava com as meninas. Anne, em especial, sempre foi muito doce. Era de partir o coração ver pessoas tão jovens e não poder fazer nada além de tentar protegê-las. Aquelas crianças esperavam tantas coisas da vida.

Lembro que Anne Frank teve uma erupção cutânea e acabou indo parar no Kratzeblock. Ela teve sarna. Margot foi voluntariamente ficar com a irmã. As duas ficavam uma com a outra, e a mãe entrou em total desespero. Ela sequer comeu aquele pedaço de pão que recebeu. Com ela, escavei um buraco sob a parede de madeira do galpão onde as meninas estavam. O chão era de terra úmida, então dava para cavar um buraco se você tivesse força. E eu tinha. A senhora Frank ficava ao meu lado, perguntando: “Está dando certo?” “Sim”, eu respondia. Escavei abaixo da madeira e, através do buraco, podíamos conversar com as meninas. Margot pegou o pedaço de pão que passei por ali e as duas o dividiram. Logo depois, fomos para o transporte e elas ficaram para trás. Depois, fomos enviadas, doentes, a Bergen-Belsen. Pelo menos Anne estava doente. Disso já sabíamos. A senhora Frank não foi conosco no transporte, nem com as meninas. Ela ficou para trás, em Auschwitz. No galpão onde as irmãs Frank estavam, as mulheres ficavam loucas, completamente loucas. Eram essas as pessoas que se lançavam contra a cerca elétrica (LINDWER, 2015, p. 171-183).

Lenie De Jong-van Naarden mostra o encontro com a família Frank no campo de Westerbork. O testemunho de Lenie é conduzido pelo lado emocional: ela narra a proximidade com a família Frank. Ela descreve também um momento de solidariedade em relação aos Frank, pois testemunhou o desespero deles e sentiu o desejo de amenizar esse sofrimento.

Ronnie Goldstein-van Cleef fez parte da resistência, na qual atuou como mensageira. Ela viajava de trem por toda a Holanda, auxiliando na obtenção de documentos falsos e esconderijos para as vítimas perseguidas pelos nazistas. Devido à sua atuação na resistência, Ronnie foi denunciada e deportada para o campo de Westerbork. Ela compartilhou experiências no campo, fazendo parte do grupo que incluía a família Frank e as mulheres mencionadas anteriormente, todas alojadas no galpão S, em Westerbork.

Em Westerbork, vi muitas vezes a família Frank. Achei notável o fato de toda família ter ido junta para o esconderijo. Os Frank estavam muito deprimidos. Tinham a sensação de que nada poderia lhes acontecer. Eram muito próximos uns dos outros. Sempre andavam juntos. Não tive muito contato com eles, mas trocávamos cumprimentos.

Certa noite, alguém chegou aos galpões da polícia do campo com um alemão ou um homem da SS para chamar nossos nomes. A família Frank foi conosco naquele transporte. Você ficava em um vagão, apertada em um vagão de gado, e tentava, o máximo possível, manter as pessoas à sua volta por perto para que uma pudesse dar apoio à outra. A família Frank não estava em meu vagão. Era um trem muito, muito longo. (LINDWER, 2015, p. 205-226)

Anne, com frequência, ficava ao meu lado e Margot sempre por perto, ao lado ou na frente da irmã, dependendo de como nos organizávamos – porque tínhamos que ficar em fileiras de cinco. Anne era muito calma e quieta, um tanto reservada. O fato de elas terem ido parar ali a afetou profundamente, isso era óbvio.

No período que Frieda, Brommet, as irmãs Frank e eu passamos nos galpões da enfermaria, a senhora Brokmet cuidou de mim e de Frieda. Da mesma forma, a senhora Frank ficava o tempo todo perto das filhas e cuidava para que elas sempre tivessem algo para comer. Depois, acabamos nos tornando tão habilidosas em roubar comida que, quando alguma mulher levava sopa que não era para nós, fazíamos uma fila de espera com nossos potes. Quando ela passava, enfiávamos o pote na sopa e, então, tínhamos algo para comer. E, enquanto as irmãs Frank e eu estávamos no galpão doentes, a senhora Frank e a senhora Brommet roubavam comida para nós.

As irmãs Frank tinham Kratze, sarna. Antes de serem levadas ao galpão da sarna aconteceu uma seleção. Se participaram ou não dessa seleção, isso eu não sei. Acho que simplesmente escaparam e foram direto para Kratzeblock. No Kratzeblock, as irmãs Frank se tornaram muito reservadas. Não prestavam atenção às outras pessoas. Quando a comida chegava, elas ficavam um pouco mais animadas, dividiam os alimentos e conversavam um pouquinho. Durante esse período, de forma um tanto intuitiva porque pensei em tentar animá-las um pouco – eu cantava para as duas. Depois me pediam: “Ei, Ronnie, cante outra.” E eu cantava músicas bem conhecidas.

E, nos galpões, voltamos a ver Anne e Margot. Sim, também a mãe delas e a senhora Bommet, que cuidou tanto de sua filha quanto de mim. Elas vagavam por todo o galpão, como mães no ambiente selvagem, tentando trazer o máximo possível de alimento para nós. E conseguiram. As irmãs Frank estavam com uma aparência terrível, as cabeças e os corpos cobertos por marcas e inchaços, causados pela sarna. Elas aplicavam um pouco de sálvia, mas infelizmente não podiam fazer muito. Estavam em estado lastimável, penoso – era assim que eu as via. Não tinham roupas; tudo havia sido tirado de nós.

Anne, Margot e sua mãe também faziam parte de um grupo, composto por pessoas que conheciam do Anexo – na época, porém, nós não sabíamos de nada a respeito do Anexo. E também havia algumas judias alemãs com elas. Essas mulheres provavelmente ofereciam apoio umas às outras, embora eu ache que as mulheres da família Frank não falassem alemão.

O relato de Ronnie Goldstein-van Cleef oferece uma visão sobre o primeiro encontro com a família Frank em Westerbork, apontando para um contato inicial limitado. No entanto, suas palavras revelam detalhes sobre o humor e o comportamento da família Frank naquele contexto, destacando um forte senso de companheirismo e união. A descrição da depressão que afetou a família e outras vítimas em Westerbork ressalta o impacto psicológico devastador dessas circunstâncias.

Ronnie também compartilha informações sobre o momento do transporte para os campos de concentração, onde Anne sempre estava perto de sua irmã ou mãe, refletindo os sentimentos de medo, pânico e abandono que afligiam muitas vítimas nesse contexto. O comportamento reservado de Anne é uma indicação de como a experiência traumática a afetou profundamente. Charlotte Delbo, em *Auschwitz e Depois*, explica que as vítimas frequentemente eram levadas a um estado de apatia, perda de consciência e sensibilidade devido às condições extremas e à violência que enfrentavam nos campos de concentração (DELBO, 2021, p. 51).

Ronnie Goldstein-van Cleef também partilha informações sobre a dinâmica de sobrevivência nos campos de concentração. A sobrevivente Olga Lengyel, em *Os fornos de Hitler* destaca a prática dos roubos, que era normalizada pelos prisioneiros como parte de sua estratégia de sobrevivência e resistência ao sistema opressor. Esse comportamento era conhecido como a “organização” e tinha a finalidade de ajudar os internos, sendo considerado um ato de solidariedade entre eles (LENGYEL, 2018, p. 113).

Além disso, Ronnie enfatiza a noção de maternidade, especialmente nas figuras de Edith e Bommet, que demonstravam grande dedicação para proteger e cuidar de suas filhas, mesmo nas condições mais adversas.



Por fim, a menção aos integrantes do Anexo Secreto e à senhora van Daan, como relatado por Ronnie, está em sintonia com o depoimento de Hannah sobre o encontro de Anne com a senhora van Daan nos campos de concentração. Essas conexões entre os relatos ajudam a pintar um quadro mais completo da experiência de Anne Frank e de sua família durante esse período sombrio da história.

Nanette Blitz Konig, já apresentada nesta dissertação, foi amiga de Anne Frank e a encontrou em janeiro de 1945 em Bergen-Belsen. Em seu livro *Eu sobrevivi ao Holocausto*, Nanette dedicou uma seção apenas para o reencontro dela com Anne Frank em que descreveu como foi o encontro delas, o estado físico da amiga, as conversas entre elas, os planos de Anne acerca do seu diário, os acontecimentos no Anexo Secreto. Decidimos destacar uma passagem que reflete o encontro delas e aspectos inerentes a condição de Anne Frank em seu último estágio de vida, o qual ocorreu em Bergen-Belsen.

Foi nesse período que reencontrei uma das minhas colegas do Liceu Judaico. Eu estava sozinha naquela situação, então encontrar alguém conhecido era algo que causava uma emoção inesquecível pois, em um cenário de caos, o amor e a amizade eram nossas únicas formas de esperança. E foi assim que um dia caminhei pela área externa da barraca e me aproximei da cerca de arame farpado que me impossibilitava de seguir para outros lugares do campo. Do outro lado da cerca, avistei e reconheci um rosto que me parecia familiar: era Anne Frank! Anne estava tão magra e debilitada quanto eu, que ainda possuía meus cabelos, enquanto os de Anne tinham sido raspados. Foi só um vislumbre, pois eu estava em um campo diferente e não conseguiria me aproximar. No entanto, foi suficiente para me incentivar a querer encontrá-la e conversar; certamente teríamos muitas coisas para contar uma à outra. De algum jeito, porém, o destino se encarregaria do nosso encontro. Andei ao redor do campo procurando Anne. Torcia intimamente para encontrá-la, afinal, havia uma grande possibilidade de ela estar morta, já que não era muito difícil morrer ali. No entanto, segui com minhas esperanças. Eu poderia estar em um campo de concentração, debilitada, mas encontrar Anne seria uma felicidade! E foi assim que o destino, o acaso, me levou até ela. Eu nem acreditava que a havia encontrado – e ainda viva! Não me contive de ansiedade e felicidade e gritei: “Anne!” Ela ouviu seu nome ser chamado, talvez se perguntando de onde estaria vindo aquele som que lhe era familiar, e virou o rosto em minha direção com aqueles olhos e sorriso que eu tanto havia visto no Liceu Judaico. Foi um momento muito emocionante! Ela estava envolta em um cobertor, pois não aguentava mais os piolhos na sua roupa, e tremia de frio. Corremos para nos abraçar, e lágrimas caíam dos nossos rostos, lágrimas que possuíam todos os sentimentos misturados: lágrimas de alegria e alívio por termos nos encontrado naquele ambiente sem vida, lágrimas pela situação deprimente em que estávamos, lágrimas, também, porque naquele momento nós duas estávamos sem nossos pais, sem nenhuma proteção. Ainda é um mistério para mim como pudemos nos reconhecer: dois esqueletos naquele lugar em meio a tantos outros que não conseguiam se diferenciar. (KONIG, 2015, p. 90-93)

Nanette encontra Anne em seu pior estado. Ela conta que nem sabe como conseguiu reconhecer Anne, visto que tanto ela quanto Anne estavam como figuras esqueléticas e era difícil conseguir

diferenciar alguém. Ambas já estavam invadidas pela morte. O aspecto mortífero é tratado no livro de Delbo que explica: “a morte se desenha no rosto, imprime-se nele implacavelmente e não é preciso que os nossos olhares se encontrem para todas nós entendermos que vamos morrer. A morte está marcada na pele colada às maçãs do rosto, à pele colada às órbitas” (DELBO, 2021, p. 89). E mesmo com essa impressão da morte em suas feições, com a certeza da morte, a emoção se fez presente, ainda que de modo reduzido.

No livro de Nanette, há um diálogo entre ela e Hannah, a Lies Goosens no diário de Anne, em que é evidenciado por parte de Hannah um lamento por não ter conseguido ver Anne pessoalmente: “Você foi a única que abraçou a Anne; eu mesma nem consegui vê-la, apenas falar através da cerca e jogar um pouco de comida para ela” (KONIG, 2015, p. 98). Essa passagem dialoga com o testemunho dela em relação ao encontro dela com Anne, em que foi responsável por fornecer comida para Anne o que propiciou momentos de felicidade como podemos ver no relato de Rachel.

Esses testemunhos ressaltam a força, coragem e resiliência dessas mulheres, que conseguiram emergir de um passado traumático e compartilhar suas histórias, mesmo quando confrontadas com circunstâncias tão cruéis. Suas narrativas também destacam a solidariedade que existia entre as prisioneiras nos campos de concentração, onde gestos de apoio e compaixão eram essenciais para a sobrevivência. Também quebram o silêncio que historicamente foi imposto às mulheres e demonstram a importância de ouvir suas vozes e experiências. Eles nos lembram da necessidade de dar visibilidade e reconhecimento às histórias das mulheres que viveram esses eventos, que muitas vezes foram relegadas a segundo plano.

Os relatos dessas mulheres evocam o exercício de resgatar as camadas do tempo, rememorando os lugares por onde viveram e passaram. O ato de contar é uma forma de fazer sobreviver a experiência vivida. Esses relatos mobilizam recordações, pontuadas por pausas, silêncios e vazios que jamais poderão ser preenchidos. Conforme expresso por Gagnebin, o verdadeiro ato de lembrar, a rememoração, preserva o passado não apenas ao conservá-lo, mas ao lhe designar um local preciso de sepultamento no solo do presente, permitindo o luto e a continuidade da vida (SILVA; SILVA, 2022, p. 182-183; GAGNEBIN, 2014, p. 248).

Esses relatos não apenas demonstram o ato de rememorar suas próprias memórias e experiências, mas também abordam a ética do testemunho, que se concentra em falar sobre o outro, testemunhando pelo outro. Visto que não dispomos do testemunho direto de Anne Frank sobre sua vivência nos campos de concentração, somos confrontados com os relatos dessas mulheres que descrevem a experiência final de Anne. Esse ato presta homenagem à vítima,

permitindo-nos ouvir uma verdade que é inquestionavelmente coletiva, histórica, porém, igualmente pessoal. Os sobreviventes testemunham por si mesmos e em nome daqueles que não podem mais testemunhar: os que foram aniquilados (LAUB, 1992, p. 62).

Além dos testemunhos providos por essas mulheres, acreditamos que seja fundamental incluir os relatos de Miep Gies e Eva Schloss para oferecer uma visão abrangente dos eventos que ocorreram no pós-guerra, especialmente no que diz respeito ao retorno de Otto Frank e sua busca incansável por informações sobre suas filhas, Anne e Margot.

Em *Recordando Anne Frank*, Miep Gies relata o retorno de Otto Frank após o fim da guerra em que descreve um momento repleto de emoções intensas e euforia nas ruas, à medida que as notícias sobre o término da guerra se espalhavam. Essa celebração coletiva, com fogueiras e pessoas dançando, reflete a sensação de liberdade e alívio que muitas pessoas experimentaram quando a guerra finalmente chegou ao fim. (GIES, 2017, p. 182). Todavia, essa comemoração contrasta de forma marcante com a realidade dos sobreviventes da Shoah, que enfrentaram perdas, sofrimento e traumas profundos que não desapareceram com o fim da guerra. A euforia nas ruas era uma realidade completamente diferente daquela vivenciada por aqueles que tiveram que enfrentar o pós-guerra e reconstruir suas vidas no pós-guerra.

O Sr. Frank nos contou que ele foi parar em Auschwitz. Aquela foi a última vez que viu Edith, Margot e Anne. Os homens foram separados das mulheres de imediato. Quando os russos liberaram o campo de concentração em janeiro, ele foi levado em uma longa viagem até Odessa. Então de lá para Marselha de navio, e por fim, de trem e caminhão de volta para a Holanda. Enquanto isso, ele começou a explorar a rede de informações sobre judeus nos campos – as agências de refugiados, as listas diárias, as informações boca a boca mais cruciais – tentando tudo que podia para conseguir notícias sobre Margot e Anne. Quando Auschwitz foi libertado, Otto Frank foi direto para o campo feminino para descobrir notícias sobre a esposa e as filhas. No caos e na desolação dos campos, ele descobriu que Edith havia morrido pouco depois da libertação. Ele também ficou sabendo que, dentre todas as possibilidades, Margot e Anne foram transferidas para outro campo de concentração, junto com a Sra. Van Daan. O lugar se chamava Bergen-Belsen, e era bem distante de Auschwitz. Isso foi tudo que ele tinha conseguido descobrir com suas pistas. Agora ele continuava à procura. O Sr. Frank escreveu para vários holandeses que soube que estiveram em Bergen-Belsen, atrás de notícias. Pelo boca a boca, as pessoas estavam conseguindo se reencontrar todos os dias. Diariamente, ele esperava respostas às cartas e a divulgação de novas listas de sobreviventes. Todas as vezes que havia uma batida na porta ou passos nos degraus da frente, nossos corações paravam de bater. Talvez Margot e Anne tivessem reencontrado o caminho para casa e finalmente poderíamos vê-las com nossos próprios olhos. O aniversário de 16 anos de Anne estava chegando, 12 de junho. Talvez, pensávamos... mas então o aniversário chegou e passou sem nenhuma notícia. Certa manhã, o Sr. Frank e eu estávamos sozinhos no escritório, abrindo as correspondências. Ele estava atrás de mim, e eu sentada à minha mesa. Nem prestei atenção no barulho do envelope sendo rasgado. Então, um longo silêncio. Algo me fez desviar os olhos das minhas

correspondências. Por fim, ouvi a voz de Otto Frank, era um fio de voz, mas completamente devastada. - Miep. Meus olhos procuraram os dele. – Miep... – Ele segurava com firmeza um pedaço de papel com as duas mãos. – Recebi uma carta de uma enfermeira em Roterdã. Margot e Anne não vão voltar, Miep. (GIES, 2017, p. 188-190)

O testemunho de Otto Frank indica o período pós-guerra e a experiência dos sobreviventes da Shoah. Ao ler esse relato, fica evidente o desespero de Otto em relação à vida de sua família. Embora ele tenha sobrevivido, ele tem plena consciência de que suas filhas e sua esposa possivelmente não sobreviveram, ele continua a lutar até o fim. Mesmo movido pelo desespero e o medo de receber notícias ruins, ele mantém a busca e a esperança de reencontrá-las, o que demonstra um profundo gesto de amor por elas. Otto Frank é um exemplo do sofrimento e da busca incansável por seus entes queridos que muitos sobreviventes enfrentaram durante o pós-guerra, à medida que tentavam reconstruir suas vidas e encontrar qualquer vestígio de suas famílias desaparecidas.

Eva Schloss em seu livro *Depois de Auschwitz* revela momentos importantes na vida de Otto Frank após o término da Segunda Guerra Mundial e a descoberta da morte de sua família. Mesmo depois de seu casamento com Elfriede Frank e da publicação do diário de Anne, a guerra e a perda de sua família causaram impactos nele. Muitas vezes, Otto chorava e sofria ataques de tremeira e profunda depressão. A verdade é que, por mais que ele amasse Amsterdã, ele não conseguia mais suportar a vida lá (SCHLOSS, 2017, p. 223).

Schloss também conta que a mãe dela passou a viver em função de Otto Frank e do mundo de Anne Frank, o que ela acreditava ter sido prejudicial para a relação da nova família. Essa passagem ressalta o peso psicológico e emocional que Otto Frank carregou ao longo de sua vida devido à perda de sua família e à responsabilidade de preservar a memória de Anne por meio do diário. A pressão e o sofrimento mental que ele enfrentou são exemplos do impacto duradouro da Shoah sobre os sobreviventes e suas famílias, mesmo após o fim da guerra.

Ainda sobre Eva Schloss, em seu livro ela narra o encontro que teve com Otto Frank no pós-guerra, destaca a angústia e a preocupação persistentes de Otto em relação à possível morte de sua família, demonstrando como as experiências traumáticas do genocídio nazista continuaram a atormentá-lo mesmo após o fim da guerra. Otto Frank, mesmo com a incerteza e a dor, manteve a esperança e a busca incansável por notícias sobre suas filhas e esposa.

Reconheci um homem. Ele estava magro e abatido, com o olhar vazio, enrolado em um cobertor. Ele se levantou da cama enquanto eu me aproximava. – Acho que conheço o senhor. Sou Eva, a menina que brincava

com Anne em Merwedeplein. O homem era Otto Frank. Ele se lembrou de mim e balançou a cabeça. – Você sabe onde estão Anne e Margot? – perguntou-me em um tom tão desesperado como o que eu estava perguntando sobre Pappy e Heinz. Tive que explicar que não encontrei ninguém que conheci em Amsterdã no campo (SCHLOSS, 2013, p. 139).

Decerto que os sentimentos que Otto Frank experimentou não eram únicos e eram compartilhados por muitos sobreviventes. O trauma, a perda e a busca por entes queridos desaparecidos eram experiências comuns entre aqueles que enfrentaram as atrocidades da guerra e dos campos de concentração. A sobrevivência não significava necessariamente o fim do sofrimento, já que os sobreviventes muitas vezes lutavam com o trauma pós-guerra, a depressão e a incerteza sobre o destino de seus entes queridos.

A reconstrução de uma nova vida após guerra foi, de fato, um desafio monumental para muitos sobreviventes. Eles enfrentaram não apenas as cicatrizes emocionais profundas deixadas pelo genocídio, mas também a necessidade de lidar com a reconstrução de suas vidas em um mundo que havia mudado drasticamente. Muitos sobreviventes enfrentaram dificuldades econômicas, sociais e emocionais ao tentar se reintegrar à sociedade. Testemunhos como os presentes nos diários de Anne, ajudariam na reconstrução gradual do mundo, dos corpos e dos afetos danificados pelo nazismo.

#### **4. O UNIVERSO FEMININO DE ANNE FRANK**

Neste capítulo, dedicaremos nossa atenção à análise do ponto de vista de Anne Frank sobre o papel social das mulheres durante a Shoah, bem como sua jornada de autodescoberta. Na primeira seção, empreenderemos uma análise do olhar de Anne Frank sobre o papel social das mulheres no contexto da Shoah. Nosso objetivo será compreender como Anne desenvolveu essa perspectiva analítica, apesar das limitações impostas pela sociedade patriarcal, pelo período histórico em que viveu e pela sua própria juventude. Para tanto, examinaremos suas reflexões pessoais e investigaremos as origens de sua visão singular. Na segunda seção, direcionaremos nossa atenção ao processo de autodescoberta de Anne, considerando os aspectos sociais, psicológicos e biológicos que a influenciaram.

#### 4.1 A ótica de Anne Frank sobre o papel social das mulheres no contexto da Shoah

No registro datado de 2 de setembro de 1942, Anne compartilha detalhes sobre a convivência entre as famílias Frank e van Daan, evidenciando desentendimentos e discussões triviais. Neste relato, destaca-se uma conversa entre Edith Frank e a Sra. van Daan a respeito da proibição imposta a Margot e Peter em relação a um livro sobre mulheres. Este livro, especificamente vetado pelos adultos do Anexo, fazia parte das leituras consideradas inapropriadas. Anne descreve como Margot e Peter tinham permissão dos pais para explorar a maioria dos livros emprestados por Sr. Kleiman, um colaborador do esconderijo, porém, este livro em particular, tratando de temas femininos, foi considerado inadequado para os adolescentes.

Essa anotação sinaliza o ponto de partida para as reflexões de Anne sobre a posição e papel social das mulheres daquela sociedade, as quais serão abordadas mais detalhadamente a seguir.

Existe uma grande diferença entre a Margot e o Peter, sra. van Daan – comentou a mamãe. – Em primeiro lugar, a Margot é uma menina, e as meninas são mais maduras que os meninos; em segundo, a Margot já leu outros livros sérios e não fica atrás nem mesmo de coisas que deixaram de ser proibidas para ela; em terceiro, a Margot é bem mais desenvolvida e ajuizada, o que é o resultado de quatro anos no HBS, uma excelente escola (FRANK, 2019, p. 44)

As palavras de Edith, mãe de Anne e Margot, lançam luz sobre a discussão acerca do estigma de que as meninas são mais maduras do que os meninos. Esse estigma, muitas vezes atribuído às meninas desde tenra idade, é uma manifestação da cultura patriarcal que perpetua a desigualdade de gênero. As jovens são instruídas e, em muitos casos, pressionadas a assumir responsabilidades restritas ao âmbito doméstico. Desde a infância, as meninas são ensinadas e encorajadas a participar de brincadeiras que reforçam os estereótipos de gênero associados às tarefas domésticas, como brincar de boneca e de casinha, contribuindo para a perpetuação do papel social da mulher, que historicamente tem sido limitado às esferas doméstica e materna (LOP, 2009, p. 233).

As estruturas patriarcais estabelecem a inferioridade da mulher no seio social, questionando sua capacidade de participar ativamente nas funções do grupo, relegando-a ao espaço privado e subjetivamente considerando-a propriedade do homem. Dessa forma, as desigualdades de gênero são produzidas, reforçadas e consolidadas pelas relações sociais, políticas e econômicas, sendo formalizadas nos códigos legais das sociedades civilizadas.

Assim, era possível inferiorizar, explorar e até mesmo perpetrar violência contra a mulher respaldados pela lei, muitas vezes sem punição legal para tais atos (LOP, 2009, p. 233)

Consequentemente, as mulheres carregam diversos estigmas e são frequentemente relegadas a posições de inferioridade e subalternidade. Isso representa os “resquícios de uma cultura desigual, que coloca o homem em posição de superioridade, deixando a mulher em segundo plano, limitada à criação dos filhos e aos cuidados com a casa, longe da visibilidade social” (SOUZA, 2021, p. 307).

Nessa análise, destacamos como a cultura patriarcal molda as percepções e expectativas em relação às mulheres, perpetuando estereótipos de gênero e restringindo suas oportunidades e liberdades. É essencial continuarmos a questionar e desafiar essas estruturas para alcançar uma sociedade mais igualitária e justa.

Edith destaca o impacto do ensino no HBS of the Municipal Lyceum for Girls (Liceu Municipal para Meninas) na formação e no comportamento de Margot. Essa observação nos lembra da importância da educação para todos os indivíduos, que vai além dos limites da sala de aula. A educação não deve se restringir à escola, mas também deve ser cultivada e incentivada dentro de casa. Portanto, ao combinar os estímulos e ensinamentos tanto no ambiente familiar quanto na instituição educacional, o desenvolvimento de um indivíduo se torna mais eficaz.

Por meio da leitura de *O diário de Anne Frank* podemos testemunhar o incentivo constante dado a Anne e Margot em relação à leitura e aos estudos, tanto no ambiente escolar quanto no Anexo Secreto. O processo educacional delas não se interrompeu durante o período no Anexo Secreto; ao contrário, elas foram encorajadas a manter uma rotina de estudos abrangendo uma variedade de conteúdo, desde matérias escolares até idiomas e leituras.

Os Frank eram considerados modernos e até liberais em sua abordagem à educação de suas filhas. Esse aspecto, inclusive, gerava críticas dos companheiros do Anexo, os Van Dan. No entanto, é importante observar que, apesar dessa abordagem progressista nas relações com Anne e Margot, Otto e Edith Frank ainda carregavam elementos conservadores em sua formação, influenciados pelas tradições da comunidade judaica, bem como pelos papéis de gênero estabelecidos pela sociedade em geral (GONÇALVES, 2022, p. 230).

A presença de consciência mais elaborada que Anne apresenta é, evidentemente, marcada e condicionada pela educação. Mesmo jovem e pouco experimentada, a capacidade de analisar criticamente sua condição judaica e feminina aparece como resultado de um processo educacional que não cessou com o período em que viveu escondida e que parece cintilar em sua consciência de modo analítico e transformador. (ARBOLEYA, 2021, p. 12). Evidencia-se

a relevância da educação para as mulheres tornando-se um elevador social para a independência da mulher. bell hooks corrobora sobre isso: “O patriarcado como sistema de dominação, como ele se institucionalizou e como é disseminado e mantido. Compreender a maneira como a dominação masculina e o sexismo eram expressos no dia a dia conscientizou mulheres sobre como éramos vitimizadas, exploradas e, em piores cenários, oprimidas” (hooks, 2018, p. 23).

No caso de Anne, como podemos inferir a partir de seus escritos, o acesso à educação e a busca pelo conhecimento desempenharam um papel essencial em sua jornada, possibilitando um desenvolvimento intelectual significativo e a exploração de todo o seu potencial. Ter acesso a uma educação de excelência é um recurso inestimável que abre portas para um futuro mais promissor, capacitando indivíduos a ampliar seus horizontes e tomar decisões informadas. Além disso, o estímulo à busca de conhecimento desempenha um papel crucial na formação de indivíduos críticos e bem informados (TONET, 2006, p.18).

Com um olhar mais analítico, Anne expressa suas reflexões sobre a posição da mulher na sociedade e o seu papel social.

Uma das muitas questões que não me deixam em paz é por que, tanto no passado, como hoje em dia, as mulheres ocupam um lugar tão inferior ao dos homens nas mais diversas sociedades. Ainda que todos digam que isso é injusto, eu não me conformo; gostaria de saber a origem dessa grande injustiça! É possível supor que o homem, por causa da sua força física maior, desde o início venha exercendo o seu domínio sobre as mulheres; o homem que ganha o pão, o homem que concebe crianças, o homem que tudo pode... Foi burrice demais da parte de todas as mulheres até pouco tempo atrás terem se deixado levar em silêncio, já, que quanto mais séculos essa regra perdura, mais profundamente ela se enraíza. Felizmente, por causa da escola, do trabalho e do desenvolvimento, as mulheres abriram um pouco os olhos. Em muitos países, as mulheres conseguiram obter igualdade de direitos. Muitas pessoas, principalmente as mulheres, mas os homens também, hoje veem o quão equivocada é essa distribuição do mundo que por tanto tempo perdurou; a mulher moderna reivindica o direito de se tornar plenamente independente! Mas só isso não é o bastante. Falta ainda a valorização da mulher – que ela chegue por fim! Em geral, os homens são mais valorizados em qualquer parte do mundo; por que as mulheres não podem receber esse respeito? Soldados e heróis de guerra são condecorados e homenageados, descobridores adquirem uma fama imortal, mártires são adorados, mas quanto da humanidade considera a mulher um soldado? No livro *Strijders voor het leven* [lutadores pela vida] encontrei algo que me tocou muito. Resumindo, as mulheres em geral, só por conta de terem filhos, já sofrem mais que qualquer herói de guerra: mais dores, mais doenças e mais miséria. E como são retribuídas depois de tanto sofrimento? São jogadas para o canto como se fossem mutiladas de nascença, os seus filhos logo as deixam, a sua beleza desaparece. As mulheres são soldadas bem mais valentes, bem mais corajosas – lutam e passam por dores para que uma humanidade perdure – que muitos dos heróis da liberdade falastrões juntos! Eu não quero de forma alguma dizer com isso que as mulheres devam se negar a ter filhos, muito pelo contrário –



assim estabeleceu a natureza e assim deve ser. Só condeno os homens e toda a ordem mundial porque nunca quiseram tomar consciência da grande e árdua mas ao mesmo tempo bela participação da mulher na sociedade. Paul de Kruif, o autor do livro que mencionei acima, conta com a minha mais total aprovação quando diz que os homens devem aprender que o parto deixou de ser algo inevitável nas partes do mundo ditas civilizadas. É fácil os homens falar, eles nunca passaram nem passarão pelos fardos de ser uma mulher! Acredito que a visão de que é obrigação da mulher gestar e dar à luz as crianças vai acabar mudando ao longo do próximo século, dando lugar à valorização e à admiração em relação às mulheres, que levam esse fardo nas costas sem se queixar ou fazer alarde (FRANK, 2019, p. 263-264).

No início de seu relato, Anne manifesta inconformismo ao refletir sobre a histórica desvantagem das mulheres. Ela demonstra compreensão ao abordar a questão da supremacia masculina, na qual os homens detêm o controle sobre as mulheres. Contudo, Anne realiza uma análise crítica sobre o silenciamento das mulheres ao afirmar: “Foi burrice demais da parte de todas as mulheres até pouco tempo atrás terem se deixado levar em silêncio” (FRANK, 2019, p. 263). Importante ressaltar que as mulheres não se deixaram levar pelo silêncio; ao contrário, foram submetidas a ele devido à sua inserção no sistema patriarcal, que, como descrito por Gimenez e Hahn (2018), é uma estrutura social que perpetua relações de subordinação, dominação e violência, frequentemente legitimadas como naturais (GIMENEZ; HAHN, 2018, p. 118). Naquele período, um conjunto de mulheres foi socializado pelas influências parentais e pela sociedade em geral para aceitar ideias sexistas, sem adotar uma investigação aprofundada sobre as origens de suas próprias percepções (hooks, 2018, p. 36).

Anne Frank, nascida em 1929, lança luz sobre a questão da emancipação feminina ao “retratar de modo ímpar seu pensamento libertador, que solta as amarras dos preconceitos e aponta uma direção sensata e justa para a posição das mulheres na sociedade” (GONÇALVES, 2022, p. 229). Anne explora o início das transformações na situação das mulheres na sociedade moderna, um período em que os temas de discussão e as reivindicações das feministas eram abrangentes e diversificados.

Essas discussões abrangiam a autodeterminação sexual, o acesso a diversas profissões e a melhoria das condições de trabalho assalariado, o acesso à educação formal e a reforma do currículo escolar, afastando-o das atividades domésticas. Também incluíam reformas no direito matrimonial, que antes subjugava as esposas aos maridos, permitia a expropriação dos bens das mulheres pelos esposos e impunha tratamento desigual em casos de adultério, impossibilitando o divórcio, entre outras demandas (OFFEN, 1988; BRIATTE, 2020; BARD, 2017; ROCHEFORT, 2018). Anne Frank contribui, assim, para a ampliação das discussões sobre a

emancipação das mulheres e os direitos de gênero, mesmo em um período em que essas questões estavam se consolidando.

A autora realiza uma reflexão sobre as adversidades enfrentadas pelas mulheres. Além disso, ela aborda o tema da maternidade, destacando o quanto o modo de vida patriarcal, a naturalização do trabalho doméstico e o mito do amor materno contribuem para a concepção de que a maternidade é percebida como o momento mais mágico, sagrado e importante na vida de uma mulher, como se todas almejassem ser mães e encontrassem a realização plena nesse fato (CASTRO, 2022, p. 6). Sendo então, a maternidade amplamente considerada como o auge da experiência de uma mulher, dotando-a de um valor inestimável, tanto no âmbito familiar quanto na sociedade como um todo.

Anne, através de suas reflexões, compreende as complexidades em torno da maternidade e como as estruturas patriarcais podem influenciar a maneira como as mulheres são percebidas e as expectativas que lhes são impostas. Essas reflexões evidenciam a necessidade de repensar esses estereótipos e promover a liberdade de escolha das mulheres em relação à maternidade.

Nos diários, percebemos que a perspectiva de Anne em relação às mulheres daquela época refletia representações tanto das mulheres do passado quanto daquelas idealizadas para o futuro. Ao mencionar sua mãe e a Sra. van Daan, Anne empregava palavras como “dona de casa”, “insignificante” e “esquecida”, refletindo a situação das mulheres inseridas nos padrões patriarcais do passado e do presente. Por outro lado, em relação à sua própria vida, Anne aspirava a uma existência mais pública, sonhando em se tornar jornalista e escritora. Ela confirma isso ao dizer: “Eu me propus a levar uma vida diferente das que levam as outras garotas e, mais à frente, uma vida diferente da das donas de casa comuns” (GOMES, 2020, p. 90; FRANK, 2019, p. 234).

E, se eu não tiver talento para escrever nem livros nem para jornais, sempre posso escrever para o meu próprio prazer. Mas quero progredir; para mim é inconcebível ser como mamãe, a madame e todas as outras mulheres que fazem algo e são esquecidas. Quero ter alguma atividade paralela ao meu marido e aos filhos à qual eu possa me dedicar! (FRANK, 2019, p. 211)

Neste trecho, podemos observar a determinação de Anne em relação ao papel que almeja desempenhar na sociedade. Como Eva Schloss, enteada de Otto Frank, revela: “Anne lia revistas sobre cinema e ia com suas amigas a doceria, onde tomava sundaes e conversavam como mulheres viajadas que elas desejavam se tornar no futuro” (SCHLOSS, 2013, p. 60). Através desse relato de Schloss torna-se evidente a existência de uma geração de mulheres que, apesar da forte influência patriarcal de sua época, se envolvia em discussões e busca de

conscientização sobre o futuro das mulheres. Anne Frank, juntamente com suas amigas, exemplifica o espírito destemido de mulheres que aspiravam a uma vida que ultrapassasse as limitações tradicionais de gênero, contribuindo para a promoção da igualdade de gênero e a emancipação feminina.

Anne Frank desenvolve um olhar crítico em relação à posição das mulheres na sociedade em que vivia. Para ela, era inaceitável a ideia de desigualdade de gênero, a dominação masculina sobre as mulheres e a ausência de igualdade de direitos. Como demonstrado, ela instiga uma reflexão e anseia por um mundo melhor para as mulheres. Anne, como mulher, nutria expectativas de conquistar sua independência e se tornar a mulher que desejava ser, como evidenciado em sua escrita. Esse anseio não é apenas perceptível em *O diário de Anne Frank*, mas também em seu conto *Kaatje* (como mencionado anteriormente, Anne Frank escreveu diários e contos).

Mas primeiro a Kaatje precisa aprender muito e ir à escola por um bom tempo para chegar lá. A mãe quer que ela estude numa escola que prepara as jovens para trabalhar em domicílios, mas a Kaatje não tem a menor vontade de ir a esse curso. Ela não quer trabalhar na casa de uma senhora; quer trabalhar na fábrica, como todas aquelas moças que passam pela sua casa todos os dias. A Kaatje gosta muito da sua professora, que, em geral, é simpática e muito, mas muito inteligente. Que difícil deve se tornar tão inteligente! Mas também não é preciso ser tão inteligente; a mãe de Kaatje diz sempre que, se ela for inteligente demais, não vai arranjar um marido, o que a deixaria muito infeliz. (FRANK, 2019, p. 319-320).

O conto *Kaatje* retrata a vida de uma menina que vive com a mãe, seus seis irmãos e irmãs, um gato e dois coelhos, após a morte do pai. Anne constrói uma narrativa baseada na vida cotidiana dessa menina, destacando os desafios enfrentados no ordinário, as lutas de uma mãe solteira inserida em uma sociedade patriarcal e o desejo por uma realidade diferente. A mãe de Kaatje, viúva, desafia as convenções ao trabalhar fora de casa, mas essa não é uma tarefa simples: “Kaatje consola sua mãe frequentemente, pois à noite, quando ela está exausta depois de tanto trabalho, começa a chorar, e Kaatje promete a ela tudo o que desejar quando crescer” (FRANK, 2019, p. 319). Este trecho retrata o consolo e a esperança que a filha oferece à mãe, que enfrenta não apenas o peso de ser uma mulher na sociedade, mas também a exploração violenta do trabalho, que resulta na exaustão dos trabalhadores.

O sofrimento da mãe de Kaatje reflete a realidade das mulheres da época, que desempenhavam tarefas industriais para as quais não tinham sido devidamente treinadas, enfrentavam desigualdade salarial em comparação aos homens, sofriam discriminação de

gênero e assédio no ambiente de trabalho, conforme mostra bell hooks, que assim como Anne viveu em uma sociedade estadunidense com violentas e hierárquicas divisões de gênero, raça e classe (2018, p. 52). No trecho selecionado, Anne propõe-se a criar uma narrativa com foco no protagonismo feminino, explorando tanto a mulher submetida às estruturas patriarcais quanto a mulher que reivindica seu lugar no mundo, evidenciando a complexidade das experiências femininas na sociedade da época.

A crítica proposta por Anne Frank em relação aos lugares das mulheres na sociedade europeia em que cresceu é evidente quando descreve as mulheres que vê, muitas delas sobrecarregadas devido ao trabalho doméstico: “pouco a pouco passei a reconhecer as mulheres por fora: rechonchudas de tanta batata que comem, com casacos vermelhos ou verdes, os saltos dos sapatos gastos, bolsas penduradas no braço, com um semblante alegre ou carrancudo, dependendo do humor de seus maridos” (FRANK, 2019, p. 76). Esta percepção de Anne é fruto dos momentos em que ela estava pelo escritório principal e, através das frestas das cortinas, obtinha um vislumbre da vida do lado de fora. As observações de Anne neste trecho evidenciam a realidade enfrentada pelas mulheres arianas daquela época, destacando que, neste contexto histórico, as mulheres judias enfrentavam restrições, impedidas de circular livremente pelas ruas e muitas vezes confinadas a esconderijos, guetos e campos de concentração.

Através do trecho escrito por Anne, observamos que a responsabilidade pela manutenção da casa e pelo cuidado com os membros da família recaía sobre as mulheres, conforme já abordado neste capítulo. Essa observação evidencia uma sobrecarga das mulheres nas tarefas domésticas, o que suscita reflexões sobre a distribuição desigual dessas responsabilidades entre os gêneros. Essa disparidade revela uma sistemática desigualdade, permitindo uma análise dos processos sociais utilizados para hierarquizar essas atividades e estabelecer um sistema de gênero (HIRATA; KERGOAT, 2007).

Neste trabalho, por meio dos escritos de Anne Frank apresentados, destacamos a perspectiva que ela tinha das mulheres durante a Shoah, revelada em seu próprio relato. O olhar de Anne sobre as mulheres da época emerge de um contexto enraizado na primeira metade do século XX, um período marcado por uma catástrofe que deixou marcas na história da humanidade: a Shoah. Paralelamente, sua própria trajetória como vítima e adolescente, em busca de compreensão sobre seu papel social no mundo. Conforme analisado, Anne observa o papel das mulheres da sua época através da perspectiva de suas leituras, influências e experiências pessoais. Ela analisa os papéis sociais que mulheres foram impostas a desempenhar naquela época, inseridas em uma estrutural patriarcal. Nos diários, encontramos passagens onde

ela realiza uma análise crítica dessa posição das mulheres da época, rejeitando a ideia de se enquadrar nesse padrão.

Apesar de viver em um contexto permeado pela morte e ausente de expectativas para o futuro, Anne demonstra expectativa para o pós-guerra e as possíveis mudanças no papel das mulheres no mundo, ao afirmar “acredito que a visão de que é obrigação da mulher vai acabar mudando ao longo do próximo século, dando lugar à valorização e à admiração em relação às mulheres, que levam esse fardo nas costas sem se queixar ou fazer alarde” (FRANK, 2019, p. 264). A partir dessa passagem, percebemos que Anne nutria a esperança de que, no futuro, as mulheres alcançariam não só a liberdade, mas também o reconhecimento.

Anne argumenta que “a mulher moderna reivindica o direito de se tornar plenamente independente! Mas só isso não é o bastante. Falta ainda a valorização da mulher – que ela chegue por fim!” (FRANK, 2019, p. 263). Podemos observar que ela destaca a valorização da mulher como o próximo passo importante para a história das mulheres. A perspectiva de Anne nos convida a refletir sobre uma visão emancipadora, enfatizando a resistência contra as condições impostas às mulheres e defendendo a ideia de que as mulheres devem lutar para conquistar seu espaço e se libertar das amarras de uma moralidade moldada pela estrutura patriarcal. Além disso, ressalta a necessidade que as mulheres sejam autênticas, vivendo em uma sociedade livre de preconceitos e discriminações. Isso impulsiona a busca pela igualdade de gênero e pela emancipação das mulheres. Este movimento vai além da conquista de direitos formais, abrangendo também a transformação de mentalidades e valores arraigados na sociedade.

#### **4.2 Anne Frank: a descoberta de si**

Anne Frank foi submetida a um processo extremamente complexo e traumatizante em uma idade muito jovem, experimentando os horrores infligidos pelos nazistas durante a adolescência. A adolescência é uma fase de transição entre a infância e a idade adulta, caracterizada por um desenvolvimento biopsicossocial, que abrange mudanças biológicas, psicológicas e sociais. É uma etapa marcada pela desordem, na qual tudo parece se reorganizar e se ajustar para que o indivíduo assuma um novo papel social, tornando-se responsável por suas decisões e ações (BARBOSA, 1977).

No caso de Anne Frank, essa fase de transformação e autodescoberta ocorreu em um contexto extremamente adverso, quando ela e sua família estavam escondidas dos nazistas. Esse período

de sua vida é marcado não apenas pela busca de sua identidade e autonomia, comuns à adolescência, mas também pelo trauma e medo constantes que resultaram de sua situação na Shoah. Anne enfrentou desafios excepcionais em uma fase da vida que, por si só, é repleta de mudanças e desafios.

É notável que Anne Frank, mesmo confinada no Anexo Secreto, passou por essa fase de transição da adolescência, e sua escrita reflete muitas das questões intrínsecas a esse período, uma vez que ela estava vivenciando-o. Anne começou a escrever seus diários e quando foi para o Anexo, aos 13 anos de idade, o que, para os padrões pós-guerra aos quais nos habituamos, corresponde ao início da adolescência. Suas anotações e reflexões ao longo desse período documentam não apenas o contexto extraordinário em que ela estava inserida, mas também experiências como a busca de sua identidade, o autoconhecimento, as relações interpessoais, o amadurecimento e as transformações físicas e emocionais.

Às vezes penso com os meus botões e me pergunto se alguém entenderia a minha situação aqui dentro, se conseguiria olhar para além da minha ingratidão, para além do fato de eu ser judia, enxergar em mim a adolescente que tanto precisa se distrair? Nem sei se poderia jamais discutir com alguém a respeito disso, porque sei que choraria. Chorar pode ser um grande alívio se há alguém com quem puder fazê-lo. Apesar de tudo, apesar de todas as teorias e de todos os esforços, sinto falta todos os dias e em todos os momentos de uma mãe que me entenda. Por isso também é que, em tudo o que faço e escrevo, penso que no futuro quero ser para os meus filhos essa mãe que idealizo (FRANK, 2019, p. 136).

No relato de Anne, fica evidente sua incerteza sobre a capacidade das pessoas de compreendê-la como uma adolescente com suas próprias necessidades. Ela expressa o desejo de ser vista, reconhecida e tratada como uma adolescente comum, ou seja, como um ser humano, além das restrições impostas pelo estigma judaico. Sentimentos de angústia, culpa e ingratidão permeiam suas palavras, refletindo a impossibilidade de discutir abertamente esses sentimentos com alguém.

Anne vivencia a angústia de se sentir incompreendida pelos outros, de não poder expressar sua vulnerabilidade, de temer o julgamento alheio e de não ter alguém que a compreenda. Ela também experimenta culpa por considerar seus desejos como inadequados e insensíveis aos outros, pois está em um lugar supostamente seguro e conta com uma rede de apoio, enquanto muitas vítimas estavam perecendo. Isso a faz sentir-se ingrata e culpada por ansiar por mudanças em sua própria vida. A complexidade das emoções e pensamentos de Anne Frank é uma demonstração do fardo emocional que ela carregou durante seu período no Anexo,

quando precisou lidar não apenas com a opressão nazista, mas também com as tensões e desafios da adolescência.

O que Anne percebe como a ausência de uma mãe que a compreenda é outro fator presente no trecho que estamos analisando. Ela demonstra que se sente incompreendida por sua mãe. Esse sentimento reflete a dificuldade que Anne enfrenta em se comunicar com seus pais durante essa fase de transição. Esta dificuldade aparece em diversos diários de “jovens escritores” escritos durante a Shoah, conforme se verifica na coletânea destes diários organizada por Alexandra Zapruder: *Salvaged Pages: Young Writer's Diaries of the Holocaust*.

Nos diários de Anne, diversos trechos mostram movimentos que Anne sente como perdas que têm um impacto significativo em sua formação de personalidade. Essas perdas incluem o luto pelo corpo infantil, reflexões a respeito da imagem corporal e conflitos em busca da afirmação de si, como aquele em torno da mesa para escrever, já relatado. O luto pela identidade infantil e pelo mundo “lá fora”, anterior aos dias no esconderijo, à medida que Anne buscava mais independência emocional, ocorre por meio de um desligamento em relação aos cuidados da mãe – desligamento pelo qual ela passa a acusar a própria mãe –, e pela construção de si em torno da ideia de ser jornalista e escritora. O luto pelos pais da infância, à medida que Anne passa a ver seus pais como seres falíveis e criticáveis, em vez de idealizá-los parece também ser um apoio para que a perda do mundo infantil que coincidiu com a ida ao esconderijo se realizasse no sentido de uma reinvenção de si mesma, por meio da escrita (MAGRO, 2004, p. 40).

Anne passa por um processo de mudança em sua relação com a mãe durante o período em que escreve seu diário. Ela deixa de idealizar sua mãe de forma incondicional e começa a desenvolver uma compreensão mais complexa de sua mãe como um ser humano falível.

Através de seu diário, acompanhamos as reflexões e transformações de Anne à medida que ela constrói uma maior consciência sobre si mesma, seus gostos, objetivos e valores. Isso a leva a abrir horizontes e a desenvolver percepções mais maduras em suas relações interpessoais. Ela passa a compreender a complexidade de suas relações familiares, sua necessidade de independência e sua busca por seu lugar no mundo.

Essa evolução na relação de Anne com sua mãe e sua crescente compreensão de si mesma são aspectos fundamentais de seu crescimento durante a adolescência, e são habilmente documentados em seu diário, proporcionando uma visão única de sua jornada de autodescoberta.

O seguinte relato de Anne Frank demonstra que ela percorreu diversos conflitos que a levaram a instabilidades emocionais cujo fim foi a busca de si, uma consciência de si mesma

como um ser integrado biopsicossocial – “uma identidade e uma subjetividade” (MAGRO, 2004, p. 40).

Vou ficando cada vez mais independente dos meus pais; mesmo sendo tão nova, tenho mais vontade de viver e um sentimento de justiça mais inalienável e correto que o da mamãe. Sei o que quero, tenho um objetivo, uma opinião, uma crença, um amor. Deixem-me ser o que sou que já me dou por satisfeita. Tenho consciência de que sou uma mulher, uma mulher com força interior e muita coragem! Se Deus me deixar viver, vou realizar mais do que a mamãe jamais realizou, não vou ser insignificante, vou trabalhar para o mundo e para as pessoas! Hoje eu sei que coragem e alegria são elementos primordiais! (FRANK, 2019, p. 220)

Com isso quero dizer que somos tratadas feito criancinhas no que diz respeito a questões externas e que somos bem mais velhas que as outras garotas da nossa idade no que diz respeito a questões internas. Apesar dos meus 14 anos, sei muito bem o que quero, sei quem tem razão ou não, tenho os meus princípios, as minhas concepções e visões, e, por mais estranho que possa parecer para uma adolescente, me sinto mais como pessoa formada, e não uma menina; me sinto totalmente independente (FRANK, 2019, p. 189)

Algumas das singularidades da adolescência podem ser identificadas nas duas passagens. No primeiro parágrafo, notamos indícios de liberdade, autonomia e busca de identidade. Anne expressa suas convicções em relação a interesses, objetivos e ideais de forma decidida. O uso da conjunção concessiva “mesmo” no texto ressalta a noção que Anne tinha sobre sua juventude. Sua tenra idade não a impedia de aspirar a um futuro melhor e de ser quem desejava ser.

A frase “deixem-me ser o que sou que já me dou por satisfeita” expressa vários desejos de Anne. Ela revela uma urgência em ser reconhecida e tratada como um ser humano, indo além de sua identificação com um grupo social. Além disso, reforça seu desejo de ser a mulher que ela deseja ser, uma mulher livre e independente. Anne luta e resiste contra o patriarcado, possui consciência de seus valores e objetivos, e anseia por um mundo onde as mulheres sejam vistas, ouvidas e tenham a liberdade de serem quem desejam ser. A expressão “deixem-me” representa um apelo em relação ao seu desejo, que às vezes era invalidado ou considerado inadequado pelos moradores do Anexo.

A obstinação era o motor de sobrevivência de Anne, impulsionando sua luta para ser adolescente, mulher, judia, refugiada, futura cidadã e profissional. Ela traçou os contornos da esperança, uma virtude que, junto com sua fé religiosa, de acordo com Cândido Gomes, que escreveu ensaios a respeito da adolescência da feminilidade no Anexo, a manteve viva.



Portanto, Anne projetou esses sonhos concretos para o fim da Guerra, alimentando sua determinação em continuar a lutar, se autoavaliar e mudar (GOMES, 2020, p. 91).

A palavra *independente* aparece em ambos os relatos, pois Anne muitas vezes ao longo dos diários buscou certo distanciamento das figuras parentais: “Chegando à nossa idade, queremos decidir certas coisas um pouco por nós mesmas e deixar de depender tanto dos pais. Eu quero um pouco de distância, mas eles não entendem isso” (FRANK, 2019, p. 189). No caso de Anne, devido à sua condição no Anexo, ela estava confinada a conviver com os mesmos moradores todos os dias. Não havia oportunidade de ter um momento de independência e privacidade. Cada ação de Anne era passível de análise minuciosa e críticas detalhadas por parte dos pais. O distanciamento físico, mais do que o emocional, era impossível no contexto do Anexo. Esse impedimento de se distanciar tornou-se uma fonte de sofrimento e frustração intensos, mais do que em qualquer outro adolescente (SANTOS, 2012, p. 56).

A independência é uma palavra que ressoa na escrita de Anne, transmitindo um profundo sentimento de necessidade e urgência em viver da maneira que desejava. Esse desejo de independência é inerente aos jovens, pois buscam estabelecer novas relações, aprender os papéis sociais associados à vida adulta, desenvolver independência emocional em relação aos pais e outros adultos, adquirir uma compreensão mais profunda dos valores e do sistema ético de sua cultura e aprender a agir de maneira socialmente responsável (COLE & COLE, 2004). Anne Frank, mesmo em circunstâncias extraordinárias, compartilhava desse anseio por independência, o que demonstra a universalidade das aspirações dos jovens.

A segunda metade desse ano foi um pouco melhor, eu me tornei adolescente e passei a ser tratada como adulta. Comecei a pensar, a escrever histórias e cheguei à conclusão de que os outros não tinham mais nada a ver comigo, que não tinham o direito de me tratar feito um relógio de pêndulo. Eu queria me reconstruir de acordo com a minha vontade. Percebi que a mamãe não me faz a menor falta, o que doeu, ainda que o que mais me atingisse mesmo fosse entender que o papai jamais seria o meu confidente. Eu não confiava em ninguém além de mim mesma. (FRANK, 2019, p. 180)

Nesta passagem, escrita em 7 de março de 1944, Anne se identifica como uma adolescente e aponta as mudanças significativas em sua vida. Aos 15 anos, com um olhar mais maduro, ela relata suas descobertas em relação a si mesma e aos outros: “Eu me transformei profundamente, em todos os aspectos. Minhas opiniões, meus conceitos, meu olhar crítico, minha aparência, meu interior, tudo passou por uma transformação. E posso afirmar que essa transformação foi para melhor.” Anne compreende que as dinâmicas das relações se alteram e que é necessário estabelecer limites e diálogo dentro delas. Ela reconhece o direito de ser

autêntica e expressar a identidade desejada, bem como percebe que suas visões de mundo estão em constante mudança, ganhando novas percepções e valores.

Anne Frank vivencia este fenômeno biológico natural mediado por uma complexa situação social e familiar, e, por meio de sua escrita, compartilha de maneira sensível e afetiva as mudanças que ocorrem em seu corpo. Em *O diário de Anne Frank*, especificamente na entrada datada de 2 de novembro de 1942, Anne descreve pela primeira vez um evento aguardado com grande expectativa: a chegada da menstruação: “Esqueci de contar a grande novidade de que provavelmente vou menstruar logo. Eu tenho notado continuamente uma substância pegajosa na roupa de baixo, o que gerou o prognóstico da mamãe. Mal posso esperar. Considero esse um senhor acontecimento” (FRANK, 2019, p. 63). A primeira menstruação é um marco significativo na vida das jovens, simbolizando a transição para a idade adulta e todas as mudanças que vêm com ela. A curiosidade e a expectativa de Anne refletem os sentimentos compartilhados por muitas meninas que estão prestes a passar por essa experiência, este “senhor acontecimento”. No início da reflexão, a ideia de ter esquecido algo, contudo, fundamental evidencia a complexidade do momento.

A chegada da menstruação foi recebida por Anne como um motivo a mais para compreender as mudanças que ocorriam em seu corpo e para dar a elas um significado, para incorporar estas mudanças a si mesma.

Anne Frank anota também o quanto de lenta elaboração é preciso para compreender as mudanças no mundo e em si mesma: “Quando completei 11 anos, explicaram-me sobre a menstruação, mas eu ainda estava longe de compreender de onde vinha e qual era a sua importância. Somente aos 12 anos e meio é que me explicaram mais detalhes” (FRANK, 2019, p. 190).

Na entrada datada de 06 de janeiro de 1944, Anne retoma a discussão sobre a sua menstruação.

Acho milagroso o que vem acontecendo comigo, e não só o que se vê na minha aparência, mas também o que opera por dentro. Sempre que menstruo (o que até agora só aconteceu três vezes), tenho a sensação de que, apesar da dor, da chateação e das manchas, carrego comigo um doce segredo e, por isso, apesar de todo o incômodo, de certa forma fico feliz com a antecipação do segredo que vou voltar a sentir em mim (FRANK, 2019, p. 141).

A percepção de Anne em relação à menstruação oscila entre aspectos românticos e realistas. Frequentemente, devido à sua situação, Anne anseia pelo novo. A chegada da menstruação

despertou alegria e vitalidade nela. Ela contempla as mudanças em seu corpo com ternura, mesmo ciente das dificuldades.

O “doce segredo” mencionado por Anne pode ser interpretado de várias maneiras: como algo inerente às mulheres, que apenas elas carregam; como a descoberta da sua própria identidade feminina; e como uma expressão de gratidão por estar viva e por sentir que está passando por um processo de transformação

Apesar de sentir-se de maneira tão positiva em relação à sua jornada na puberdade, Anne também relata os desafios associados a essa fase, desafios que estão intrinsecamente ligados às estruturas sociais. Ela aborda a dificuldade que as pessoas, em geral, têm de discutir tópicos cruciais, como sexualidade, mudanças corporais e relacionamentos. Anne expressa sua preocupação, afirmando: “Os pais e as pessoas em geral são muito estranhos em relação a esse tema. Em vez de contar tudo tanto aos filhos quanto às filhas de 12 anos, as crianças são mandadas para fora da sala sempre que o assunto surge e se veem obrigadas a se virar para buscar informações a respeito” (FRANK, 2019, p. 190).

Devido ao comportamento dos pais, Anne manifesta um desconforto em relação a conversas abertas e à exposição de seus sentimentos, e é nesse contexto que ela procura refúgio em seu diário, Kitty, declarando: “Não há no mundo ninguém a quem eu tenha contado mais de mim mesma e dos meus sentimentos que você.” A escrita, assim, desempenha um papel crucial na vida de Anne, tornando-se um espaço seguro e livre para suas reflexões e descobertas pessoais

Em outra passagem, Anne Frank revisita o tema do incômodo, mas desta vez ela faz uma análise de seu próprio comportamento em situações específicas.

Eu não sou puritana, Kitty, mas mesmo assim tenho a impressão de que, quando eles falam, com tanta frequência, sobre o que exatamente fazem no banheiro, o meu corpo inteiro se reseta em sinal de resistência. Ontem eu li um artigo da Sis Heyster sobre enrubescimento. Ela escreveu esse artigo como se se dirigisse única e exclusivamente a mim. Em linhas gerais, ela escreve que, nos anos de puberdade, uma moça vai ficando introspectiva para refletir sobre as maravilhas que acontecem no seu corpo. Isso também vale pra mim, e é por isso que eu tenho sentido certa vergonha diante da Margot, do papai e da mamãe. A Margot, em contrapartida, que é bem mais tímida que eu, não se mostra nem um pouco envergonhada (FRANK, 2019, p. 141).

O comportamento de Anne reflete as normas da época, de uma sociedade sob o domínio patriarcal. As mulheres sendo frequentemente reprimidas e silenciadas, enfrentando uma série de restrições em relação ao seu corpo e aos seus desejos sexuais. Historicamente, os corpos

femininos têm sido alvo de controle e moralidade de uma maneira que não se aplicava da mesma forma aos corpos masculinos. Isso destaca a persistência da reprodução de papéis de gênero, particularmente na dicotomia entre o masculino (considerado livre) e o feminino (submetido a controle) (OLIVEIRA, 2020, p. 100).

A este respeito, Anne Frank faz referência ao artigo da médica especialista em psicologia juvenil, Sis Heyster, intitulado “Um fenômeno problemático.” Esse artigo, publicado em uma revista popular dedicada à educação de jovens mulheres, a *Libelle*, aborda o tema do enrubescimento, que pode ser compreendido como constrangimento e/ou vergonha. Anne tinha predileção pelos artigos de Sis Heyster, que pendurou na parede do Anexo, o que levou Otto, assim que os diários foram publicados, a enviar um exemplar para ele, que comentou em carta resposta, o quanto Anne estava lidando bem com suas lutas internas e o quanto foi terrível uma menina ter que enfrentar os horrores de Bergen Belsen.

Figura 10 - Artigo da Sis Heyster na revista *Libelle*



Fonte: Photocollection: Collection Anne Frank Stichting

Anne sente-se envergonhada por dedicar atenção e explorar as descobertas do seu próprio corpo. Ela compartilha que essa vergonha é descrita por Sis Heyster, que explica que jovens moças, nessa etapa da vida, frequentemente não se sentem muito seguras. No entanto, Heyster destaca que, ao longo do tempo, essas adolescentes acabarão por descobrir que são

indivíduos completos, com ideias, pensamentos e hábitos próprios (FRANK, 2019, p. 141). A presença de vergonha e insegurança faz parte do processo de autodescoberta do próprio corpo, especialmente para as mulheres. Esses sentimentos têm raízes na discriminação e culpabilização que as mulheres enfrentam em suas realidades. Na sociedade da época, as práticas sexuais das mulheres eram rotuladas como imorais. Envolvendo-se nessas práticas, as mulheres estavam sujeitas a má reputação e vergonha. Isso reflete as normas e estigmas impostos às mulheres naquela sociedade (OLIVEIRA, 2020, p. 102). Embora Otto tenha optado por suprimir partes do diário de Anne que lidavam mais diretamente com a sexualidade, toda a discussão feita mostra também que o Anexo era um local de recebimento de informações a este respeito.

## **5. UMA CARTA AO MODO DE CONCLUSÃO**

Rio de Janeiro, 14 de outubro de 2023.

Refleti sobre a forma como gostaria de concluir a minha dissertação. Inicialmente, estava decidida a seguir o caminho tradicional, aderindo às normas acadêmicas convencionais. No entanto, agora estou considerando a oportunidade de infundir a minha própria identidade neste trabalho, expressando-me como uma mulher, escritora e pesquisadora e testemunhando a minha experiência.

Li, pesquisei, e me aprofundei no estudo dos testemunhos das vítimas da Shoah. Não é uma tarefa simples imergir constantemente na dor alheia e assimilar as narrativas dos sobreviventes. Lembro-me que a primeira vez que tomei conhecimento da existência da Shoah foi durante uma aula de história quando a professora Ana Célia nos apresentou um filme, que não me recordo o nome, mas que teve impacto profundo em mim. Há muitos anos, porém, a cena ainda permanece vívida na minha memória: uma sala de aula no CIEP 016 Abílio Henriques Correia, uma escola pública da região metropolitana do Rio de Janeiro, com uma televisão montada de forma improvisada, repleta de adolescentes que compartilhavam lágrimas e sentiam intensamente a dor alheia. Ao final da exibição, deixamos a sala profundamente abalados e envoltos em pensamentos reflexivos.

Anos se passaram, e, em certo dia, minha irmã mencionou *O diário de Anne Frank*. Nessa época, eu já tinha noção da existência do livro, mas ainda não o tinha lido. Anne Frank se tornou uma figura amplamente reconhecida, e é comum que muitas pessoas saibam de sua existência, embora nunca tenham lido seu diário. É frequente associar o nome de Anne Frank à seguinte pergunta: "É aquela menina que ficou escondida no sótão durante a Segunda Guerra Mundial?". É verdade que, mesmo com toda a repercussão mundial, há pessoas que leram o diário na adolescência e acabaram por esquecê-lo, enquanto outras nunca tiveram a oportunidade de ler nada a respeito. Daí a necessidade premente de promover leituras e discussões, bem como de incorporar a leitura nos currículos das escolas e universidades. O estudo e a discussão aberta acerca de eventos como a Shoah desempenham um papel crítico na sensibilização das pessoas para o impacto profundo do racismo, do preconceito e da discriminação. Aprender com o passado nos permite trabalhar para garantir que tais atrocidades não se repitam. O conhecimento, a empatia e a conscientização emergem como ferramentas poderosas na luta contínua contra o preconceito e a intolerância

Naquela época tive a oportunidade de ler *O diário de Anne Frank* e conhecer a história de Anne Frank. Mesmo com um entendimento limitado, guardo memórias reflexivas da minha primeira leitura do diário. A partir desse momento, minha jornada com Anne começou. É impossível expressar o amor e o respeito que nutro pela história dela. É incrível como não me canso de reler e buscar entender ainda mais sobre sua vida. É reconfortante saber que, de alguma forma, a voz de Anne continua viva e continuará a viver através de sua história. Nossa trajetória está sendo moldada aos poucos, desdobrando-se ao longo da monografia da graduação, nos ensaios acadêmicos e agora nesta dissertação. Embora eu desejasse que essa jornada fosse marcada apenas por coisas boas e amor, não podemos negar a presença de frustrações e desafios, especialmente no contexto desta dissertação, como discutirei a seguir.

A leitura do diário de Anne despertou em mim o desejo de explorar outras narrativas de indivíduos que foram vítimas e sobreviventes da Shoah. À medida que me aprofundava em suas histórias e memórias, minha conexão com o sofrimento que eles enfrentaram se intensificava cada vez mais. Percebi que as narrativas, em sua maioria, eram protagonizadas por sobreviventes homens. Tornou-se evidente que a literatura de testemunho continuava predominantemente influenciada por escritores homens. Eu, como mulher, direcionei meu foco para essa questão e busquei entender as razões por trás desse desequilíbrio. Sentia uma forte necessidade de ler testemunhos de mulheres e compreender como elas enfrentaram esse período. Queria conhecer suas experiências e perspectivas.

Tenho lembranças da inquietação que me impulsionou a buscar algumas obras testemunhais escritas por mulheres. Habitava em mim um anseio por compreender suas experiências a partir de suas próprias perspectivas. Eu não almejava mais depender de fragmentos de suas histórias interpretadas por vozes masculinas. Eu desejava ver as mulheres como protagonistas de suas próprias histórias. Através de diários e obras testemunhais escritas por elas pude observar e refletir como elas lidaram e resistiram ao sistema nazista. Anne Frank, Rutka Laskier, Miep Gies, Nanette Konig, Charlotte Delbo, Olga Lengyel, Willy Lindwer, Eva Schloss, Mary Berg, Ruth Kluger, Olga Benário entre outras, fizeram parte da minha exploração de estudo. Analisar as suas histórias e experiências, mesmo em diferentes momentos do mesmo contexto histórico, revelou singularidades que me comoveram bastante. Cada testemunho dessas mulheres me tocou, despertando emoções de admiração e orgulho pela incrível força que todas nós, mulheres, carregamos.

Cada relato acrescentou uma nova camada à minha compreensão da resiliência e determinação que as mulheres têm demonstrado ao longo da história. Foi verdadeiramente emocionante vivenciar essas histórias, que, apesar de serem marcadas pela dor, revelam um sinônimo de resistência.

Essas narrativas não apenas enriqueceram o meu conhecimento, mas também serviram como um importante lembrete do quão capazes as mulheres são de enfrentar desafios e causar um impacto em suas comunidades e no mundo, mesmo quando a sociedade tenta nos silenciar, invalidar e apagar. Elas são testemunhas vivas de que a força e a determinação feminina são inquebráveis e que, ao longo da história, as mulheres têm desafiado obstáculos aparentemente insuperáveis, inspirando gerações futuras a lutar por igualdade e justiça.

À medida que continuo minha exploração, estou comprometida em compartilhar essas histórias com outros, para que possamos aprender e tirar lições dessas experiências, impulsionando a busca pela igualdade de gênero e fortalecendo a conscientização sobre as questões que afetam as mulheres ainda hoje.

O percurso que trilhei culminou na concretização desta dissertação. Sempre considerei o mestrado como um passo significativo em minha trajetória, e, desde o início, sabia que Anne e seu diário seriam protagonistas. Ao longo do processo, decidi que não seriam apenas Anne e seu diário protagonistas, mas também as mulheres, em especial as mulheres judias. Assim, surgiu a concepção do tema desta dissertação. Pensei em trazer o papel das mulheres na Shoah pela perspectiva da Anne.

Consciente da complexidade e profundidade da temática relacionada à Shoah, meu objetivo era criar um trabalho que fosse facilmente acessível aos leitores. Por essa razão, em cada capítulo e seção, forneci explicações detalhadas sobre o que seria abordado e discutido. A estrutura do trabalho foi cuidadosamente planejada para seguir uma progressão lógica, começando com a história de Anne Frank e seu diário. Para compreender plenamente a história de Anne Frank, mergulhamos no contexto histórico e social em que ela estava inserida. Também destacamos a importância da escrita para Anne e como seu testemunho se tornou relevante para o mundo. Pensamos que essa estrutura proporcionaria aos leitores uma visão profunda não apenas da vida de Anne Frank, mas também do período e das experiências daqueles afetados pela Shoah.

No primeiro capítulo da minha dissertação, que acabou se tornando o mais extenso, enfrentei uma complexidade desafiadora. Como autora profundamente imersa no mundo da literatura de testemunho, senti um desejo de abranger uma ampla gama de tópicos e incorporar tudo isso ao meu trabalho. Infelizmente, devido à influência persistente do mundo patriarcal, com uma literatura predominantemente moldada por escritores homens, percebo que dei voz, sem perceber, a testemunhos de escritores masculinos, quando na verdade gostaria de ter destacado mais a perspectiva das mulheres no meu texto. Talvez, uma abordagem mais apropriada teria sido focar exclusivamente em testemunhos escritos por mulheres, para amplificar suas vozes e experiências.

No segundo capítulo, dedicamos uma parte da nossa pesquisa para analisar os papéis sociais das mulheres no contexto da Shoah, explorando as experiências e desafios enfrentados tanto por mulheres arianas quanto judias durante esse período sob o regime nazista. Isso nos permitiu compreender de forma mais abrangente as nuances das experiências das mulheres nesse período histórico e as diferenças em como elas foram afetadas pelo regime nazista.

Além disso, ao abordar especificamente as vivências das mulheres arianas e judias na sociedade nazista, consideramos essencial apresentar uma contextualização sobre o período de confinamento de Anne Frank, uma mulher judia que enfrentou a desumanidade tanto na sociedade nazista quanto nos campos de concentração. Acreditamos que essa contextualização ajudará os leitores a compreender de maneira mais profunda o ambiente em que Anne Frank viveu e as dificuldades que ela enfrentou durante esse período. Essa compreensão não se limita apenas a Anne Frank, mas também se estende a todas as mulheres que foram submetidas a crueldade dos campos de concentração.

Conseguimos incorporar testemunhos de mulheres que foram vítimas e sobreviventes da Shoah. Aprofundar nossa pesquisa sobre os papéis sociais desempenhados pelas mulheres naquela época foi uma tarefa importante, embora reflexiva, uma vez que a realidade que elas



enfrentaram foi cruel. Na verdade, as histórias das mulheres do passado e do presente são desafiadoras de absorver. Embora tenhamos contextos e recortes sociais diferentes, continuamos a enfrentar dificuldades e a lutar por nossos direitos e igualdade. Para tanto, destaca-se a importância de entender as experiências das mulheres ao longo da história, a fim de promover a conscientização e a mudança contínua.

Foi uma tarefa desafiadora trazer à tona os relatos da experiência concentracionária de Anne Frank. Ao mergulhar na leitura de *O diário de Anne Frank* somos confrontados com as aflições que ela vivenciou, mas também com a resiliência que a manteve otimista e alegre, apesar de todas as adversidades; entretanto, nos relatos dos últimos meses de sua vida, percebemos a presença marcante do sofrimento, tanto físico quanto subjetivo, que Anne sofreu. Sua dor diante da crueldade do sistema nazista é impactante, levando-nos a refletir sobre como um sistema pôde infligir tamanho sofrimento a tantas pessoas.

Por fim, no último capítulo, examinamos a perspectiva de Anne Frank sobre o papel social das mulheres durante a Shoah e sua própria jornada de autodescoberta, à medida que ela mesma, uma mulher em fase de reconhecimentos biopsicossociais, crescia e se desenvolvia. Percebemos que Anne possuía uma visão analítica e crítica em relação ao papel social das mulheres naquela sociedade. Para ela, as mulheres não deveriam ser limitadas à esfera doméstica e à maternidade; ao contrário, deveriam ter a oportunidade de aspirar a uma vida profissional, de tomar decisões como se casar ou ter filhos, de acordo com sua própria vontade. Anne tinha uma visão progressista sobre a igualdade de gênero e defendia o direito das mulheres de fazerem escolhas que refletissem seus desejos e aspirações pessoais.

Também conduzimos uma análise da jornada de autodescoberta de Anne, explorando o processo psicológico, social e biológico pelo qual ela estava passando. Ao ler o diário de Anne, percebemos claramente que ela estava imersa nessa fase de autodescoberta, e muitas questões relacionadas a esse processo foram abordadas em seus escritos.

O último capítulo foi especialmente significativo, não apenas por marcar a conclusão da dissertação, mas também por me permitir explorar o aspecto que eu tanto desejava investigar no diário de Anne. É surpreendente como, em minha primeira leitura, eu não pensava ou questionava muitos dos aspectos cruciais da narrativa de Anne. É gratificante perceber como podemos desenvolver perspectivas mais críticas e analíticas em relação a uma obra e trabalhar nelas. *O diário de Anne Frank* é muito mais do que apenas um testemunho de uma jovem judia que se escondeu da perseguição nazista. É, também, uma poderosa ferramenta que nos instiga a refletir sobre a humanidade como um todo.

A etapa de composição da pesquisa foi desafiadora. Ingressei no mestrado durante a pandemia, um período que impactou a vida de todos. Eu estava distante da minha família, em um estado desconhecido, enfrentando inúmeras dificuldades. Tenho a certeza de que emergi dessa fase transformada, mas ciente de que essa transformação pode ter tanto aspectos positivos quanto negativos. No meu caso, sendo neurodivergente, os desafios foram ainda mais intensos. Foi extremamente difícil mergulhar nas dores alheias e nas minhas próprias dores. Explorar as histórias e memórias das vítimas da Shoah foi particularmente difícil. Em circunstâncias normais, esse exercício já é árduo, mas fazê-lo durante a pandemia tornou a tarefa ainda mais pesada. O período da pandemia deixou marcas indeléveis na humanidade. Lutos, mudanças e diagnósticos foram apenas alguns dos desafios que enfrentei nesse período, e, sem dúvida, isso teve um impacto profundo em minha pesquisa. Em muitos momentos, as expectativas, desejos e força foram substituídos por momentos sombrios.

Apesar dos aspectos negativos, essa jornada foi também um processo de autodescoberta que me permitiu reconhecer a minha própria força, coragem, resiliência e persistência. Minha dissertação me colocou em um lugar de profunda autoanálise e autorreflexão, tornando-me mais sensível às narrativas e às lutas sociais que enfrentamos no mundo. Ela fortaleceu minha compreensão das complexidades da condição humana e da importância de nos engajarmos nas questões sociais com empatia e conscientização.

Essa jornada também me levou a valorizar minha própria identidade como mulher, permitindo-me ter voz e contribuir para a visibilidade das histórias das mulheres. Foi uma oportunidade de reafirmar o papel significativo que as mulheres desempenham na sociedade e de reconhecer a importância de nossa participação ativa na construção de narrativas que abordam as lutas, conquistas e experiências das mulheres ao longo da história.

Desejo que esta dissertação alcance pessoas que estejam dispostas a estudar, discutir e aprofundar-se em temáticas que, mesmo enfrentando tentativas de silenciamento e apagamento, continuam vivas e à espera de serem valorizadas e compreendidas. Que ela inspire aqueles que desejam se envolver na preservação e no entendimento das histórias que merecem ser contadas e compartilhadas. Que cada leitor encontre nesse trabalho uma fonte de inspiração e conhecimento, promovendo um maior reconhecimento das narrativas subrepresentadas e uma maior valorização das vozes das mulheres ao longo da história.

Com amor,  
Jack Menezes.

## REFERÊNCIAS

ARBOLEYA, Valdinei. **Escrever para falar: a narrativa de testemunho como recriação da existência em Carolina Maria de Jesus e Anne Frank.** Temáticas em Literatura: Cultura, História e Sociedade / Rian Lucas da Silva; Golbery de Oliveira Chagas Aguiar Rodrigues (organizadores).—Formiga (MG): Editora MultiAtual, 2021. 127 p.: il.

ARENDDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal.** Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BARBOSA, J. G., **Educação para a formação da cidadania.** In: I Congresso da Adolescência do Cone-Sul. Londrina-PR, 1997.

BARD, Christine & CHAPERON, Sylvie (dir.) (2017). **Dictionnaire des féministes, France, xviii-xxie siècle,** Paris.

BATISTA, C. K. L.; SILVA, M. M. da. **O diário de Anne Frank e a banalidade do mal em Hannah Arendt: Olhares femininos sobre os horrores do holocausto.** Revista de Ciências Jurídicas e Sociais da UNIPAR. Umuarama. v. 23, n. 2, p. 227-244, jul./dez. 2020.

BATISTA, Suellen; SARMENTO-PANTOJA, Tânia. **Literatura de testemunho e regime militar: breves apontamentos teóricos.** Anais eletrônicos da XIV ABRALIC, Belém, 2014. [https://abralic.org.br/anais/arquivos/2014\\_1434481320.pdf](https://abralic.org.br/anais/arquivos/2014_1434481320.pdf). Acesso em 10 de abril de 2023. Às 19h.

BAUMAN, Z. **Modernidade e holocausto.** Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1998.

BOCK, Gisela. **A política sexual nacional-socialista e a história das mulheres.** In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle (org.) História das Mulheres no Ocidente. O século XX. Lisboa: Edições Afrontamento, 1991.

BOCK, Gisela. **La Mujer em la Historia de Europa.** Barcelona:Crítica, 2001.

BRAHAM, R. **The politics of Genocide. The Holocaust in Hungary,** 2 vol., Columbia University Press, Nova Iorque, 1981, II, p. 708-724 e p. 1109-1112.

BRIATTE, Anne-Laure (2020). **Féminismes et mouvements féministes en Europe.** Encyclopédie pour une histoire numérique de l'Europe.

CASA DE ANNE FRANK. **Deixe-me ser eu mesmo: A história de vida de Anne Frank.** TEXTO DA EXPOSIÇÃO Casa Anne Frank / 2015. Disponível em: [www.annefrank.org.texto-da-exposicao\\_braz-v04](http://www.annefrank.org.texto-da-exposicao_braz-v04). Acesso em: 05 de out. 2021.

CASTRO, Viviane. A função social da maternidade no capitalismo patriarcal: limites e possibilidades. **Revista Ciências Humanas** - UNITAU, Taubaté/SP - Brasil, v15, e31, 2022.

COLE, M., & COLE, S. (2004). **O desenvolvimento da criança e do adolescente**. Porto Alegre: Artmed.

CHOURAQUI, André. **Procès à Jérusalem**. Les Éditions Du Cerf, 29 bd Latour -Maubourg, Paris, 1980.

DELBO, Charlotte (1913-1985). **Auschwitz e depois**; tradução Monica Stahel; posfácio Márcio Seligmann-Silva. 1. ed. São Paulo: Carambaia, 2021.

ENCLICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO. **Bergen-Belsen**. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/bergen-belsen-abridged-article>. Acesso em 20 de junho de 2022. Às 14h.

ENCLICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO. **A cultura no Terceiro Reich**: disseminação da visão de mundo nazista. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/bergen-belsen-abridged-article>. Acesso em 15 jul de 2022. Às 17h.

FINGUERMAN, Ariel. **A teologia judaica do Holocausto**: como os pensadores ortodoxos modernos enfrentaram o desafio de explicar a Shoá. 2008. Tese (doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Língua Hebraica, Literatura, Cultura Judaicas do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP, São Paulo.

FRANK, Anne. **Obra reunida**. Tradução Cristiano Zwiesele do Amaral. 1. ed – Rio de Janeiro: Record, 2019.

FRANK, Anne, 1929-1945. **O diário de Anne Frank**; tradução de Alves Calado. – 84º. ed. – Rio de Janeiro: Record, 2019.

FRANK, A. **Diário de Anna Franks**. Editorial Debolsillo, Contemporanea - España, 2003.

FRANK, A. **Anne Frank Aus den Tagebüchern**. Reclams universal-bibliothek Nr. 19365 2016 Philipp Reclam jun. GmbH & Co. KG, Stuttgart Gestaltung: Cornelia Feyll, Friedrich Forssman Gesamtherstellung: Reclam, Ditzingen. Printed in Germany 2017.

FRANK, A. **The diary of a young girl**: the definitive edition. Edited by Otto H. Frank and Mirjam Pressler Translated by Susan Massotty, 1993.

FRANK, A. **Het Achterhuis**: dagboekbrieven 12 Juni 1941-1 Augustus 1942 (2e druk). Amsterdam: Uitgeverij Contact, 1947.

FRIENDLANDER, Saul. **A Alemanha Nazista e os judeus, volume I: os anos da perseguição, 1933-1939**. Tradução: Fany Kon. São Paulo: Perspectiva, 2012.

FRIENDLANDER, Saul. **A Alemanha Nazista e os judeus, volume II: os anos de extermínio, 1939-1945**. Tradução: Fany Kon. São Paulo: Perspectiva, 2012.

FRIENDLANDER, S. **Probing the limits of representation. Nazism and the final solution**. Cambridge, Londres: Harvard University Press, 1992.

GIES, Miep. **Recordando Anne Frank**: a história contada pela mulher que desafiou o nazismo escondendo a família Frank. Tradução Iris Figueiredo. 1 ed – Belo Horizonte: Editora Gutenberg, 2017.

GILBERT, M. **Auschwitz And The Allies**. Pimlico; 1. ed, 2001.

GIMENEZ, Charlise; HAHN, Noli. A cultura patriarcal, violência de gênero e a consciência de novos direitos: um olhar a partir do direito fraterno. **Revista Paradigma**, Ribeirão Preto-SP, a. XXIII, v. 27, n. 2, p. 110-129, mai/ago. 2018.

GONÇALVES, Joyce. O diário de Anne Frank: violência e resistência. **Revista Escritas do Tempo** – v. 4, n. 12, set-dez/2022 – p. 221-245.

GONÇALVES; SANTOS. “O papel é mais paciente do que os homens”: as narrativas de Erich Remarque (1929) e Anne Frank (1947). **Rev. Interd. em Cult. e Soc.** (RICS), São Luís, v. 2, n. 1, p. 127-149, jan./jun. 2016.

GOMES, Cândido. Adolescência e feminilidade no Anexo Secreto. Todas as Artes. **Revista Lusobrasileira de Artes e Cultura** – Porto – Vol. 3, nº 2, 2020 – p. 85-98.

GOMES, Renata; BALESTERO, Gabriela; ROSA, Luana. Teorias da dominação masculina: uma análise crítica da violência de gênero para uma construção emancipatória. **Libertas** - Ouro Preto-MG - ISSN 2319-0159 - Volume 2 / n. 1 / jan./jun. 2016.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Daniéle. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho**. In: Cadernos de Pesquisa, v. 37 n. 132, p. 595-609, set/dez 2007.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo** [recurso eletrônico]: políticas arrebatadoras / bell hooks; tradução Ana Luiza Libânio. –1. ed. - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. Cole, M., & Cole, S. (2004). O desenvolvimento da criança e do adolescente. Porto Alegre: Artmed.

HUBERMAN-DIDI, G. **Imagens apesar de tudo**. Tradução: Vanessa Brito e João Pedro Cachopo. Lisboa, Portugal: KKYM, 2012.

HOLDEN, Wendy. **Os bebês de Auschwitz**: três jovens grávidas e sua luta pela vida no horror dos campos de concentração nazistas. Tradução Bruno Alexandre – 1. ed – São Paulo: Globo Livros, 2015.

KIRSCHBAUM, Saul. **Ruth Klüger**: uma autobiografia contra a indolência do esquecimento. *Cultura e Literatura Judaicas*, ângulo 120, 2010, p. 54-60.

KIRSCHBAUM, S. (2007). A autobiografia de Ruth Klüger: um depoimento tardio sobre o Holocausto. **Arquivo Maaravi**: Revista Digital De Estudos Judaicos Da UFMG, 1(1), 184–191. <https://doi.org/10.17851/1982-3053.1.1.184-191>. Acesso em 15 de maio de 2023. Às 21h.

KOGON, E., L'État SS. **Le système des camps de concentration allemands** (1946), trad. desc., Paris, Jeune Parque, 1947(ed.1993).

- KONIG, Nanette Blitz. **Eu sobrevivi ao Holocausto**. São Paulo: Universo dos Livros, 2015.
- LACOUÉ-LABARTHE, P; NANCY, J-L. **Le mythe nazi**. Paris: L’Aube, 1996, p.35 (*O mito nazista*. Trad. M. Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras, 2002).
- LACOUÉ-LABARTHE, P. **Tipografia, in Imitação dos modernos**. Trad. J. C. Penna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- LAUB, Dori. **Bearing witness, or the vicissitudes of listening**, in FELMAN, Shoshana e LAUB, Dori. *Testimony. Crisis of witnessing in literature, psychoanalysis, and history*. Nova York e Londres: Routledge, 1992.
- LENGYEL, Olga. **Os fornos de Hitler / Olga Lengyel**. Tradução Celina Portocarrero, Thereza Christina Motta. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.
- LEVI, Primo. **É isto um homem?** tradução de Luigi Del Re – Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- LEVI, Primo. 1919-1987. **Os afogados e os sobreviventes**; tradução de Luiz Sérgio Henriques. 3. ed. São Paulo, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- LINDWER, Willy. **Os sete últimos meses de Anne Frank**; tradução de Mauricio Tamboni. – São Paulo: Universo dos Livros, 2015.
- LOP, Elizandra. Condição da mulher como propriedade em sociedades patriarcais. **Visão Global, Joaçaba**, v. 12, n. 2, p. 231-250, jul./dez. 2009
- LOWER, Wendy. **As mulheres do nazismo**; tradução de Ângela Lobo – Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- MAGRO, Viviane Melo de Mendonça. **Meninas do graffiti: educação, adolescência, identidade e gênero nas culturas juvenis contemporâneas / Viviane Melo de Mendonça Magro**. – Campinas, SP: [s.n.], 2004.
- NARCIZO, Makchwell. **A negação da shoah na História: uma análise dos trabalhos “Negacionistas” enquanto História e o problema da administração da Memória**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História, 2012.
- NEUMANN, Franz. **Béhémot** (citado supra “Um Eichmann de papel” p. 21, nota 15), p. 513.
- OFFEN, Karen (1988). Defining Feminism: A Comparative Historical Approach. **Signs**, vol.14, nº1.
- OLIVEIRA, Lorena. A sexualidade feminina no Brasil: controle do corpo, vergonha e má reputação. **Revista Direito e Sexualidade**, Salvador, v. 1, n. 2, p. 99-117, jun./dez. 2020.
- PROCTOR, Robert. **La guerre des nazis contre le cancer**, ed. Paris, Les Belles Lettres, 2001.

REES, Laurence. **O Holocausto: uma nova história**; tradução Luis Reyes Gil. 2. ed. São Paulo: Vestígio, 2020.

ROCHEFORT, Florence (2018). **Histoire mondiale des féminismes**. Paris: PUF (coleção “*Que sais-je?*”).

ROUDINESCO, Elisabeth. **Retorno à Questão Judaica**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2010.

SANTOS, Marta. **Um estudo sobre o diário de Anne Frank**. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia Aplicada) - Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e Vida – ISPA, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2607/1/14668.pdf>. Acesso em 15 de setembro de 2021. Às 10h.

SALGUEIRO, Wilberth. O que é literatura de testemunho (E considerações em torno de Graciliano Ramos, Alex Polari e André DuRap). **Matraga**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ. Rio de Janeiro, UERJ, v. 19, n. 31, jul./dez. 2012, p. 284-303. Acesso em 12 de abril de 2023. Às 9h.

SARMENTO-PANTOJA, Augusto. **O testemunho em três vozes: testis, superstes e arbiter**. *Literatura e Cinema de Resistência*, Santa Maria, n. 32: Manifestações estéticas dissidentes, p. 5-18, jan.-jun. 2019.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes / Márcio Seligmann-Silva (org)**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local do testemunho**. *Revista Tempo e Argumento*. Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 3–20, jan./jun. 2010.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes**. In: *Proj. História*, São Paulo, (30), p. 71-98, 2005.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Testemunho da Shoah e literatura**. Projeto Temático “Escritas da Violência”, 2008, UNICAMP. Disponível em: <http://www.iel.unicamp.br/projetos/escritas/>. Acesso em 20 de abril de 2023. Às 14h.

SCHLOSS, Eva. **Depois de Auschwitz: o emocionante relato da irmã de Anne Frank que sobreviveu ao horror do Holocausto**. Tradução Amanda Moura. São Paulo: Universo dos Livros, 2013.

SCHNABEL, E. (2003). **No rasto de Anne Frank**. Lisboa: Livros do Brasil.

SILVA, Cristina; SILVA, Junia. Túmulo de papel: narrativas biográficas do trauma em Scholastique Mukasonga. **Mulemba**, Rio de Janeiro, v.14, n. 26, p.170 – 187, jan.-jun. 2022. ISSN:2176-381X.

SOUZA, Antonia. Educação, lutas, desafios e vivências: reflexos de uma sociedade enraizada pelo patriarcado. **D’GENERUS: Revista de Estudos Feministas e de Gênero** v. 1, n.1, 2022. UFPEL: Pelotas, RS. Edição Especial.

SOUZA, Lilian. **Vozes femininas trajetórias de sobreviventes do Holocausto radicadas no Brasil(1933-1960)**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Estudos Judaicos do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, para obtenção do título de Mestre em Estudos Judaicos, São Paulo, 2014.

THION, Serge. **Vérité historique ou vérité politique: Le Dossier de l'affaire Faurisson, la question des chambres à gaz**. La Vieille Taupe, 1980.

VASQUEZ, María Gabriela. **Las mujeres y la Shoá: el caso de las auxiliares SS**". *In*: Nuestra Memória. Publicacion del Museo Del Holocausto. Año XVI, N° 34, Diciembre de 2010.

VIDAL-NAQUET, Pierre, 1930. **Os assassinos da memória: um Eichmann de papel e outros ensaios sobre o revisionismo**. tradução Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 1988.

ZAPRUDER, Alexandra. **Salvaged pages: young writers' diaries of the Holocaust / collected and edited by Alexandra Zapruder**. 1. Jewish children in the Holocaust—Diaries.2. Holocaust, Jewish(1939–1945). Personal narratives.I. Zapruder, Alexandra, 2001.